



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**  
**TECNOLÓGICA**  
**INSTITUTO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR E INTERCULTURAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E**  
**QUALIDADE DE VIDA**

**AYLLA CRISTINA SOUSA RIBEIRO**

**ETNOBOTÂNICA, CULTIVO SUSTENTADO, USO TERAPÊUTICO DE PLANTAS**  
**MEDICINAIS:**  
**HÁBITOS CULTURAIS DE SAÚDE E A QUALIDADE DE VIDA EM**  
**COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO BAIXO AMAZONAS**

**Santarém-PA**

**2022**

**AYLLA CRISTINA SOUSA RIBEIRO**

**ETNOBOTÂNICA, CULTIVO SUSTENTADO, USO TERAPÊUTICO DE PLANTAS  
MEDICINAIS:  
HÁBITOS CULTURAIS DE SAÚDE E A QUALIDADE DE VIDA EM  
COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO BAIXO AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Mestrado Acadêmico em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida – PPGSAQ, do Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural (IFII) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como exigência para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.  
Orientador: Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino

**Santarém-PA**

**2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA  
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

No vigésimo terceiro dia do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e dois, dezessete horas, por meio remoto <https://meet.google.com/gnv-gmdx-wow>, instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado da discente Aylla Cristina Sousa Ribeiro. A banca examinadora foi composta pelos professores: Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior, Examinador Externo, Dra. Alanna do Socorro Lima da Silva, Examinadora Interna e Dr. Itamar Rodrigues Paulino, orientador da discente. Deu-se início a abertura dos trabalhos por parte do professor Itamar Rodrigues Paulino, presidente da banca, que após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, solicitou a discente que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada “Etnobotânica, Cultivo Sustentado, uso Terapêutico de Plantas Medicinais: Os Hábitos Culturais de Saúde e a Qualidade de Vida em Comunidades Quilombolas do Baixo Amazonas”, marcando um tempo de quarenta minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o professor Itamar Rodrigues Paulino, passou a palavra aos examinadores para arguir a discente. Terminadas as arguições, o presidente da banca solicitou aos presentes que se retirassem da sala, para a realização do julgamento do trabalho, concluindo a Banca Examinadora por sua **aprovação**, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa, no prazo máximo de sessenta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora. Conforme o Artigo 57 do Regimento Interno do Programa, a discente não terá o título se não cumprir as exigências acima.

Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino  
Presidente

Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior  
Examinador Externo - UnB

Profa. Dra. Alanna do Socorro Lima da Silva  
Examinadora Interna

Aylla Cristina Sousa Ribeiro  
Mestranda



**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-  
PUBLICAÇÃO (CIP)  
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIBI/UFOPA**

---

R484e Ribeiro, Aylla Cristina Sousa

Etnobotânica, cultivo sustentado, uso terapêutico de plantas medicinais: hábitos culturais de saúde e a qualidade de vida em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas./ Aylla cristina Sousa Ribeiro. – Santarém, 2022.

128 p. : il.

Inclui bibliografias.

Orientador: Itamar Rodrigues Paulino.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.

1. Cultura. 2. Saúde coletiva . 3. Plantas medicinais. I. Paulino, Itamar Rodrigues, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed.

---

581.634098115

Bibliotecária - Documentalista: Cátia Alvarez – CRB/2 843

## RESUMO

O processo saúde-doença e sua conceituação acompanham a evolução histórica da humanidade, assim como a discussão em torno dos hábitos culturais, considerando que as culturas são frutos de experiências interpessoais e de relações estabelecidas com o meio em que elas vivem. Desde tempos remotos as plantas medicinais fazem parte do processo evolutivo humano, sendo utilizadas como recursos terapêuticos em distintos locais no mundo. De fato, o conhecimento popular tem se valorizado cada vez mais por conta de saberes e práticas que envolvem plantas medicinais e suas aplicações com finalidades terapêuticas nas mais diversas comunidades humanas até os dias atuais. A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar a etnobotânica, cultivo sustentado e o uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas da região do Baixo Amazonas. Nossos objetivos específicos são o de apresentar quais plantas medicinais estão sendo utilizadas nas comunidades para fins terapêuticos, investigar a relação entre hábitos culturais e saúde coletiva com a qualidade de vida das comunidades quilombolas do Baixo Amazonas; bem como investigar possíveis transposições de plantas medicinais da África para a Amazônia. Pretendemos alcançar esses objetivos para assim responder à nossa questão científica, a saber: *a etnobotânica, o cultivo sustentado e uso terapêutico de plantas medicinais por comunidades quilombolas da região do Baixo Amazonas são hábitos culturais que influenciam e favorecem a qualidade de vida de seus moradores?* Para tanto, as investigações serão feitas por meio de coleta de informações resultantes de narrações de erveiros, benzedeiros e demais pessoas envolvidas com a manipulação de plantas medicinais nas comunidades quilombolas na região da cabeceira de São Paulo, no município de Óbidos – Pará, além de expor possíveis relações entre as plantas medicinais cultivadas em território quilombola com plantas medicinais africanas. A trajetória metodológica desse estudo está baseada na pesquisa bibliográfica e na história oral dos comunitários sobre o tema. Com a pesquisa foi possível alcançar resultados que demonstram a ocorrência do uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas do oeste do Pará e sua relação com hábitos culturais da comunidade e com a saúde coletiva.

Palavras-Chaves: Cultura. Saúde coletiva. Plantas medicinais.

## ABSTRACT

The health-disease process and its conceptualization follows the historical evolution of humanity, as well as the discussion around cultural habits, being cultures the result of interpersonal experiences and relationships established with the environment in which they live. Medicinal plants have been part of the human evolutionary process since ancient times, as they have been used as therapeutic resources in different places in the world. In fact, popular knowledge has been increasingly valued due to practical wisdom involving medicinal plants and their applications for therapeutic purposes in the most diverse human communities until the present day. The present research has as general objective the investigation of ethnobotany, sustainable cultivation and the use of medicinal plants in Quilombo communities [Black Communities] in the Lower Amazon region. Our specific objectives are to present which medicinal plants are being used in communities for therapeutic purposes, to investigate the relationship between cultural habits and collective health with the quality of life of Quilombo communities in the Lower Amazon; as well as to investigate possible transpositions of medicinal plants from Africa to the Amazon. We intend to achieve these objectives to answer our scientific question, namely: are ethnobotany, the sustainable cultivation and therapeutic use of medicinal plants by Quilombo communities in the Lower Amazon region are cultural habits that influence and favor the quality of life of its residents? So to achieve this goal, the investigations will be carried out through the collection of information resulting from the narrations of herbalists, faith healers and other people involved with the manipulation of medicinal plants in the Quilombo communities in the region of the headwaters of São Paulo, in the municipality of Óbidos – Pará; in addition we shall expose possible relationships between medicinal plants cultivated in Quilombo territory with African medicinal plants. The methodological trajectory of this study is based on bibliographic research and the oral history of community members on the subject. The research intends to achieve results that demonstrate the occurrence of the use of medicinal plants in Quilombo communities in western Pará, and thus make a relationship with the cultural habits of the community and its collective health.

Keywords: Culture. Collective health. Medicinal plants.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Mapa do Município de Óbidos.....	49
<b>Figura 2:</b> Comunidades Quilombolas localizadas no território das Cabeceiras de São Paulo.....	50
<b>Figura 3:</b> Comunidade Quilombola Silêncio do Matá.....	53
<b>Figura 4:</b> Comunidade Quilombola Matá.....	54
<b>Figura 5:</b> Barcos de Transporte no Rio Amazonas.....	55
<b>Figura 6:</b> Braços do Rio que Dão Acesso às Comunidades Quilombolas.....	55
<b>Figura 7:</b> Irupês na entrada do Quilombo Silêncio.....	56
<b>Figura 8:</b> Extensão Marginal do Igarapé Açu, na Entrada do Quilombo.....	56
<b>Figura 9:</b> Arquitetura das Casas de Madeira e Alvenaria da Comunidade São José..	57
<b>Figura 10:</b> Arquitetura de Casa de Madeira com Telhado de Palha e Açaizeiro.....	57
<b>Figura 11:</b> Livro Artesanal do Curso de Medicina Caseira do Ano 2000, de Posse da Senhora Zélia da Cruz Souza.....	59
<b>Figura 12:</b> Jardim de uma Casa no Quilombo/Mocambo Silêncio, Cuidado por uma Mulher da Comunidade.....	63
<b>Figura 13:</b> Mulheres na Casa de Farinha em Trabalho de Torrefação da Mandioca..	63
<b>Quadro 1:</b> Registro de Certidão expedido às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ) Silêncio e Matá, no município de Óbidos – PA.....	61



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I: INVESTIGAÇÃO SOBRE CULTURA E SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES .....</b>	<b>13</b>
1.1 Investigações sobre o conceito de cultura .....	13
1.2 Cultura Quilombola na Região do Baixo Amazonas .....	20
1.3 Comunidades negras no norte e formação da história afroamazônida .....	23
<b>CAPÍTULO II: CONCEPÇÕES SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS .....</b>	<b>34</b>
2.1 plantas medicinais e sustentabilidade aliada à saúde.....	35
2.2 Hábitos culturais e saúde coletiva.....	38
2.3 Uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas como afirmação de identidade .....	42
<b>CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>48</b>
3.1 Quanto aos Procedimentos da Pesquisa .....	49
3.2 Quanto aos instrumentos de coleta de dados e os sujeitos da pesquisa ..	50
3.3 Quanto ao local e período da pesquisa.....	50
3.4 Quanto à Análise dos Dados.....	52
3.5 Dos Procedimentos Éticos .....	52
3.6 Dos Procedimentos de Biossegurança .....	53
3.5 Quanto ao questionário Semiestruturado para o registro de relatos e coleta de Informações em Campo .....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>117</b>

## INTRODUÇÃO

O uso medicinal de plantas é um hábito vivido por diversos povos ao longo de várias gerações. O conhecimento sobre o uso dessas plantas é um legado repassado por familiares e comunidades, na forma de saber cultural e possui uma riqueza incalculável que se não registrado se perde com o passar dos tempos. Tal conhecimento se perpetua na memória de um grupo social por ser válido e coerente; é um saber transferido a todo o momento fazendo sentido para as pessoas e comunidades. O grande potencial da biodiversidade brasileira fomenta o desenvolvimento de produtos inovadores que, por sua vez, contribui com o desenvolvimento sustentável. O desenvolvimento sustentável é uma proposta urgente que tem demandado novas posturas da sociedade diante dos desafios climáticos dos tempos atuais, além de exigir de governo e sociedade novos modelos de gestão socioambiental, incluindo a valorização das culturas na de preservação da natureza e do seu uso sustentado.

O desenvolvimento sustentável aliado à saúde vem sendo discutido em vários espaços da sociedade. São os esforços amplos de governos, instituições, sociedade e indivíduos preocupados com a finitude ou impacto na qualidade dos recursos naturais como a água, solo e ar que estão norteando as discussões e propondo saídas para desagrar a situação climática caótica que estamos vivendo, fruto dos insustentados modelos econômicos, sociais e culturais do mundo atual (BARBOSA, 2008) .Por diversas vezes, essa temática é confundida com crescimento econômico e, quando isso ocorre, o crescimento torna-se insustentável, ameaçando a já fragilizada qualidade da vida humana. Assim, na antiguidade as plantas medicinais eram usadas como recursos terapêuticos e esse processo se estende até os dias de hoje. Especificamente no Brasil, a grande biodiversidade local coloca o País como um dos mais potentes no fomento de pesquisas com plantas para a criação de produtos fitofarmacêuticos e produtos naturais, que atualmente representam um mercado que movimenta bilhões de dólares, tanto em países industrializados como naqueles em desenvolvimento. Para além dessa condição mercadológica, é preciso considerar que o conhecimento brasileiro sobre plantas medicinais é fruto de uma diversidade cultural que possui raízes históricas entre pajés, benzedeiros, benzedoras, erveiros, fazedores de garrafadas, pais-de-santo, mães-de-santo, e comunidades que mantêm suas tradições vivas de geração em geração. A medicina tradicional, que é baseada

na experiência e sabedoria populares, quando passa a ser aliada da medicina científica, novos tratamentos surgem para amenizar o sofrimento e salvar vidas ou para prevenir danos futuros à saúde da coletividade.

A valorização das culturas tradicionais e a saúde coletiva, considerando o uso de plantas medicinais, contribuem para a preservação das identidades e memórias da comunidade, alinhando valorização da biodiversidade, desenvolvimento sustentável com a saúde e com práticas culturais de qualidade de vida. Temos observado por meio das pesquisas que plantas medicinais de todo o mundo são fontes de esperanças no tratamento de diversas doenças. A floresta amazônica como manancial de diversidade pode dar respostas bastante válidas a questões como o fomento de produtos medicinais e medicamentosos. Entretanto, isso somente ocorrerá com fomento de pesquisa nacional e investimento nas universidades brasileiras, bem como com a irremediável proteção da floresta.

Nossa dissertação é sobre as plantas medicinais e pessoas que atuam na sua manipulação com o objetivo de restaurar e/ou conservar a qualidade da saúde coletiva de comunidades quilombolas na região do Baixo Amazonas e faz parte da pesquisa desenvolvida durante o curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida (PPGSAQ), pelo Centro de Formação Interdisciplinar (CFI), da Universidade Federal do Oeste Pará (UFOPA). A pesquisa também compõe o projeto de Biodiversidade e Promoção da Saúde na Qualidade de Vida e Desenvolvimento Socioeconômico na Amazônia, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A presente investigação tem como objetivo geral investigar a etnobotânica, cultivo sustentado e o uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas. Nossos objetivos específicos são o de apresentar quais plantas medicinais estão sendo utilizadas nas comunidades com finalidade terapêutica, investigar a relação de hábitos culturais e saúde coletiva com a qualidade de vida das comunidades quilombolas do Baixo Amazonas, produzir um estudo comparado de plantas medicinais utilizadas em território quilombola na Amazônia com plantas utilizadas para fins terapêuticos em regiões africanas que sofreram diáspora compulsória e aportamento de africanos escravizados em portos do norte brasileiro, no período colonial, ou seja, intentamos investigar possíveis transposições de plantas medicinais da África para a Amazônia, por meio de estudos de origem ambiental das plantas utilizadas pelas comunidades pesquisadas.

Ao final, intenta-se expor os resultados e discussões da pesquisa sobre etnobotânica, cultivo sustentado, uso terapêutico de plantas medicinais: os hábitos culturais de saúde e a qualidade de vida em comunidades quilombolas do baixo Amazonas, a partir das narrações de erveiros, benzedeiros e as demais pessoas envolvidos com a manipulação de plantas medicinais presentes nas comunidades quilombolas em uma região conhecida como cabeça de São Paulo, no município de Óbidos – PA e, assim, responder à nossa questão científica, a saber: *a etnobotânica, o cultivo sustentado e uso terapêutico de plantas medicinais por comunidades quilombolas da região do Baixo Amazonas são hábitos culturais que influenciam e favorecem a qualidade de vida de seus moradores?*

Nosso interesse por essa temática surgiu a partir de visitas no município de Óbidos - Pará para observação e pesquisas sobre a riqueza cultural local. A prática de uso de remédios retirados diretamente da natureza são realidades presentes tanto na cidade como em comunidades ribeirinhas e quilombolas da região amazônica. Essa realidade vem se evidenciando cada vez mais por conta do reconhecimento do valor, da importância e da necessidade de se reconhecer as potencialidades terapêuticas de plantas utilizadas por populares de comunidades. Isto fica ainda mais óbvio com a Política de Plantas Medicinais e Fitoterápicas implantada no País nos últimos anos e que traz como proposta reconhecer práticas tradicionais do uso de plantas medicinais. Nesse sentido, levanta-se a necessidade de saber se há incentivo por partes da Federação e suas unidades na promoção e desenvolvimento de apoio a comunidades que desenvolvem a temática.

Este texto está organizado em três capítulos. O primeiro discorre sobre a discussão de culturas em seus diferentes tempos, o conceito de cultura para diferentes autores e a transformação do conceito de acordo com a visão de cada um. Também abarca concepções acerca da cultura quilombola existente na região do Baixo Amazonas relacionada à identidade e à memória, além de expor a relação de comunidades negras no norte e formação da história afroamazônica como ferramenta de resistência diante da história apresentada pelo colonizador. O segundo capítulo apresenta concepções sobre o uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas, a relação do sagrado com o processo de cura e, também, a relação de hábitos culturais e saúde coletiva. O terceiro capítulo apresenta os caminhos que percorreram esta pesquisa e os procedimentos metodológicos a serem utilizados. As investigações estarão concentradas em depoimentos narrativos de erveiros,

benzedeiros e demais personagens que atuam na manipulação de plantas medicinais em comunidade quilombolas. Também, há a descrição dos fundamentos, procedimentos metodológicos e das técnicas e instrumentos utilizados para a abordagem qualitativa. Por fim, nas nossas considerações finais apresentaremos respostas diversas para as indagações que propomos responder com a pesquisa. Espera-se que nesse formato, a dissertação se apresente de forma didática e organizada para que o leitor consiga obter uma visão de compreensão crítica e valorativa do texto.

## CAPÍTULO I

### INVESTIGAÇÃO SOBRE CULTURA E SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Pensadores de diversas épocas apresentaram um conceito de cultura através de suas perspectivas e vivências. Para Tylor (1871), por exemplo, o conceito estaria relacionado à junção de diversos aspectos como costume e moral, que assim levaria a formulação de uma identidade. Já para Bosi (1996) o termo cultura possui origens do latim *Colere*, que significa habitar, cultivar e proteger em uma relação direta com a agricultura e de cuidado com o solo. Do século XVIII em diante, o termo ganhou novos ares que ultrapassaram as barreiras da agricultura com um movimento sociocultural na Alemanha que visava a desenvolver conceitos sobre a organização desse povo.

Dentre os pensadores modernos que pautaram essa discussão o nome do inglês Edward Burnett Tylor (1832-1917), encontra-se entre os mais importantes. Em 1855, viajou para a América, para fazer estudos antropológicos nos Estados Unidos, México e em Cuba (CASTRO, 2005). Em 1865, Tylor publicou o livro intitulado “Pesquisas sobre a antiga história da humanidade e o desenvolvimento da civilização” que organizava as descobertas recentes da arqueologia e antropologia. Daí em diante suas descobertas na área levaram a outras escrituras, como do seu livro mais importante “Cultura Primitiva: pesquisas sobre o desenvolvimento da mitologia, filosofia, religião, arte e costume”, dele surge seu reconhecimento como o pai da Antropologia Cultural por ter dado pela primeira vez um conceito mais formal de cultura, sendo:

Cultura ou civilização, tomada em seu amplo sentido etnográfico, é esse todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. A condição de cultura entre as várias sociedades da humanidade, na medida em que é capaz de ser investigada em princípios gerais, é uma matéria apta para o estudo das leis do pensamento e da ação humana. Por outro lado, a uniformidade que impregna tão amplamente a civilização pode ser atribuída, em grande medida, à ação uniforme de causas uniformes; enquanto, por outro lado, suas várias gradações podem ser consideradas como estágios de desenvolvimento ou evolução, cada um dos resultados da história anterior, prestes a fazer sua parte adequada na formação da história do futuro (TYLOR, 1871, p. 01).

#### 1.1 Investigações sobre o conceito de cultura

De acordo com nossas pesquisas sobre a questão cultural, principalmente as discussões ocorridas a partir do século XIX, constatamos um processo de sistematização conceitual do termo Cultura. Embora não possamos desconsiderar que a prática cultural ocorre desde a percepção existencial humana, desde os tempos primórdios, as discussões teóricas sistemáticas de fato ganharam força durante do desenvolvimento do movimento Iluminista. Já nesta época, o pensador inglês Edward Tylor tratou de conceber um modelo de movimento cultural de raiz evolucionista. Segundo Tylor (TYLOR, 1871), o desenvolvimento da sociedade deveria ter um único caminho padronizador, que seria o caminho da evolução cultural e que esse caminho determinaria o processo civilizatório.

Esse processo teria três graus ascendentes. Uma sociedade que se propunha civilizada deveria passar pelo estágio da selvageria, barbárie, para finalmente atingir o estágio de civilização. Somente diante disso seria possível estar um indivíduo culturalmente adequado ao processo civilizatório. Embora o propósito desta conceptualização fosse o de perceber o conceito de um modelo padrão com a formação da sociedade humana, o próprio conceito de Tylor encontrou resistência por parte de outros teóricos que apontaram conflitos entre natureza humana e condições humanas. Sua formulação conceitual em muito está ligada à realidade de sua época, quando a Inglaterra ainda se afirmava como uma nação mais desenvolvida na modernidade. Logo, essa proposição que tinha a Inglaterra como parâmetro passou a ser usada para se fazer comparação com outras realidades culturais. Essa concepção também é denominada de etnocentrismo, marco histórico para se estudar e compreender a temática do relativismo cultural.

A postura de julgar o mundo do outro a partir dos moldes do seu mundo cria desigualdades que no lugar de unir, distanciam a possibilidade de absorver novos conhecimentos através da observação. Toda referência aos povos primitivos deve ser feita no sentido de compreender a realidade de sua época e desvendar quais processos os levaram a determinadas práticas culturais. Há uma série de ideologias que alcançam nossos dias apregoando concepções de cultura que consideram processos de hierarquização entre povos, tendo os não europeus como selvagens e bárbaros e os europeus como civilizados.

No período das grandes navegações e da descoberta de terras para além do centro europeu cujas paisagens incluiriam a presença de pessoas, a condição assumida pelos europeus de supremacia religiosa, pregando indiscriminadamente a

disseminação da fé cristã abraçada ao poder imperial romano e após a queda de Roma, abraçada a si mesma e condicionando os diversos poderes estatais europeus à autoridade papal, o senso de superioridade do europeu branco e autodeterminado em sua dominação acabou por direcionar as relações entre povos no mundo inteiro. Assim ocorreu com os povos da África e das Américas.

O preço pago foi o massacre de milhares de pessoas que eram vistas como inferiores e ímpias e que, segundo a ótica do mundo europeu, precisavam ser libertos de seus primitivismos “animalescos” a qualquer custo, sobre a ótica do mundo europeu. Larissa Costa da Mata expõe que o termo primitivismo apareceu pela primeira vez no *Nouveau Larousse Illustré* (1897-1904).

A título de esclarecimento sobre a “imitação dos primitivos”, referindo-se à arte inspirada nos artistas do passado, como os pintores italianos e flamengos dos séculos XIV e XV, estendendo-se à arte peruana e à javanesa. No século XIX, influenciados pelo darwinismo social e pela antropologia, pintores primitivistas como Paul Gauguin (1848-1903) valorizavam a simplicidade e a ingenuidade - e mesmo a rusticidade - da arte de povos não ocidentais, que passam a denominar de “selvagens” por se distinguirem da tradição realista greco-romana. Apenas nas primeiras décadas do século XX, o seu sentido começa a ter um escopo reduzido, passando a designar, primordialmente, os povos africanos e oceânicos - razão pela qual, em Paris, também se tornou comum denominar a arte primitiva de “*l'art nègre*”<sup>1</sup>. Assim sendo, desconstruir o conceito implicaria fazer uma opção entre o primitivo na qualidade de gênese ou de irrupção e de metamorfose. No primeiro dos casos, equivaleria ao sentido de herança e proveniência; no segundo, a pós e pré-história encontram-se implicadas no mesmo fenômeno, de modo que o primitivo não seria a forma, mas uma força latente capaz de modificar o presente. (MATA, 2018, p. 119).

Podemos perceber nas palavras de Mata a dificuldade dos intelectuais europeus de sair de sua condição autoreferenciada de povo civilizado em relação aos povos não europeus incivilizados. Mário de Andrade, em suas “Crônicas de Malazarte”, publicada na revista *América Brasileira*, de 1924, postula precisamente:

Agora a civilização, já tirou um dos seus pés da Europa e o lançou, gesto agílimo! através dos atlânticos. Pousou-o delicadamente nas Américas. (...) Derrubou florestas, esborrachou bisontes e jabuticabas, matou índio que não foi vida! Que pena! Mas a Europa vai ficando Oriente. (ANDRADE, 1924, p. 35).

---

<sup>1</sup> Sobre a “*l'art nègre*”, consultar: RHODES, Colin. *Primitivism and modern art*. London: Thames and Hudson, 1994; RUBIN, William. *Modernist primitivism: an introduction*. In: “Primitivism” in 20th century art: affinity of the tribal and the modern (catálogo da exposição). v. I. New York: Museum of Modern Art, 1984, p. 1-79.



No século das luzes, quando mais uma vez o homem branco passa a ser exaltado pela manipulação da sua razão para criar e relacionar sua criação com o mundo, a burguesia buscava dominar o comércio e as culturas dos lugares de recém-descoberta. Conjuntamente também se pode destacar a teoria da evolução de Charles Darwin (1808-1882) que consiste, resumidamente, na ideia de capacidade de sobrevivência daquele que melhor se adapta ao meio e não àquele considerado o mais forte.

Segundo Waizbort (2001), a teoria de Darwin interpreta as espécies como uma história de transformações lentas e graduais. Ele focou suas observações no processo de transformação biológica das espécies que o levou a formular a teoria da seleção natural. Por conseguinte, a teoria do evolucionismo cultural que tem Tylor como precursor que defende as culturas em escalas em que umas estariam mais próximas do topo, enquanto outras não, e que para alcançar o topo precisariam desfazer de suas estruturas para assumir estruturas culturais europeias, com os costumes que elas exigiam, com a justificativa da existência de estágios que resultaria na convergência para a cultura mais “perfeita”, a europeia. É nessa perspectiva que entre os séculos XIX e XX, o Darwinismo social começou a defender a existência de sociedades superiores e aquelas que se sobressaíssem acabariam governando as demais, que deveriam se adaptar, ou deixariam de existir com o tempo. Essa tese tem relação com a Teoria da Evolução de Charles Darwin.

Na França, assim como na Alemanha do século XVIII e XIX, houve uma confusão quanto à interpretação do conceito de cultura e civilização, pois à época, o ato civilizacional como razão cultural também era um ideal de elite. No século XIX, o Iluminismo também tinha sua grande influência e isso repercutiu nos pensamentos de Tylor, para quem o homem é um todo universal e todos possuem a mesma capacidade de alcançar o estágio mais alto da civilização; seu marco de distinção estaria em alcançar o marco civilizatório. Então, para indicar se um grupo seria mais primitivo ou não, no contexto da civilização, bastaria observar como funcionava sua racionalidade. Se a tinha, o grupo era considerado mais civilizado e detentor de cultura (CASTRO, 2005).

Outro autor importante que trabalhou o conceito de cultura foi Franz Boas (1858-1952). Seu princípio de pesquisa chamado de “Particularismo Histórico” analisava as particularidades de cada sociedade, mostrando que existem diferentes desenvolvimentos históricos resultantes de distintos processos, logo o fenômeno

cultural era algo relativo. Tal ideia se contrapõe ao determinismo do meio ambiente e das características biológicas, sendo uma ferramenta ao antirracismo (OLIVEIRA, 2014). Logo, o embate de Boas com o evolucionismo cultural visava à reavaliação de pressupostos firmados na época e que direcionavam à pesquisa antropológica. Para Boas, a noção de cultura estava relacionada à concepção histórica e não era viável comparar todas as culturas com a cultura europeia, pois ela não poderia ser a régua do mundo.

Pode-se citar também Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942), antropólogo que realizou estudos de etnografia usando um método rigoroso com a permanência prolongada do pesquisador junto à comunidade estudada. Decerto, que anteriormente a ele, outros pesquisadores efetuaram pesquisas de campo usando a etnografia, no entanto, nenhum tinha feito de forma intensiva, com contato direto através do uso da língua nativa e com rigor metodológico. Malinowski defendia que a cultura seria fundada em uma noção dada pela biologia, em uma natureza humana e que também a pesquisa etnográfica seria responsável por “estabelecer o contorno firme e claro da constituição tribal e delinear as leis e padrões de todos os fenômenos culturais e isolados” (MALINOWSKI, p. 24, 1978). Com seus estudos sobre sociedades ele observou que elas possuem problemas parecidos como as necessidades básicas de alimentação, de locomoção, entre outras. Essas e outras características eram semelhantes, não importaria o grupo a ser observado, a diferença estava na resposta a ser dada para cada problema, pois cada sociedade respondia a essas questões de forma distinta.

Outro autor que também engrandeceu as discussões sobre cultura foi Lévi-Strauss (1908-2009). No seu texto “Race et Histoire” de 1952, ele levanta a discussão sobre o evolucionismo cultural por meio das visões de autores como Jacques Turgot (1727-1781) e Edward Burnett Tylor (1832-1917). Para Lévi-Strauss “todo progresso cultural é função de uma coligação entre as culturas” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 22). Assim, para haver progresso é necessário o encontro de culturas para que os frutos desse processo beneficiem os lados envolvidos. A interação entre grupos gera o enriquecimento de saberes, pois as trocas de experiências permitem que um saber complemente o outro e não anule, gerando novas compreensões sobre o meio e como ele é interpretado individualmente na construção de sua realidade.

Clifford Geertz (1916-2006), no século XX, também levantou o debate sobre cultura na perspectiva de analisar esse processo com mais vínculo com a construção

social do que com o meio físico. Assim, Geertz propõe um conceito inovador e mais subjetivo sobre cultura:

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, como uma ciência interpretativa, à procura de significados (1978, p. 15).

Para ele a busca por conhecimento no meio da cultura deveria também se pautar na análise sobre o que tem sido transmitido por meio dela e as condições a que permitem continuar viva. Essas discussões também chegaram a terras brasileiras. Gilberto Freyre, pernambucano e considerado um dos maiores pensadores brasileiros, apontou a miscigenação brasileira como sendo o nascimento de um novo povo. Na obra “Casa Grande e Senzala”, ele discute o multiculturalismo e interculturalidade na tentativa de compreender as relações sociais do período colonial brasileiro. Pelo exposto, a dimensão cultural é um espaço diligente permeado por conflitos de ideias, pois cada sociedade passou e passa por diversas experiências humanas e, a partir daí, o assunto se abre em leques que vão desde o mais subjetivo ao mais pragmático e objetivo.

Outro autor importante é Paulo Freire (1921-1997), também pernambucano e nascido na cidade de Recife, educador brasileiro e um dos maiores pensadores na história da educação mundial, reconhecido, principalmente, com a difusão de um ensino mais crítico e humanitário. Em 1960, Freire se torna um dos fundadores do movimento “Cultura Popular” de Recife que pesquisava a cultura de Recife. Para Freire, cultura seria tudo o que o homem consegue produzir e reproduzir em suas diversas formas de expressão como a fala e as artes. Freire destaca que cultura também é a visão que o homem tem da sua própria cultura (FREIRE, 1979). Logo, cultura também é fruto de experiência, mas não de repetição já que a consciência humana é capaz de captar a realidade e, também, de transformá-la.

Dessa maneira, tais exposições nos fazem perceber como pensadores de diversas áreas e épocas buscaram construir uma explicação para o que são nossos costumes e como eles refletem quem somos e porque somos com o passar dos tempos. A discussão sobre o tema ainda avança e vem sendo desenvolvida devido à sua abrangência e complexidade, pois muitas transformações acompanham a história da evolução humana. Segundo Silva e Paulino (2019), isso implica afirmar que a

cultura é essencialmente um instrumento responsável por dar ao ser humano a capacidade de criar estruturas para satisfazer suas necessidades, porém que ultrapassa os limites e adaptações à lógica do meio ambiente. Assim, essa ação irá exigir do ser humano o senso coletivo, o que resulta em afirmar que a cultura transforma indivíduos em grupos coletivamente organizados. Seria possível afirmar, então, que cultura é uma aquisição social do ser humano, ou seja, nós adquirimos cultura através da convivência.

Por isso, é fundamental considerarmos culturas como expressões de identidades e memórias e, no caso do Brasil, são elas responsáveis por enriquecer as diversidades existentes (SILVA; PAULINO, 2019). Logo, “Cultura é uma dimensão fundamental da vida humana” (PAULINO, 2017, p. 149). No período da Idade Moderna, o pensamento científico reduziu o processo de conhecimento à objetividade. Os acontecimentos eram expostos por meio de formas demonstráveis e calculáveis, previsíveis e preditíveis. Discussão sobre cultura alcança muitas vertentes, sendo possível observar que cultura é uma experiência universal.

Nesse sentido, Segundo Silva e Paulino (2019), a cultura em sua essência é um instrumento que ajuda o ser humano na criação de estruturas para satisfazer suas próprias necessidades. Por conseguinte, segundo expõe Paulino (2017) o Brasil pode ser mencionado como exemplo de diversidade cultural, pois expressa a identidade e memória de uma nação que possui distintas matrizes culturais fruto de circunstâncias históricas discordantes. O passado do Brasil é constituído de encontros e desencontros das culturas originárias, europeias e africanas, de culturas indígenas, europeias e africanas. A diversidade de costumes, conceitos morais, religião, cosmovisões coletivas, expressões sociais existentes, uso de linguagem, símbolos e manejo do próprio meio ambiente são diversos, no entanto, particulares. Nesse sentido, é possível apresentar e discutir a identidade do povo brasileiro. (PAULINO, 2017). Paulino menciona que,

A formação de uma identidade cultural é algo que depende de diversos fatores e seu reconhecimento é tanto mais plausível quanto mais forem realizadas práticas singulares de cultura daí resultantes. Embora seja fundamental a identidade de um grupo cultural para sua existência, porque revela a qualidade do idêntico entre entes participantes, não se pode negar que processos identitários são relativos devido ao caráter dinâmico da formação cultural de um povo (PAULINO, 2017, p. 156).

Nessa perspectiva, os processos de formação de identidade são relativos e dependem de muitos fatores para sua construção. Cada expressão de cultura é fruto de suas raízes que sobrevivem aos tempos diante do processo de evolução de humanidade.

## **1.2 Cultura Quilombola/Mocambeira na Região do Baixo Amazonas**

Na Amazônia brasileira, não diferente das outras partes do país, a questão cultural também é bastante complexa. Se considerarmos que a Amazônia não é um lugar de homogeneidades, conforme assevera Paulino, ao apresentar uma síntese do patrimônio cultural amazônico:

Afirmção do caráter heterogêneo das expressões de cultura, ou seja, a Amazônia não é um espaço culturalmente homogêneo. Sequer a floresta o é, e se a floresta não o é, nem mesmo seu povo e suas manifestações culturais adaptadas à diversidade florestal seria um todo homogêneo. Os diferentes ecossistemas da região são desafios às suas populações e exige delas perspicácia, inovações técnicas e tecnológicas, para lidar com tanta diversidade. Terra firme, várzea, planaltos e montanhas, serras e planícies, acidentes geológicos de todos os tipos, paisagens de campos gerais, florestas densas e de savana, veredas, manguezais e igapós, espécies vegetais de variadas formas, ciclos de enchente e vazante de rios, águas correntes de cores turvas e límpidas, complexos hídricos, igarapés e cachoeiras, animais de diversas espécies povoando céus, terras e rios, formam o patrimônio amazônico natural que garante um cenário singular para o desenvolvimento das mais diversas culturas e para a manutenção da vida econômica de suas comunidades (PAULINO, 2018, p. 161-162).

Ou seja, é preciso considerar que a Amazônia é de fato um espaço construído e constituído de vivências das diversas coletividades que nela vivem. Logo, faz-se necessário considerar as relações do ser humano com a natureza e, mais ainda, a riqueza cultural imaterial formulada a partir de tal relação. Neste sentido, boa parte da vida de uma pessoa ou de um grupo social na Amazônia é gasta com o intuito de desenvolver formas de apropriação dos mecanismos da natureza e transformá-la para o uso e bem coletivo e individual, ou seja, cada população vivencia a natureza de acordo com o que gerações anteriores repassaram sobre tal ambiente e com o sentido que esse ambiente tem para cada comunidade (BARROS, 2019).

Por conseguinte, é ávido que a consciência de cultura seja discutida e trabalhada com mais afinco, principalmente no que se refere à história dos povos da floresta e sobre a história de negros que chegaram e construíram sua forma de viver e sobreviver nessas terras estranhas à sua origem.

Para Lévi-Strauss (1952), a cultura pode ainda ser percebida a partir de três categorias: as que estão em locais diferentes no espaço, mas que se assemelham e se interligam de alguma forma; as que se manifestam no mesmo lugar, mas que precederam no tempo; e as antepassadas que existiram em um tempo anterior ao agora e em um lugar diferente em que se situa no agora. Ao relacionarmos culturas, nós devemos manter o cuidado de não minimizar uma ou outra sob o risco inaceitável de cometer injustiça com a história de algum povo.

Durante os séculos XIV e XV, a exploração do Novo Mundo provocada pela expansão territorial portuguesa e espanhola, incluiu a dominação e a escravização dos novos nativos da terra. Posteriormente, com dificuldades de escravizar os povos originários para a exploração das terras tomadas desses povos, os colonizadores portugueses lançaram mão do tráfico de escravizados da África. A escravidão do indígena era praticada sem os resultados que a colônia desejava, já que de um lado havia preocupação com a exploração de produção em escala para exportação e, de outro, uma economia baseada na subsistência, sem preocupações com o futuro. Por volta de 1600, já havia 20.000 escravos negros nos engenhos de açúcar. No século XVIII, a população brasileira era de 3.250.000 indivíduos, desse total, dois milhões eram negros. No ano de 1850, a população brasileira era de aproximadamente oito milhões de habitantes, sendo aproximadamente 2.500.000 de escravizados (MARCONI, 2005).

No final do processo de escravidão, a mão de obra obrigatória já não fazia mais parte do mundo rural e, diante disso, não foi feito nenhum projeto de inserção desses povos no meio, logo os ex-escravizados não viraram camponeses.

Ao comentarmos sobre relações interétnicas, tomamos o Brasil como exemplo de lugar onde se misturaram etnias e culturas distintas. A formação do povo Brasileiro é fruto das relações entre as matrizes culturais indígena, europeia e africana. A construção do olhar intercultural está relacionada com “a postura conviver respeitosamente com o outro”, considerando suas experiências interpessoais, coletivas e com a natureza. Ao considerar que grupo social tem uma visão de mundo singular, a compreensão cultural permite a exposição das diferenças e particularidades construindo um olhar relativizado que destaca a importância, principalmente, de índios e negros na formação da história brasileira.

Sobre os povos originários, eles são agentes que enriquecem a história cultural brasileira influenciando a culinária, língua, os costumes de festa, o uso sustentável

dos recursos da floresta. Entre essas influências, podemos dar destaque aos seus conhecimentos sobre o uso de ervas e sua resistência no processo de chegada dos “descobridores”. Sobre os povos africanos escravizados, transportados para o Brasil, vale a pena ressaltar que ao chegarem ao Brasil, foram incorporados ao sistema comercial colonial por meio da mão de obra escravizada e, assim, permaneceram até a implantação das leis contra a escravidão, tais como a Lei Eusébio de Queirós (1850), Lei do Ventre Livre (1871), a Lei dos Sexagenários (1885) e a Lei Áurea (1888), que embora tenham sido implantadas de maneira extremamente gradual, levaram os escravizados africanos a conquistar sua emancipação social. As comunidades formadas pela população negra passaram a se chamar mocambos ou quilombos e sua luta para ter sua cidadania respeitada passou a ser a nova bandeira, juntamente à manutenção e preservação de suas culturas, mesmo que em condições de adversidade.

Para Barros (2019), a negação feita pela maioria dos povos indígenas de servirem a escravidão imposta pelos colonizadores obrigou os portugueses na busca por mão de obra africana. Desse processo surgiu um novo modelo de identidade, o afroamazônida que foi obrigado a se adaptar a uma realidade que continha o modelo de vida cultural indígena em conflito com o modelo cultural português. Todo esse processo leva a construção de identidade das populações quilombolas da Amazônia que se formou do choque entre essas matrizes identitárias culturais distintas, que foram se adaptando e se reinventando com o decorrer dos anos, de geração em geração.

Dessa forma, levanta-se a necessidade de pesquisar e aprofundar a discussão sobre a identidade cultural quilombola que habita a região do Baixo Amazonas. Discorrer sobre comunidades quilombolas, ou tradicionais da Amazônia envolve discutir identidade, memória e hábitos culturais de um povo que passou por diversas transformações em sua forma de vida com o decorrer da história, que vai desde o processo de saída forçada de suas terras, a escravidão e a tentativa de ser reerguer e fazer respeitar a identidade em um país que ainda não conseguiu superar questões aberrantes existentes em sua própria história como o preconceito racial e a violência contra a população negra.

As lições históricas do Brasil mostram como têm sido o enfrentamento contra um sistema que rejeita a diversidade cultural de sua população, contra uma tradição que ignora e, até mesmo, silencia a História Afroamazônida. Esse direito à voz é

urgente na sociedade brasileira, já que ela tem se habituado a ignorar, rejeitar e silenciar as culturas não brancas, como a negra, a indígena e a ribeirinha cabocla. De fato, é notório nos livros didáticos da História do Brasil um sistemático, agressivo e sutil controle da narração histórica do Brasil que silencia as memórias dessas comunidades.

### **1.3 Comunidades negras na Amazônia e da formação da história afroamazônica**

A fundação de Belém marcou a inclusão da Amazônia no mapa português em 1616, sendo o povo indígena a primeira opção como mão de obra escrava pelo reino português, seguidos da chegada de escravos oriundos da África (SALLES, 1992). No entanto, para Reis (1961), foram os britânicos que introduziram os primeiros escravos africanos em terras amazônicas no extremo norte do Brasil, especialmente, entre os séculos XVI e XVII, para trabalharem com o cultivo da terra. A partir desse período, a escravidão na Amazônia passou a ser comum e ganhou ainda mais novos contornos com a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão.

Essa companhia foi uma empresa dotada de privilégios de exploração econômica, de carácter monopolista, criada por Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e Conde de Oeiras (1699-1782), no ano de 1755. Ela foi fundada obedecendo à dinâmica das diversas outras Companhias de Comércio da Europa que, por meio de parcerias entre o poder público e investidores privados, se encarregavam de dinamizar a exploração dos continentes africano e americano entre os séculos XVII e XIX. Antes da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, já haviam sido fundadas a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais também chamada de “Companhia Unida das Índias Ocidentais” (1621), a britânica Royal African Company (1660), a francesa Compagnie du Sénégal (1672) e comprada pela britânica Compagnie Royale d’Afrique (1696).

Essas companhias, entre outras, encarregavam-se do monopólio de exploração e colonização dos territórios conquistados por portugueses, franceses, ingleses, holandeses e do transporte de açúcar, sal para conservar os frutos do mar, especiarias, além de ouro e o marfim. No Brasil, a Companhia se encarregou da exploração e do transporte das drogas do sertão, que eram produtos extraídos da Floresta Amazônica (plantas, raízes, sementes, frutas, ervas medicinais, etc., como o



guaraná, o anil, a salsa, o urucum, a noz de pixurim, pau-cravo, gergelim, cacau, baunilha e castanha-do-pará), e comercializados na Europa.

Inicialmente, a companhia se utilizava da mão de obra indígena. Entretanto, bem antes mesmo de sua atividade no Brasil, já havia a proposta de ela atuar com o transporte de escravizados da África. No ano de 1754, um ano antes da fundação da Companhia, o então governador do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado escreveu uma carta ao irmão Pombal, sugerindo a criação de uma companhia de comércio que facilitasse o abastecimento de mão-de-obra escrava africana, carente na região amazônica.

Com a chegada dos escravizados trazidos na forma de comércio e a substituição da mão de obra indígena pela africana, os portugueses acreditavam que o comércio e a exploração das riquezas da Amazônia seriam mais efetivos e lucrativos para a Coroa. Segundo Arthut Reis, os primeiros escravos negros introduzidos na Capitania do Grão-Pará foram trazidos pela Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão que, após vinte e dois anos de existência, haviam colocado no mercado de Belém cerca de 12.587 africanos, sendo uma pequena parcela vendida para as regiões oeste do Grão-Pará, alcançando Óbidos, Santarém e Manaus. (REIS, 1989).

Certamente que essa colocação sugere a errônea interpretação de que o número reduzido de africanos escravizados levados para o interior do Grão-Pará resultou em impacto modesto na economia e, além disso, ainda há interpretações falaciosas de que os africanos conheciam muito pouco ou nada a região amazônica, suas densas florestas, o que se justificaria a opção pelo trabalho escravo de indígenas (ABREU, 2011), sem os devidos reconhecimentos de seu trabalho, por meio do apagamento da história dos povos originários bastante arredios à escravização portuguesa.

Essa percepção de caráter generalista, homogeneizador, simplista e grosseiro gera um dano irreparável à compreensão da Amazônia enquanto terra habitada desde sempre por povos originários e a partir do século XVII por povos africanos escravizados. Assim, as narrativas da História oficial sobre as diversas comunidades indígenas existentes na região parecem focar no apagamento em todos os aspectos da história desses povos; e a presença dos africanos escravizados e livres na região é vista como praticamente nulas já que tem sido considerada como uma presença nublada, ou “invisível” porque se é dito que ela pouco interferiu na economia regional

dos séculos XVII ao XIX. Essa é uma interpretação que deve ser desqualificada em todos os sentidos, já que esse tipo de visão desconsidera a existência do intenso comércio de escravizados alforriados, livres e, em certa monta, de comunidades de escravos fugidos que ao se estabelecerem constituíam intensas relações comerciais com vilas e cidades no interior amazônico, além da presença de indígenas de diversas comunidades que também se permitiam participar dos comércios locais. Sampaio atesta que:

Entender a presença de escravos no Grão-Pará significa buscar as formas de sua inserção nessa sociedade. Circular em Belém ou Manaus significava encontrar nas ruas carregadores africanos, vendedoras de açaí, mucamas e criados, forros negociando suas produções de tabaco, artigos de latão e cobre, chapéus de palha, oferecendo seus serviços de sapateiro, carpinteiro e ourives, folgando nas festas do Espírito Santo, de Nossa Senhora de Nazaré ou ainda, membros da Irmandade do Rosário. Escravos foram utilizados em outras tarefas como a construção de fortalezas, condução de embarcações para o Mato Grosso, no cultivo da cana, arroz, tabaco, mandioca, milho, nas fazendas de criação de gado e cavalos do Marajó. Também eram artesãos, tecelões de chapéus de palha, de redes de algodão e maqueiras. Foram apanhadores de açaí, pescadores, padeiros, trabalhadores do porto, serventes de obras públicas, calafates, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, vendedores de tabaco, garapa e frutas, lavadeiras, vendeiras, cozinheiras, que sabem “coser, lavar, engomar, cozinhar e também ganhar na rua”. Eram muitos. Ou, ao menos, o suficiente para não poderem ser ignorados (SAMPAIO, 2007, 32).

Esse debate inicial da presença de africanos escravizados na Amazônia intenta manter vivo o processo de desinvenção da História Oficial da Amazônia, que insiste em não contar a História a partir da perspectiva indígena e negra, já que nestas perspectivas a História se transformaria em denúncia dos dilaceramentos humanos ocorridos por brancos durante o processo colonial português.

Mas não podemos apresentar ou aceitar normalidade em processos de escravização. Apesar da ocorrência da escravidão negra no norte brasileiro desde o século XVI, essa história é marcada por resistência e luta, constituindo uma narração diferente da contada pela história oficial, marcada pelo silêncio e pela ausência desses povos. A narrativa mais próxima da realidade histórica é a de que houve intensa resistência ao colonizador e escravizador.

Segundo Funes (2003), grande parte dos africanos levados para a região norte tem origem *Bantu*, vindos principalmente da Angola e da atual República Democrática do Congo, de onde a palavra quilombo tem origem. A partir da segunda metade do século XVIII, quando os negros africanos escravizados aportados em Belém e em São Luís foram levados para as fazendas de gado e cacau de Óbidos e Santarém, na

então província do Pará, começaram a ocorrer fugas de negros das fazendas, para lugares ermos e de difícil acesso e, portanto, ideais para a implantação e organização de mocambos, que no final do século XX passaram a ser reconhecidas como terras quilombolas. Em um estudo elaborado pelo mesmo autor sobre uma dessas comunidades, conhecida como comunidade de Pacoval, no município de Alenquer, ele aponta o culto a Santo Antônio, padroeiro da comunidade. Esse culto é realizado como memória desse povo que recorria ao santo para pedir socorro contra as expedições punitivas. Essa celebração religiosa relembra até os tempos atuais um passado de resistência mocamba.

Assim como Pacoval, em Alenquer, outras comunidades estão distribuídas nas terras do Baixo Amazonas como as comunidades de Silêncio, Matá, Cuecé, Castanhaduba, Mondongo, Arapucu e Muratubinha, no município de Óbidos; Saracura, Arapemã, Bom Jardim, Maicá, em Santarém; Passagem e Peafu, na cidade de Monte Alegre; União São João, em Prainha; Acapu, Boa Vista do Cuminá e Erepecuru, em Oriximiná. Todas com um imenso acervo de histórias, festividades e sabedorias que envolvem plantas medicinais, técnicas produtivas de agricultura familiar, culinária, religiosidade, além de constituírem um registro vivo da história dos povos negros do Brasil.

Funes (2009) relata que a história das comunidades negras amazônicas é marcada pela formação da maioria dos mocambos, no século XIX, como resultado de fugas, principalmente nas regiões próximas aos rios Erepecuru, Trombetas, Curuá, nos lagos de Óbidos e no rio Amazonas, no município de Santarém, oeste do Pará, região chamada de Baixo Amazonas. De acordo com a Fundação Palmares (2022), existem atualmente 2.859 comunidades quilombolas em todas as regiões brasileiras, sendo 206 tituladas no estado do Pará.

A função de manter viva a memória coletiva do passado depende da cultura, pois constitui a capacidade de preservar e lembrar os fatos do passado e tudo relacionado a ela. Todavia, quando associamos esses conceitos à memória coletiva afroamazônica, eles acabam sendo bastante limitados, pois no caso desses povos a memória do passado que conta a resistência à escravidão é fator de negação por parte dos colonizadores e de silenciamento oficial sobre a questão já no período republicano. Nesse sentido, como apresentar a história dos negros e como reconhecer sua legítima resistência no ambiente opressor do passado e no ambiente preconceituoso atual? É preciso seguir a proposta de Munanga (2019) de transcender

os opostos do preto e branco na Amazônia e construir a identidade africana de forma incansável, partindo do pressuposto de que o conceito de identidade abarca uma realidade muito mais complexa do que se pensa.

Não podemos, por exemplo, deixar de incluir no debate à composição dos mocambos e quilombos quase sempre de escravizados fugidos do sistema escravista, das grandes fazendas cafeeiras, açucareiras, de pecuária, ou de núcleos urbanos e de mineração. Entretanto, os mocambos e quilombos não eram locais restritos a essas pessoas. Nas comunidades quilombolas era frequente encontrar brancos, índios, ladrões, padres, vendedores, donos de tabernas, escravos que viviam em senzalas entre outras pessoas que mantinham relações comerciais com os quilombolas. Essa nota sobre a composição de mocambos e quilombos desmistifica a história falaciosa de seu isolamento, já que esse contato era fundamental para a obtenção de gêneros alimentícios e a venda desses produtos produzidos nas comunidades (GONÇALVES, 2012).

Assim, o novo a ser buscado deve levar em conta as memórias e expressões culturais estilhaçadas pela história dita oficial, que mostra a escravidão de índios e negros no mesmo nível de silêncio em relação à importância dessa população na constituição histórica e no desenvolvimento da região. Como resultado, o trabalho de escravizados apareceu em diversos setores da economia no norte do Brasil, como agricultura, pecuária e na construção de fortificações militares na Amazônia. Este trabalho ocorreu nas áreas próximas a Belém e Marajó, No Tocantins, há na Rota do Ouro as vilas de Natividade, Arraias, Chapada da Natividade, Conceição do Tocantins, Almas, Monte do Carmo e Porto Nacional e na Rota do Gado, principalmente a vila de Boa Vista do Tocantins, atual Tocantinópolis, vila de São Vicente, atual Araguatins; no Amapá, há as vilas São Francisco do Matapi, Vila Velha do Cassiporé, Lago do Papagaio, Santo Antônio da Pedreira, Abacate da Pedreira e Rio Pescado, na região do Baixo Amazonas, como já destacamos, há Saracura, Arapemã, Bom Jardim, União São João, Boa Vista do Cuminá e Erepecuru, e no nordeste de Pará, há São Judas e Vila do Cravo. Como notamos, essa quantidade diversa de comunidades atesta à necessidade de estudos mais aprofundados sobre a questão:

Foi munido dessas possibilidades fronteiriças que adentrei na história das comunidades negras amazônicas, que, no século XIX, se constituíram, como quilombos, nos rios Erepecuru, Trombetas, Curuá, nos lagos de Óbidos e no rio Amazonas, no município de Santarém, oeste do Pará, região então

denominada Baixo Amazonas. [...] Histórias de comunidades cujas ancestralidades remontam às sociedades mocambeiras que se constituíram nos altos dos rios, região das cachoeiras – as águas bravas – hoje estão estabelecidas nas águas mansas, com ramos entrelaçados por relações de parentesco, compadrio e outras afinidades. Estão entrelaçados, sobretudo, por uma mesma história, partilhando experiências comuns na constituição de uma identidade e na construção de um espaço único – terras de negros, que é ao mesmo tempo raiz e cultura (FUNES, 2009, p. 147-148).

No caso específico dos mocambos no Baixo Amazonas, eles acabaram se estabelecendo em áreas de várzea e suas condições econômicas e sociais diárias ocorreram de acordo com a sazonalidade das cheias e das vazantes dos rios. Em paralelo, Funes (2009) também propôs que memória e cultura sejam protagonistas e referência comparativa e desinventadora da memória do colonizador, para de fato gerar ruptura com a história oficial de base eurocêntrica. Dessa forma, uma análise mais apropriada da história leva em conta sua trajetória que vai desde sua formação inicial ainda durante a vigência do sistema escravista até a consolidação de seus territórios no final do século XX, mesmo com diferentes influências e valores que impactam sua composição mista de identidade e cultura africana no interior da grande floresta amazônica.

Por conseguinte, costumes socioculturais resultam da memória da coletividade que, segundo Halbwachs (1992), se trata de um fenômeno fruto de relação social, não podendo, no entanto, ser reduzida à contribuição de alguns indivíduos. Assim, levanta-se a necessidade de reflexão sobre a decisão coletiva em relação ao que pode ser levado ao esquecimento e o que deve permanecer esquecido e sobre o que jamais deve ser levado ao esquecimento. O lançar ao esquecimento está relacionado à ausência de contribuição com a preservação do que seria mais interessante à memória e à cultura coletiva. Logo, se cultura e memória são aspectos constituintes da identidade de uma população, a memória cultural é indispensável na formação do coletivo afroamazônida.

Atualmente, a dinâmica de vida dos africanos na floresta amazônica ainda constitui resistência à escravidão, ainda que oficialmente esta tenha sido abolida desde a assinatura da Lei Áurea, ou Lei Imperial número 3.353, de 13 de maio de 1888. A realidade de escravizados no passado os privou de suas relações familiares originais, sufocaram seus sonhos possíveis e o seu verdadeiro sentido da língua e da linguagem, negando-lhes viver em sua pátria mãe, abolindo e abominando as crenças religiosas e tradições espirituais negras. Isso significa que há uma necessidade

urgente de reinventar a história oficial e criar uma nova história, que também deve ser questionada. Tal realidade se refere a um povo que foi negado e desacreditado durante séculos, e ainda hoje precisa se afirmar em busca de espaço nesse ambiente social, econômico e cultural ainda dominado por estruturas de pensamento branco.

Nesse contexto, as comunidades afroamazônidas colocaram suas estratégias de defesa e proteção em prática estabelecendo comunidades de Mocambos próximas a rios, áreas de nascentes e cachoeiras. Até o momento, a existência dessas comunidades comprovou o sucesso da estratégia de sobrevivência.

Para que possamos propor a reconstrução da história Afroamazônida feita de registros ora errôneos e ora perdidos, é necessário reconstruir ou fazer outro caminho, diferente do percorrido pela colonização, enfatizando a perspectiva dos escravizados usados como mão de obra na exploração econômica da Amazônia. Portanto, a identidade quilombola da Amazônia é construída a partir de uma resistência silenciosa. Manter suas histórias, até os dias de hoje, os torna um movimento que resiste; e seu estilo de vida com desempenho diário confirma sua identidade coletiva. Nesse sentido, pode-se considerar que a introdução de africanos na região amazônica é tão importante quanto em outras partes do país, seja durante o período da escravidão entre os séculos XVII e XIX, até a formação quilombola contemporânea.

Sobre a formação dos quilombos, é importante ressaltar que há certa confusão entre os termos mocambo e quilombo. Para Schwarcz e Starling (2015), a palavra “quilombo” é um aportuguesamento do termo *Kilombo*, possui origem na língua africana Banto, e significa povoação ou fortaleza. Isso advém de fortificações situadas no continente africano onde guerreiros passavam por situações de iniciação, ditos quilombos. Já a palavra “mocambo” significa esconderijo em referência à busca por isolamento que esses povos faziam durante o período da escravidão brasileira. (NASCIMENTO, 2018)

Segundo Nascimento, o termo quilombo surge no século XVIII, precisamente 1722, quando em texto regimental, o governador Dom Lourenço faz referência ao termo quilombola:

./.../ [§3] Pellos negros que forem prezos em quilombos formados distantes de povoação onde estejaõ asima de quatro negros, com Ranchos piloens, e modo de aly se conservarem, haveram por cada negro destes vinte outavas de ouro. ./.../ [§8] Encomendo aos dittos Capitães [borrado] que nas

investidas de quilombos se não hajaõ com a Crueldade com que alguãs se haviaõ antecedentemente, e só em cazo de rezistencia poderaõ os dittos Capitães uzar da defença natural, porque fazendo o contrário se tomará conhecimento desta materia (sic) (DOM LOURENÇO DE ALMEIDA, 1722, *apud* NASCIMENTO, 2018).

A mesma questão, citando o termo quilombo, veio à tona em 02 de dezembro do ano de 1740, quando o Conselho Ultramarino valeu-se da definição de quilombo como “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles” em carta ao rei João V de Portugal. (APM-MG, ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, 1740). A carta continua:

E sendo preciso acudir com remedios para Se evictar a facilidade e impunidade com que os negros fogem, e se juntão em quilombos cometendo delles roubos, salteamentos, E mortes, conciderando o conselho q’ as penas de degredo, e prizao não são para os Escravos porq’ Servem de cauzar prejuizo aos Senhores e o pouco que sentem os açoutes a q’ quotidianamente Estão costumados, Se sirva VMag de ordenar que a todos os negros q’ se acharem em quilombo voluntariamente pella primeira ves Se lhe ponha na espadoa hua marca de fogo de hum F q’ para Este effeito haverá Em todas as Cameras a qual Se lhe porá sem mais processo que a notoriedade do facto, Logo q’ do quilombo vier, preso antes de entrar a cadea. Pela Segunda vez se lhe corte hua orelha constando por Certidão do Escrivão para ter já a marca por Simples mandado do Ouvidor ou Juis ordinario, E q’ pella terceira ves Se proceda contra elles em junta a pena de morte, constando da primeira fuga pella marca posta, e da Segunda pello Sumario processo, porq’ se lhe decepou a orelha (sic) (AHM, Carta do C.U.M., Lisboa, 1740).

Ora, segundo Schmitt; Turatti e Carvalho (2002) a definição de quilombo foi cristalizada como um local de indivíduos fugidos de grandes propriedades onde eram obrigados ao trabalho forçado e buscavam o isolamento geográfico. Hoje esses espaços representam a expressão de luta dos afrodescendentes por questões ligadas à melhoria de vida e possuem raízes históricas ao serem relacionadas com os frutos negativos que a escravidão deixou na história da humanidade. Em suma, antes da busca pelo isolamento e por fuga da violência que os perseguiram, eram diversos os povos capturados em terras africanas e trazidos de forma forçada para terras americanas em navios em condições indignas.

Ao chegarem a terras brasileiras, eles foram explorados como mão de obra gratuita por proprietários de terra nas plantações de cana de açúcar, tabaco, algodão e, também, na exploração de minas. O comércio de escravizados da África na África e no Brasil acabou se tornando um negócio com alta rentabilidade. Em contrapartida, as revoltas e fugas, demonstrativas de resistência, sempre estiveram presentes nesse

período. Foram as organizações de escravizados fugidos e revoltosos, em pequenos grupos no interior das cidades, o ponto inicial para a formação de mocambos e quilombos, espaços escondidos que serviam para proteger os africanos das perseguições de capitães do mato e de senhores de engenho (NASCIMENTO, 2018).

Da história da escravidão, a Amazônia herdou todo o mundo sociocultural do povo africano, seus métodos de organização e habilidades para lidar com o desenvolvimento da região, bem como a riqueza cultural africana que sustenta e valoriza a situação multicultural local e nacional. Apesar dessa contribuição, o registro de comunidades com raízes quilombolas e mocambas ainda é incipiente, conforme apontamos anteriormente. Portanto, é necessário olhares mais cuidadosos diante do processo de registro e reconstrução da história oficial sobre a existência de escravizados no norte do Brasil no passado, bem como a promoção de reconhecimento da contribuição do povo africano para o desenvolvimento da região amazônica.

Neste sentido, é imprescindível salvaguardar com mais rigor os direitos territoriais de todos aqueles que se reconhecem como descendentes de escravos e residentes dos remanescentes de quilombo/mocambo. O direito ao território amazônico também é uma condição libertadora para que essas comunidades tenham um papel reconhecido no desenvolvimento da Amazônia brasileira. Nesse sentido, para uma comunidade ser considerada remanescente de quilombo ou mocambo, ela precisa fazer a escrita de sua cultura, sua memória e de sua identidade, evidenciando sua conexão com os ancestrais africanos.

Para alcançar tal fim, não é suficiente apenas desinventar uma história forjada pelo colonizador (BENJAMIN, 2012), mas também propor um novo modelo de relações entre culturas e levar em conta o repensar história, cultura, memorial em um local distante de suas raízes de origem e submetido à lógica do colonizador. Neste sentido, Barros e Paulino expõe uma proposição bastante descolonizadora:

Assim, o grito africano ecoado na Floresta parece ter alcançado os ouvidos de pensadores e pesquisadores pouco confortáveis com as “verdades” da História oficial brasileira. Desse desconforto têm surgido novos pensamentos, novos olhares e novas críticas sobre a presença africana na Amazônia. Não se esperando outro caminho, a novidade no resgate das manifestações memoriais e culturais sob a guarda dos remanescentes de mocambos de escravos fugidos e alforriados na região do Baixo Amazonas é a desinvenção de uma História forjada que apresenta a escravização de índios e negros no mesmo grau de silenciamento sobre a importância desses



povos na constituição da História oficial e no desenvolvimento da região (BARROS; PAULINO, 2020).

Para Barros (2019), isso poderia ser alcançado da seguinte forma: políticas de reconhecimento e afirmação melhor estruturadas e implantadas em todo o País, alteridade interétnica tão necessária em um País multicultural, consolidação histórica e ambiental do novo enraizamento a partir de novas pesquisas, registros, inventários e demonstrativos da riqueza africana e manifestações de hábitos culturais originados ou que permitem confirmar a relação com as raízes originárias. Finalmente, essa discussão rigorosa sobre as comunidades negras no norte brasileiro e a formação da história afroamazônida servem para demonstrar a importância das pessoas de origem africana que habitam as comunidades, vilas e cidades amazônicas e cuja cultura serve de base de sustentação da existência humana em um ambiente influenciado por matas, florestas e flúvios. Podemos encontrar essas comunidades quilombolas/mocambeiras em lugares de difícil acesso, às vezes isoladas, nas partes mais interiores da região amazônica. Elas também são comunidades que possuem obstáculos diversos para acessar os sistemas formais de saúde. Por causa dessa situação, elas costumam utilizar de práticas populares de autocuidado, com referências na medicina tradicional e por meio do uso das várias partes de plantas medicinais e rituais de cura aprendidos ao longo de séculos (BARROS, 2019).

O território brasileiro possui uma diversidade florística e faunística extensa, que exploradas de maneira sustentada pode gerar remédios caseiros produzidos diretamente de plantas. Assim, a etnobotânica, o cultivo sustentado e o uso terapêutico de plantas medicinais precisam ser reconhecidos e incentivados e suas práticas precisam ser propagadas nos quilombos/mocambos, gerando, assim, as condições de preservação da cultura negra e história da terapêutica familiar brasileira e africana, além de contribuir e garantir à sociedade e ao meio ambiente uma plena qualidade de vida.

Neste sentido, é fundamental destacar a relação ancestral que as comunidades quilombolas/mocambeiras com sua terra e o cultivo de plantas medicinais conhecidas por eles. Essa relação conecta os costumes culturais da vida afroamazônida com suas raízes africanas e seu grande etnoconhecimento sobre vegetais de uso medicinal e animais cujas partes podem ajudar na melhoria da saúde coletiva. Assim, estamos cientes de que a consulta à medicina popular nas

comunidades é prioridade em relação à ida aos espaços de medicina formal. São essas problemáticas que concentraremos nossos estudos daqui em diante.

## CAPÍTULO II

### CONCEPÇÕES SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Descobertas de drogas baseadas em plantas medicinais para tratamentos da saúde humana e animal têm ocorrido com maior frequência nas últimas décadas devido aos avanços da tecnologia. Embora as tendências e inovações de ferramentas tecnológicas para a saúde, conhecidas como *Healthcare technology trends and innovations*, tenham sido utilizadas como plano estratégico de desenvolvimento de estruturas em favor da qualidade da saúde humana e animal, o conhecimento básico de plantas de uso medicinal no ambiente amazônico ainda permanece pouco explorado; e sem perspectiva de uma estratégia brasileira pública que desenvolva modelos de pesquisa sistemática, pode definitivamente fornecer pistas importantes sobre vários alvos farmacológicos.

Ciente da necessidade de se desenvolver um plano estratégico para responder às tendências inovadoras de desenvolvimento de ferramentas tecnológicas para a saúde, nossa proposta é a de buscar nas comunidades tradicionais indígenas, quilombolas e ribeirinhas, conhecimento empírico secular sobre plantas de uso medicinal no ambiente amazônico.

Para Ribeiro (2019), verifica-se no período da globalização uma valorização mundial do uso de plantas medicinais e fitoterápicas. É fato que as práticas de fitoterapia estão presentes no território brasileiro há muito tempo, ligadas à medicina popular e às práticas culturais repassadas de geração a geração em todas as regiões do país. Nessa perspectiva, o medicamento fitoterápico não é uma novidade, e sua produção industrial detém um desafio de unir-se com os preceitos de desenvolvimento sustentável e, assim, alcançar a qualidade internacional para a comercialização (OLIVEIRA; FRUTUOSO 2009).

Diante disso, nossa pesquisa compõe um plano estratégico de conservação biocultural para o desenvolvimento de produtos advindos de plantas medicinais e que tenham como base o conhecimento etnobotânica, o cultivo sustentado e a resposta ao uso terapêutico de plantas medicinais testemunhados por comunitários de territórios de remanescentes de quilombos da região do Baixo Amazonas.

Estrategicamente, é necessário promover uma transmissão de conhecimentos etnobotânicos alinhados com o desenvolvimento sustentável e aliados à qualidade da

saúde em áreas rurais e estimular o desenvolvimento de estratégias para a conservação de plantas medicinais (CASTINEIRA; CANAVERO; ARIM, 2020), além de contribuir com a preservação dos hábitos culturais saudáveis que empoderem a qualidade da saúde coletiva. Dessa forma, estamos em favor de uma proposta que considere o uso de plantas medicinais como mecanismo de afirmações de identidades e memórias de um povo tradicional e que usou e usa seus modos de vida como resistência frente à história dita oficial; e frente a modelos oficiais de saúde, que na sua dinâmica de inclusão, encontram dificuldade em alcançar as populações do interior mais necessitadas de cuidado e atenção básicos e qualificados em favor da saúde.

## **2.1 plantas medicinais e sustentabilidade aliadas à saúde**

Desde a antiguidade, plantas medicinais fazem parte do processo de melhoria da qualidade de vida humana, sendo usadas como recurso terapêutico para o tratamento de diversas doenças. Com o passar do tempo, essas práticas ainda continuam vivas em comunidades tradicionais, onde o saber costuma ser repassado de geração em geração.

A medicina popular e tradicional se baseia na experiência [*empíria*] e sabedoria [*expertise*] popular, milenarmente, desenvolvidas. Quando essa medicina popular e tradicional se torna aliada da medicina formal e científica, novos tratamentos surgem para amenizar o sofrimento e salvar vidas. A grande biodiversidade brasileira permite que o uso de plantas medicinais seja um potente fomento para a criação de produtos inovadores. Desenvolver esse processo de produção, aliando tradição popular e inovação científica, leva a ocupar um espaço de valorização tradicional e contribuir para a preservação da identidade e memória da comunidade que, costumeiramente, na Amazônia, valoriza a biodiversidade e o desenvolvimento sustentável.

Se por um lado, o conceito de plantas medicinais diz respeito àquelas plantas que possuem substâncias que têm ação farmacológica e podem provocar reações favoráveis ou desfavoráveis nos organismos, já que algumas podem conter elementos tóxicos e causar algumas reações como êmese, por exemplo, dependendo do organismo e/ou da dosagem utilizada (JORGE 2008); outros podem atuar na melhoria do desempenho corporal contra moléstias fisiológicas; por outro, temos a expressão desenvolvimento sustentável, que surgiu como conceito, traçado em uma

concepção que visa conjugar o desenvolvimento sustentado com a economia, envolvendo variáveis de ordem social, cultural e ambiental, indicando um caminho a ser seguido pelos países desenvolvidos e em desenvolvimento (CORREIA; DIAS, 2016).

O desenvolvimento sustentável também pode ser definido como aquele que permite estruturar sua capacidade de satisfazer as necessidades atuais sem comprometer as gerações futuras (BARBOSA, 2008). Trata-se de uma proposta de desenvolvimento diferenciado, demandando novas concepções e percepções de uso consciente e preservacionista da natureza, construindo uma nova postura da sociedade diante dos desafios atuais.

Os Brasileiros podem aproveitar do grande potencial da diversidade existente em suas terras, no entanto, muitas plantas utilizadas na Amazônia não são típicas da região. Diversas foram sendo trazidas e plantadas nessa região desde a chegada dos portugueses. A biodiversidade contribui significativamente para a subsistência e o desenvolvimento humano e, portanto, desempenha um papel predominante no bem-estar da população global.

Paulino e Azevedo (2016) mencionam que problemas de saúde coletiva também são problemas culturais, ou seja, a dimensão cultural implica na vivência de costumes e hábitos que interferem em favor ou em contrário da saúde coletiva. Segundo Carvalho (2018), cultura também abarca as formas de cultivo da terra e do mar e as formas de transformação dos produtos extraídos. Além de abarcar as relações de comunicação, de usos e costumes cotidianos, de símbolos comunitários, de religiosidade e de organização política da sociedade.

Logo, é necessário que o resgate e a preservação de saberes populares baseados em experiências contemporâneas e experiências ancestrais deem respostas para alinhar desenvolvimento e sustentabilidade em uma condição que permita a melhoria da qualidade de vida da população. Esse alinhamento se torna mais necessário ainda quando consideramos que diversas comunidades e cidades estão localizadas às margens de rios, várzeas, córregos, igarapés, por sobre mangues e igapós. Diversas dessas comunidades são indígenas e quilombolas que utilizam como fonte de recurso produtos oriundos dos solos, das terras. Além disso, é imprescindível que sejam valorizadas as práticas de cura por meio do contato com a espiritualidade e a crença na ancestralidade e a sabedoria dela advinda. Na região

amazônica, esses saberes e práticas celebram a resistência e a vida e devem ser não apenas respeitados como também valorizados.

Nesse sentido, nasce a necessidade de se investigar como determinados grupos criam, dão existência e transformam em costumes seus modos de vida e dão a eles significados, entendendo-os como hábitos construídos pela coletividade em uma trajetória existencial que é uma constante busca de respostas às necessidades humanas, que se transformam em memórias e geram identidades culturais. Segundo os defensores do Historicismo (MEINECK, 1982; HERDER, 1995), desde a antiguidade a humanidade tem-se ciência do potencial do meio ambiente e como ele pode ser utilizado. Fruto dessa ciência é a compreensão de que ontem o que era recurso, hoje já não é mais; e alguns dos recursos dos quais somos dependentes nos dias atuais, não farão parte de nossas necessidades no futuro e logo serão descartados. Afinal, essa é a bandeira de movimentos que defendem o progresso técnico. Contudo, o progresso técnico tem sido usado como instrumento de opressão social, cultural, econômica e política.

Ao olharmos de maneira investigativa para as sociedades tradicionais, consideramos aqui as sociedades indígenas, afrobrasileiras, caboclas de ribeira e de planalto, os grupos de matutos que vivem em vilas, comunidades interioranas, temos que considerar que elas são uma proposta de vida arredia e resistente ao progresso técnico proposto pela modernidade. Aliás, segundo relata Walter Benjamin no escrito *Rua de Mão Única* (2013), a modernidade perdeu sua relação de contemplação com o planeta, sendo a guerra imperialista e a ambição por lucro os exemplos mais vis desta perda. Técnicas e tecnologias sofisticaram o domínio e o uso da força, cuja manifestação expôs a barbárie (BENJAMIN, 2013, p. 65).

Massas humanas, gases, energias elétricas foram lançados em campo aberto, correntes de alta frequência atravessaram as paisagens, novos astros apareceram no céu, o espaço aéreo e as profundezas dos mares ressoavam de hélices, e por toda parte se escavavam fossas sacrificiais na terra-mãe. Esse grande assédio feito ao cosmos consumou-se pela primeira vez à escala planetária, isto é, no espírito da técnica. (...). Nas noites de destruição da última guerra, uma sensação semelhante à felicidade do epilético abalava a estrutura da humanidade. E as revoltas que se lhe seguiram foram a primeira tentativa de dominar o seu novo corpo (BENJAMIN, 2013, p. 965).

Não por acaso, Benjamin acusa que o progresso técnico e a tecnologia tornaram-se instrumentos de “a dominação da natureza” (2013, p. 969), princípio

fundamental do capitalismo e sua ideologia do progresso. Esse tipo de progresso tem sérias dificuldades de lidar sustentavelmente com o meio ambiente.

Assim, voltando ao nosso debate, é necessário que as sociedades não somente confiem na renovação dos recursos, na renovação da água, do solo, no mínimo de interferências nas condições climáticas, mas isso requer uma gestão ecologicamente prudente que em nossa perspectiva, pode ser aprendida somente com as comunidades tradicionais, que aprenderam a lidar sustentavelmente com a natureza. Em resumo, é preciso que possamos alcançar um aproveitamento sensato da natureza (SACHS 2009).

## **2.2 Hábitos culturais e saúde coletiva**

Com a ampla discussão sobre hábitos culturais e as diversas questões envolvidas com o tema intentamos constituir uma base histórico-contextual e analítica para discutir questões envolvendo os modelos de sistema de saúde, o modelo público e formal e o modelo popular na realidade em que estão inseridos, além da própria história do povo brasileiro. A colonização funcionou no Brasil como processo exploratório e sem preocupação do colonizador com questões culturais, ambientais e sociais dos povos que já habitavam a terra e daqueles que foram trazidos de forma compulsória pelo colonizador. A questão do corpo também foi uma grande questão trabalhada no período da colonização. Os corpos dos povos subjugados, indígenas e africanos em situação diaspórica foram tratados com bastante negligência. Entretanto, é produtivo lembrar que, por um lado, essa negligência ocorreu com relação aos indígenas e africanos, por outro as dificuldades da medicina no Brasil colonial foram resultantes da pouca oferta de pessoas especializadas em saúde. O interesse de especialistas portugueses em vir para o Brasil cuidar da saúde dos portugueses, por exemplo, era demasiado baixo. Além disso, não havia ainda uma escola formadora de especialistas da medicina, já que esse tipo de ensino era proibido (BARROS, 2019).

Por isso, é importante ressaltar que no Brasil colonial não havia a existência de um sistema de saúde formalmente estruturado para todos, e o acesso aos profissionais de saúde era permitido somente aos senhores proprietários de fazendas e aos administradores da coisa pública. Quando a população começou a sofrer por doenças pouco conhecidas pelos colonizadores houve a necessidade de ouvir os

saberes da terra com os que já viviam por aqui há muito tempo (BERTOLOZZI; GRECO, 1996).

Essa situação nos dá a base de compreensão de que nos mais diversos casos de saúde no período colonial, a arte de curar dos curandeiros, xamãs e pajés era bastante utilizada pelos brasileiros. Ainda assim, o acesso à saúde por parte da população frágil era escasso em relação às diversas possibilidades que os portugueses e seus descendentes tinham.

O problema do acesso à saúde no Brasil perpassou séculos até 1988, quando a Constituição brasileira instituiu o Sistema Único de Saúde. Para melhor compreensão desse processo é necessário analisar os determinantes históricos envolvidos no processo e o contexto político-social vivenciado pelo povo brasileiro desde a época da colonização europeia, como já mencionado anteriormente. Sendo o objetivo aqui discutir a importância e necessidade do sistema não oficial de cuidados à saúde, bastante utilizado na Amazônia, há séculos.

Esse processo constituiu uma prática que não pertencia – e que boa parte ainda é rejeitada – a um modelo principal de saúde. Por certo que, ainda que tarde, o sistema popular tem conseguido evidenciar que sua forma de lidar com a atenção à saúde por meio de diversas terapias também têm positividade saudáveis e se apresenta como proposta de trato com a saúde bem mais importante do que uma mera alternativa à medicina oficial, tão apregoado pelo modelo de sistema biomédico voltado ao dogmatismo em relação a saberes e práticas tradicionais (BARROS, 2019).

O sistema biomédico de atenção à saúde deve ser considerado como um sistema cultural – já que assim o é historicamente –, tal qual qualquer outro sistema etnomédico, sendo necessário entender esses modelos no contexto histórico de cada época e local, evitando dessa maneira a tomada de posturas marginalizantes e análises preconceituosas com relação ao sistema popular de medicina. Não por acaso, Eloísa Barros expressa que,

Quando se é considerado o sistema de atenção à saúde como um sistema multicultural que se fortalece fora do espaço hospitalar de modelo biomédico, por conta de que sua organicidade leva os gestores a incentivar a busca por medicina popular para curas de enfermidades, então o reconhecimento das práticas populares de saúde se torna necessidade social e cultural e, certamente, sua valorização e investimento organizacional deveria ser ao nível desse compromisso. (BARROS, 2019, p. 42).



Barros também defende a necessidade de se discutir como funciona o sistema não oficial de cuidados à saúde, que é fundamental para a lida com a saúde coletiva das comunidades amazônicas. Conclui ela que “entende-se por não oficial, a medicina popular praticada por benzedeadas e benzedores, curandeadas e curandeiros, erveiras e erveiros e, também, os produtores das chamadas garrafadas” (BARROS, 2019, p. 42).

Diante desse contexto, a Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006, aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, incluindo nela as diretrizes sobre plantas medicinais e fitoterapia. O objetivo da referida portaria é encontrar formas de estimular os mecanismos naturais de atenção básica à saúde e de prevenção de doenças e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com foco na escuta acolhedora, no desenvolvimento de vínculos terapêuticos e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (BRASIL, 2006). O conhecimento sobre as plantas medicinais e o conceito de processos saúde-doença têm estado em interação. A manipulação de plantas medicinais está muito ligada ao autoexperimento, que inclui tentativa e erro, aprendizado com ancestrais e observação de animais. Mas essa dinâmica é também a forma como a ciência lida com a busca de produtos para melhorar a qualidade da saúde das pessoas.

O uso de práticas complementares à saúde vem aumentando em diversas partes do mundo, na França, por exemplo, esse percentual chegou a 75%, Canadá 70% e nos Estados Unidos 42%. Esses números evidenciam que a demanda por esses tipos de tratamento vem aumento com o passar do tempo (OMS, 2002). No Brasil, as pesquisas que avaliam o uso de plantas medicinais ainda são escassas, embora exista uma grande tradição de seu uso na Amazônia, no Cerrado e na Mata Atlântica (DISTASI, 2007). Em um estudo de Zeni *et al* (2017) foi possível verificar que 96% dos entrevistados escolheram plantas medicinais como a principal terapia entre os remédios caseiros, esses dados corroboram com dados da OMS que mencionam as plantas medicinais como alternativa devido à sua credibilidade terapêutica e baixo custo. No estudo de Brasileiro (2008) sobre o uso de plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, foi possível observar que o uso de plantas medicinais ocorre de forma mais acentuada entre a população mais velha e dentre os entrevistados 36,47% utilizam com

frequência, 55,47%, utilizam raramente e apenas 8,06% não utilizam plantas medicinais.

No estudo elaborado por Santos, Lima e Ferreira (2008) foi possível constatar que das 63 espécies de plantas medicinais descritas, apenas sete eram amazônicas. Isso sugere que a cultura etnobotânica sobre as plantas amazônicas está se perdendo, sendo um dos motivos a carência de dados de estudos na região. Na pesquisa de Lima; Ferreira; Oliveira (2011), espécies como andiroba, copaíba e cumaru, comuns à maioria dos locais estudados, eram frequentes em mercados de plantas medicinais na Amazônia, especialmente no Mercado Ver-o-Peso, que desde 1625 funciona como mercado de especiarias da Amazônia e posto fiscal comercial. Neste ponto, justifica-se a demanda de um produto quando ele se faz presente nas prateleiras de um mercado e, assim, ocorreu com as mencionadas anteriormente.

Outro ponto bastante interessante é trazido por Melo, Santos e Ferreira (2021), quando aponta que a migração de plantas de outros estados do Brasil contribuiu para a ampliação do conhecimento sobre plantas medicinais na e da região amazônica. O aspecto migratório de plantas para a região não constituiu uma barreira para o uso de plantas originárias da Amazônia, ao contrário, permitiu diversidade da flora local e a valorização de plantas nativas da Amazônia.

O conceito de saúde é um processo social dinâmico em que o indivíduo leva para o seu particular a realidade social dinamizada num determinado período de tempo. Assim, é possível afirmar que os modelos de saúde não são resultados da história biológica, não podendo assim ser minimizados à experiência individual, pois envolvem a coletividade, seus valores e costumes intersubjetivamente compartilhados. Por conseguinte, o Conhecimento Tradicional Ecológico (CTE), faz parte da cultura tradicional e é construído por um grupo de pessoas vivendo ao longo de gerações em contato íntimo com a natureza, formando um sistema de classificação e um conjunto de observações sobre o ambiente local e um sistema de autogerenciamento que regula o uso dos recursos (CASTELLI E WILKINSON, 2002).

Para Silva e Silva (2006), existem complexas relações entre meio ambiente e saúde na Amazônia que são desafios e precisam ser superados. Como forma de dimensionar tal afirmativa, a Amazônia abrange os Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, compreendendo uma área de 5.033.072 Km<sup>2</sup>, o que corresponde a 61% do território brasileiro IBGE (2018). Nesse território vivem populações diversas que lidam com

saúde de formas distintas. Quando seus saberes são relacionados com o lidar do dia a dia, assemelham-se pela tradição de manter a cultura de seus povos vivos. Vale a pena ressaltar que as peculiaridades ambientais exercem grande influência no processo saúde e doença.

Nos dias atuais, é possível observar certa perda das referências culturais, principalmente aquelas tradicionalmente utilizadas na saúde, visto que após a inserção do sistema de saúde em comunidades quilombolas da Amazônia, muitos conhecimentos e costumes, como o uso de plantas medicinais, têm entrado em desuso.

### **2.3 Uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas como afirmação de identidade**

Em nossos estudos percebemos que durante o processo brasileiro de colonização, ocorreram trocas de conhecimentos entre indígenas e africanos com relação ao trato de saúde, cujo resultado contribuiu com o fortalecimento do processo de associação de plantas com a terapia para fins de melhoria da qualidade da saúde coletiva. O uso desses vegetais acarreta valorização aos conhecimentos tradicionais de indígenas, quilombolas e demais povos que disseminam conhecimento através da relação natureza-cultura. Esse processo confirma a medicina popular como prática para pessoas que não têm acesso direto às práticas médicas ditas oficiais, devido ao custo de consultas e de medicamentos e, até mesmo, de acesso ao sistema nacional de saúde, o SUS.

Nessa perspectiva, práticas rituais de curandeiros, pajés, benzedeiros, rezadores, erveiros, xamãs, fazedores de garrafadas, são orientadas por princípios e regras que emergem da experiência diária e, também, pelo processo religioso presente em uma cultura.

Aqui o agente religioso é revestido das condições médicas por estar capacitado ao exercício espiritual, por ter sua sabedoria reconhecida pelo coletivo e por carregar em si próprio a representação simbólica da possibilidade de mudança da realidade estabelecida (WEBER, 1991; BARROS, 2019). Nesse cenário, a (o) Benzedeira (o) é aquela (e) que atua na promoção da restauração da saúde através de práticas que cura por meio da benzeção e da manipulação de plantas medicinais. A benzeção se diferencia de região para região, de acordo com as características

históricas de vivência, identidade, memória, religião e fé envolvidos no entorno de quem pratica e de quem recebe o atendimento (BARROS, 2019). Enquanto para uns o processo é encarado como caridade, para outro funciona como trabalho (OLIVEIRA, 1985).

O saber da benzeção possibilita desvendar uma lógica para a explicação dos segredos, dos mistérios, decifrar relações sociais entre pessoas e grupos sociais, solidarizar-se com a dor daqueles que sofrem. Além disso, ele reproduz reflexões sobre a inserção dos oprimidos na sociedade. Cria esperanças e forja reciprocidades (OLIVEIRA, 1985, p. 92).

Especificamente no Brasil, a arte de benzer, usar e orientar o uso de ervas fazendo uso diverso de raiz, de caule e folhagem, desenvolver e receitar garrafadas para fins de terapia medicinal são práticas populares inseridas no contexto histórico da cultura popular e serve como processo de resistência à cultura de elite ou dita oficial. Por conseguinte, as sociedades tradicionais no Brasil, principalmente os povos originários já possuiu uma prática sistemática de cuidado com a saúde antes mesmo da implantação de um sistema oficial de medicina ocidental e, esta prática, dispunha de toda uma gama de alternativas e de especialistas terapêuticos aptos a resolver seus problemas de saúde. Do passado até os dias atuais, o usuário dos recursos terapêuticos e do apoio especialista e seus familiares, em tais sociedades, costumam acolher o diagnóstico desses especialistas empíricos e a indicação do recurso interventivo como critério de orientação significativa para os tratamentos e a recuperação da saúde. Contudo, o usuário é protagonista de seu próprio tratamento, já que para essas sociedades, a questão da saúde está involucrada em um sistema maior que é a vida espiritual, obrigando o usuário determinar ao especialista o diagnóstico possível e provável para o seu acometimento.

Neste sentido, os especialistas empíricos assumiam de maneira convincente, e ainda assumem no presente, as tarefas que, no mundo ocidental se atribui geralmente a médicos e especialistas acadêmicos, com a diferença de que, no modelo colonizador de cuidados à saúde o paciente é passivo, enquanto que em sociedades tradicionais o paciente é ativo e responsável por seu próprio cuidado (BUCHILLET, 1991).

Langdon e Wiik (2010) afirmam que ao longo da vida os indivíduos dessas sociedades são gradativamente socializados nos padrões culturais vigentes, que são construídos por meio da interação social, assim como por meio de processos rituais e filiações institucionais. Assim, os indivíduos aprendem e replicam princípios que

orientam certos padrões sociais, tais como os comportamentais, as formas de vestimenta, os hábitos alimentares e de beberagem e as técnicas sobre como diagnosticar e tratar enfermidades. Além disso, a socialização dos indivíduos permite que haja o acesso à resposta sobre questões em torno da explicação desses hábitos de aprendizagem. Desde o nascimento, o meio social influencia o indivíduo em seu processo de aprendizagem cultural. Inicialmente, os hábitos da mãe influenciam a vida do feto e, após seu nascimento, o meio que ele se desenvolve o apresenta e condiciona, de certa forma, às dinâmicas da realidade. Nessa jornada, a memória cria uma rede de resultados sobre determinadas realidades, a fuga e a dor são bons exemplos, para que o indivíduo possa interagir com o mundo protegendo sua saúde física e espiritual.

Além dessa condição de protagonistas do usuário do sistema popular de medicina e do apoio terapêutico de especialistas empíricos, importa apresentar o uso de plantas medicinais como complemento necessário à busca de uma comunidade tradicional, de uma saúde coletiva de qualidade. O nosso estudo aponta para a necessidade de se reconhecer o legítimo trabalho dos especialistas, sua epistemologia etnobotânica, o cultivo sustentado, o uso terapêutico de plantas medicinais. Neste aspecto, é preciso aceitar e defender os direitos culturais sobre a etnobotânica e as epistemologias de cultivo e uso dessas plantas medicinais, já que conforme Paulino (2017), os direitos culturais estão relacionados ao direito de produção e ao reconhecimento de bens e, também, ao direito de respeito mútuo por quem produz e por quem recebe esses bens. Ao fazer referência a bens culturais produzidos, Paulino sugere que há uma diversidade expressa no contexto mundial.

Esse universo nos encaminha em nossa pesquisa para uma investigação sobre como se relacionam os hábitos culturais e a saúde coletiva por meio da atividade do uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas da região do Baixo Amazonas. Antes de adentrarmos na questão, é preciso entender que para as comunidades tradicionais a saúde e a doença são conceitos integrativos ao ser humano e se configuram como uma reação a modelos e olhares abstratos na busca das propriedades ditas “essenciais” da doença. Em nossa percepção, nos meios de saúde, ditos oficiais, há uma percepção abrangente de doença, ou seja, em que o indivíduo é separado do seu meio, não sendo levado em conta sua totalização “sociedade-natureza-cultura” para entender as enfermidades e, assim, o processo de cura, que necessariamente estão associados à espiritualidade. Essa associação

implica no reconhecimento de seus hábitos culturais e da influência de seu comportamento na questão saúde-doença (LAPLANTINE, 2010).

Segundo Rêgo (1999), as maneiras utilizadas pelos quilombolas para explorar seus recursos naturais apresentam fortes laços de interdependência sociedade-natureza, fazendo com que a identidade desses povos esteja atrelada a um forte vínculo com a natureza. Assim, é possível considerar que atividades quilombolas como extrativismo e cultivo de espécies de interesse baseiam-se na intervenção direta dos conhecimentos sobre tratamentos de diversas doenças em comunidades tradicionais. Os conhecimentos tradicionais ou empíricos sobre a saúde coletiva são de extrema importância diante do contexto de falta de atenção à saúde por parte do Estado, principalmente de regiões mais afastadas e mais pobres. Essa valorização possibilita repensar o sistema de saúde em um regime colaborativo com o sistema popular de saúde (BARROS, 2019).

Na Amazônia, existem diferentes formas de expressões culturais que possuem ligação direta com o passado. Naqueles tempos, assim como hoje, para muitos povos, a natureza era considerada um lugar sagrado mítico e um espaço vibrante, onde ocorria a ligação cosmológica da vida baseada em imagens da floresta. Na Amazônia, inspiraram estilos de vida de diferentes povos, com as crenças e saberes que sobrevivem de forma memorial e nas práticas culturais até os dias de hoje, seja nas vidas de indígenas, nas vidas dos caboclos e nas de descendentes de africanos.

Na pesquisa realizada por Barros (2019) foi possível observar que a eficácia terapêutica de plantas medicinais, em especial, aquelas trabalhadas no contexto das garrafadas que possuem sentido simbólico. Os resultados das garrafadas estão atrelados a resultados farmacológicos das substâncias e, também, estão ligados aos vínculos culturais de cada população, sendo também a fé e amor essenciais para completar o ciclo de eficácia do uso terapêutico do produto medicinal.

Assim, afirmamos que caso não haja espaço de discussão e expressão entre o saber popular e o saber biomédico, os problemas de saúde tendem a piorar, pois não serão alcançados pelos profissionais da saúde, que precisam ter olhos atentos para além do caso clínico em si. Diferentes tipos de saberes, quando entram em diálogo, podem ser mais eficazes no enfrentamento dos problemas de saúde da população ao preencherem lacunas entre os dois saberes.

A coexistência na sociedade brasileira de mais de um sistema médico é propícia a disputas por monopólios médicos entre eles. Nesse caso, saúde é

entendida como uma prática social representada como uma "série de benefícios", que podem construir diferentes rotas de tratamento. Nesse caso, o monopólio de um único sistema nunca será completo, permanente e resolutivo.

O uso de plantas medicinais enquanto adjuvante aos processos de saúde baseia-se na origem e na construção do conhecimento sobre plantas e da medicina geral, que tem divergentes posições sobre seu uso pela biomedicina. Logo, é fundamental que profissionais de saúde conheçam a realidade dos povos que vivem na Amazônia, sejam eles indígenas, quilombolas, ribeirinhas, de região de planalto ou de várzea, bem como a maneira que esses povos lidam com as questões de saúde-doença, para que a política de saúde pública para estas populações da floresta seja acolhida e reconheça as contribuições etnobotânicas para a melhoria da qualidade de sua saúde. A criatividade dos atores sociais locais sabedores de fato de suas condições existenciais e de saúde e um exame cuidadoso de questões locais são fundamentais na construção de melhor condição de vida da população.

#### **2.4 Uso de plantas medicinais como herança africana**

O tráfico de pessoas negras das mais diversas regiões do continente africano foi marcado pelo fluxo de informações culturais tanto de um lado como de outro, embora essa relação tenha sido fruto de uma imposição que dizimou milhares de vidas inocentes. A chegada dos negros também trouxe conhecimentos sobre culinária, dança, músicas e uso de plantas medicinais para restauração da saúde.

Com o passar dos anos e desenvolvimento da colônia, a manipulação de plantas medicinais se consolida com as plantas nativas, as plantas trazidas por portugueses e as trazidas por africanos em uma relação de troca. Para Verger (1981) o deslocamento dos desbravadores no interior do país foi essencial na troca de informações sobre o uso das plantas medicinais. Essa troca é fruto de contatos entre portugueses, negros e indígenas que transmitiram seus conhecimentos sobre as plantas e seus papéis no processo de cura.

Assim, as plantas foram sendo colocadas em diversos contextos e aplicações como em banhos de limpeza e purificação, remédios, bebidas, na culinária e fumos. Essa relação entre medicina popular e a crença africana leva ao papel *sacro* e terapêuticos das plantas. Diante disso, Verger (1981) menciona que sua pesquisa sobre plantas medicinais:

Foi realizada na África, num universo cultural baseado na oralidade, onde a importância dos valores de transmissão oral é diferente da dos de uma civilização baseada em documentos escritos [...]A transmissão oral do conhecimento é considerada na tradição iorubá como o veículo do axé, o poder, a força das palavras, que permanece sem efeito em um texto escrito. As palavras, para que possam agir, precisam ser pronunciadas.

Por conseguinte, fazer relação das plantas usadas na África que vieram para o Brasil requer que a história oral se mantenha viva e valorizada. Neste sentido, as pesquisas sobre a temática ainda são por demais insipientes. O que se entende é que as plantas de valor medicinal utilizadas pelos pretos são em geral vinculadas a fatores religiosos e ganham *status* de sagradas dadas as condições em que são utilizadas nos rituais religiosos de matriz africana. O formato de uso era e ainda permanece diverso, já que eram confeccionados chás, banhos, emplastos e infusão, ou seja, havia e há diferentes formas de preparo e uso das plantas medicinais. Importante também apresentar a existência do valor simbólico de plantas que são utilizadas para os ditos “males do tempo”, como olhado, olho grosso, inveja e proteção.

Como exemplo de plantas medicinais de origem africana podemos destacar o dendezeiro (*Elaeis guineensis* Jacq.), a mamona (*Ricinus communis* L.), a jaqueira (*Artocarpus integrifolia*), o tamarinheiro (*Tamarindus indica* L.), a inhame (*Dioscova Cayenensis*), o quiabo (*Abelmoschus esculentus*), a babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. f.) e espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata*), que são comumente utilizadas na culinária e para fins medicinais. Verifica-se então que há uma diversidade de plantas de uso comum no nosso cotidiano, que foram trazidas do Continente Africano, e em terras brasileiras ganharam o valor medicinal a partir de seu valor religioso.



### **CAPÍTULO III**

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O uso de plantas medicinais é pautado por meio de gerações, em uma teia de conhecimentos repassados de geração em geração. Investigações sobre esse processo levam a um espaço de valorização das sociedades tradicionais, especialmente aquelas que são focos de nossos estudos e pesquisas, as comunidades de remanescentes de quilombo/mocambo da região do Baixo Amazonas e seus saberes diversos; e contribui para a preservação de suas identidades e memórias. As práticas rituais de curandeiros, pajés, benzedeiros, rezadores, erveiros, feiticeiros, xamãs, fazedores de garrafadas através do uso de plantas medicinais, atuam como agentes que possuem capacidade de liderar exercícios espirituais por ter sua sabedoria reconhecida pelo coletivo e por carregar sobre si a representação simbólica da cura.

Assim, investigações sobre etnobotânica, cultivo sustentado, manejo técnico-tecnológico e uso terapêutico de plantas medicinais para a melhoria da qualidade de vida em comunidades quilombolas permitem a possibilidades de novas descobertas que podem contribuir para a construção da ciência através da participação dos comunitários quilombolas/de mocambo e seus saberes tradicionais. No Brasil, o uso das plantas medicinais teve influência tanto das culturas indígena, africana, quanto europeia (JORGE, 2008).

A pesquisa em si obedeceu aos seguintes passos. No primeiro momento, foram realizadas buscas bibliográficas para levantamento de dados teóricos e conceituais e melhor compreensão dos fenômenos culturais envolvidos no processo de hábitos culturais e saúde coletiva, sendo desenvolvidas análises sobre cultura e sua relação com a construção de identidades; concepções sobre o uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas, incluindo estudos de textos dissertativos já defendidos e publicados internacional, nacionalmente e no âmbito do Ppgsaq junto às comunidades quilombolas e testagens de procedimentos metodológicos. Além dos estudos internos, a coleta de informações básicas permitiu a montagem inicial de uma tabela com plantas medicinais que futuramente será convertida em estrutura de um aplicativo voltado para aparelhos celulares, que poderá ser usado para buscas de informações e consultas sobre as plantas medicinais, (Anexo III).

### 3.1 Quanto aos Procedimentos da Pesquisa

A trajetória metodológica desse estudo foi baseada na pesquisa de campo com abordagem qualitativa e método da história oral. Segundo Marconi e Lakatos (2008), a pesquisa de campo visa obter informações ou conhecimentos de um problema para o qual se busca resposta, seja para uma hipótese a se comprovar ou para descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. Normalmente, esse tipo de pesquisa é realizada por meio de roteiro que visa à observação direta e indireta por meio das respostas oferecidas em questionários semiestruturado e entrevistas. Dada à natureza da pesquisa, fotografias foram tiradas como comprovação de evidências. Os dados foram coletados no mês de junho de 2022.

Sobre a história oral como método de pesquisa, podemos afirmar que ela possibilita o indivíduo comum, aquele que numa pesquisa irá narrar o seu testemunho sobre algo acontecido ou algo que deveria ter acontecido, ou ainda algo que não aconteceu, servindo assim de fonte de informações, pois por meio de suas experiências e vivências se desvenda a história quase sempre não oficial, mas que na contraposição à história oficial, aponta outras representatividades fundamentais à compreensão de fenômenos da vida humana, ainda que alguns pesquisadores façam críticas a alta subjetividade de narrativas memoriais. O procedimento técnico de acolher as narrações de história com registro oral permite a reconstrução da memória. Outro aspecto fundamental do procedimento é que a história oral pode ser usada como fonte para análise da história contemporânea, pois é um procedimento investigativo e, também, é constituído de entrevistas com indivíduos que possuem vivência do caso a ser pesquisado seja no passado ou no presente, sendo possível analisar o cotidiano e seus hábitos culturais que podem não possuir registro escrito da história (ALBERTI, 2010).

Para fazer o registro narrativo oral, buscamos como fundamento didático um questionário semiestruturado, elaborado conforme critério das seguintes linhas: “Quem fala? O que fala? Por que fala? Quando fala? Como fala?”, buscando acolher respostas que não podem ser narradas de forma simples e objetiva, exigindo que a pessoa que responde use seu conhecimento objeto interrelacionado ao difuso, bem como suas emoções e atitudinais (MÜHLHAUS, 2000).

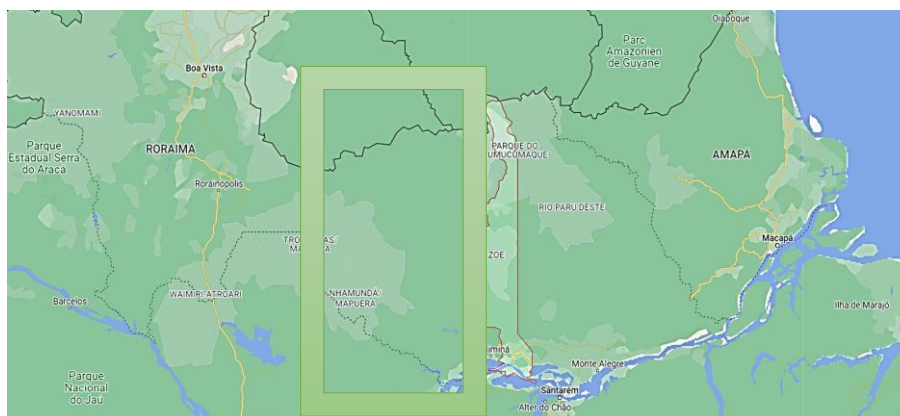
### **3.2 Quanto aos instrumentos de coleta de dados e os sujeitos da pesquisa**

A coleta de informações e dados foi realizada por meio de entrevista através de questionário semiestruturado elaborado pela pesquisadora e de visitas técnicas observacionais nas comunidades envolvidas na pesquisa. Os sujeitos alcançados pela pesquisa são pessoas que vivem em comunidades quilombolas na região do Baixo Amazonas e que atuam com a manipulação de plantas medicinais. Foram realizadas entrevistas para melhor entender a dinâmica cultural na qual os membros das comunidades quilombolas no oeste do Pará, mas especificamente do município de Óbidos, estão inseridos em relação à saúde coletiva e coletar dados sobre o etnoconhecimento de plantas medicinais utilizadas de acordo com a finalidade terapêutica, com pessoas que residem na comunidade, com propriedade experiencial e de conhecimento sobre a temática do uso de plantas para fins medicinais. As respostas dos entrevistados que se negaram a responder quaisquer perguntas do roteiro da entrevista não foram citadas no campo das respostas.

### **3.3 Quanto ao local e período da pesquisa**

O local da coleta foi no município de Óbidos, no Baixo Amazonas, na continuação do Igarapé Grande a partir da primeira entrada à margem esquerda do rio Amazonas, nas adjacências das Cabeceiras de São Paulo, nas comunidades de Silêncio e Matá. O município de Óbidos, no oeste do estado do Pará, é conhecido por seu rico Patrimônio Histórico-Cultural. O atual município foi elevado à categoria de vila em 1758, por carta régia de 1755, sendo sede da antiga Aldeia dos Pauxis. Em seguida foi elevada à categoria de cidade com a denominação de Óbidos pela Lei Provincial n.º 252, de 02-10-1854 (IBGE, 1958). Por sua história e diversidade o município conta com a presença de habitações e casarões de interesse histórico, memorial e identitário, espaços militares herdados dos períodos da colonização Portuguesa, incluindo os movimentos da Cabanagem e do período Tenentista do início do século XX, entre outros espaços fundamentais para a preservação da memória e identidade da Amazônia. Nessa perspectiva, o município possui patrimônios materiais e imateriais históricos e ricos em potencial de pesquisa que busquem trabalhar a preservação do patrimônio e memória da Amazônia, incluindo o uso do desenvolvimento sustentável através do uso de plantas medicinais.

**Figura 1:** Mapa do Município de Óbidos. O território espacial do município de Óbidos está demarcado dentro do quadrado verde e delimitado por linha em relevo.



Fonte: Google Maps (2021)

No ano 2000, após iniciativa e luta das comunidades quilombolas, com apoio municipal, a Fundação Palmares determinou a regularização do Território das Cabeceiras, sendo titulada em nome da Associação das Comunidades de Remanescentes de Negros da Área das Cabeceiras (ACORNECAB). Nesses territórios estão localizados dez quilombos: Silêncio, São José, Patauí do São José, Castanhanduba, Vila Nova Castanhanduba, Serra, Centrinho, Apuí, Ponte Grande, Cuecé e Matá (BARROS, 2019).

Segundo Azevedo (2002) os primeiros moradores das foram indígenas Konduri, Uminiuma, Pauxis, que saíram da região em meados do século XVII como fuga do contato com o colonizador português, posteriormente a região passa a ser habitada por negros fugidos da escravização, principalmente das grandes fazendas da cidade de Santarém. Atualmente, os povos que vivem nessa região se autoidentificam como remanescente de quilombo/mocambo, reconhecidos como quilombolas pelo Estado brasileiro e pelos moradores do município no qual estão localizados, tendo recebido do Instituto de Terras do Pará (ITERPA) o título de domínio coletivo da terra em 22 de setembro de 2002.

No mapa abaixo, pode-se observar onde estão localizadas as diversas comunidades que estão situadas no Território das Cabeceiras de São Paulo.

**Figura 2:** Comunidades Quilombolas localizadas no território das Cabeceiras de São Paulo.



Fonte: Google Earth (2017)

### 3.4 Quanto à Análise dos Dados

Os dados foram analisados à luz do método de registro de história oral, evidenciando as plantas utilizadas para fins medicinais. Assim, foi possível fazer um novo quadro de plantas medicinais, que servirá como base para estudos comparativos com o quadro já formatado por pesquisadores anteriores na e sobre a região com registro de uso de plantas medicinais. Dessa forma, acreditamos ser possível apresentar dados complementares e alterações necessárias para a construção de um aplicativo sobre plantas medicinais da Amazônia.

Além disso, com os dados obtidos por meio das narrativas orais será feita uma análise comparada com as referências teóricas para detectar possíveis relações originárias entre as plantas utilizadas pelos moradores das comunidades e sua finalidade terapêutica e as plantas medicinais africanas. Neste aspecto específico, o objetivo é analisar possíveis paisagens ambientais da comunidade que possam justificar a tese delas terem sido influenciadas pelos conhecimentos ancestrais africanos de plantas medicinais.

### 3.5 Dos Procedimentos Éticos

Além do registro da pesquisa junto ao comitê de ética, via Plataforma Brasil (protocolo: 58074322.7.0000.0171), nosso procedimento incluiu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para todos que participaram da pesquisa (anexo II). Tal termo traz de forma clara os objetivos da pesquisa e os pesquisadores

envolvidos, além de afirmar o anonimato dos participantes. Assim, para a identificação destes na apresentação dos resultados será utilizada a combinação das letras do alfabeto para de forma aleatória (ABC). O entrevistado também será questionado sobre a autorização de gravação para que depois possa ser degravado, transcrito e apagado. Com a assinatura do termo os participantes expressam seu consentimento em participar da pesquisa. O TCLE foi impresso em duas vias, uma para o participante e a outra para fins de arquivamento, definindo-se um período de 5 anos para a guarda, após esse período o material será destruído pelos pesquisadores.

### **3.6 Dos Procedimentos de Biossegurança**

Para a condução da pesquisa em campo os pesquisadores seguiram o “Protocolo de biossegurança para retorno das atividades nas instituições federais de ensino” (BRASIL, 2020) do ministério da educação. Ressalta-se que todas as medidas de segurança em relação à pandemia de Covid-19 foram tomadas. Assim, antes de apresentar nosso percurso metodológico, é fundamental destacar neste momento que nossos procedimentos de pesquisa de campo, depois de mais de um ano de distanciamento social e respeito às medidas de biossegurança, foram retomados de maneira presencial.

A pesquisa de campo realizada em uma comunidade tradicional de remanescentes de quilombo/mocambo obedeceu todas as medidas preventivas e de biossegurança, entre elas a vacinação completa da pesquisadora, com a quarta dose, o uso de máscara apropriada, a permanente higienização corporal, principalmente a limpeza das mãos com álcool em gel e dos materiais de uso da pesquisadora com álcool 70°INPM (70% p/p) [ou o 77°GL v/v], comercialmente chamado de álcool 70, além da manutenção do regime de distância de pelo menos dois metros e em local aberto para realização das entrevistas.

### **3.7 Quanto ao questionário semiestruturado para o registro de relatos e coleta de Informações em Campo**

O questionário semiestruturado foi planejado a partir de seis eixos, sendo um eixo identificador das pessoas entrevistadas, e cinco eixos com questões pertinentes. O primeiro eixo consta de perguntas objetivas para levantamento de identidade e suas

relações com a temática da pesquisa, que serviram de base descritiva do perfil do narrador entrevistado.

Os cinco outros tópicos foram organizados na forma de perguntas subjetivas, cujo foco está em coletar informações das pessoas entrevistadas, respeitando e considerando suas crenças, conhecimentos, convicções e obedeceram à seguinte ordem: a) Hábitos culturais e cultivo sustentado; b) Hábitos culturais uso terapêutico de plantas medicinais; c) Hábitos culturais e Qualidade de Vida; d) Hábitos culturais e Relação Saúde-Doença; e) Hábitos Culturais e Práticas de Cuidado da Saúde. Nesses tópicos abordaremos perguntas que possam viabilizar possíveis variáveis referentes a condições de vida, hábitos culturais, aspectos socioeconômicos e condições de saúde. O questionário está presente no anexo I.

A pesquisa pretende abranger o universo de 30 pessoas que residam nas comunidades que fazem parte da região conhecida como cabeça de São Pedro, no município de Óbidos - Pará e que aceitem voluntariamente, mediante assinatura do TCLE, participar das entrevistas. Antes da aplicação do questionário, os pesquisadores explicaram de forma oral como funciona a pesquisa e quais os objetivos a fim de sanar qualquer dúvida dos participantes que serão entrevistados individualmente.

### **3.8 Caracterização do território**

O território quilombola das Cabeceiras faz parte do bioma da Amazônia Brasileira e fica localizado na mesorregião do Baixo Amazonas. Nessa região, encontram-se diversas comunidades quilombolas que possuem como ponto comum as histórias de luta conjunta pela titulação da terra. Funes (1999) em sua pesquisa sobre esses territórios menciona que na segunda metade do século XVIII, existiam fazendas de gado e cacau nas regiões de Óbidos e Santarém; e os escravos africanos, principalmente da região da Congo-Angola da África, eram trazidos para trabalharem nesses espaços. Nas fugas eles caminhavam ao longo do rio até chegarem às cabeceiras dos afluentes do Amazonas que eram consideradas como áreas de difícil acesso (BARROS; PAULINO, 2020).

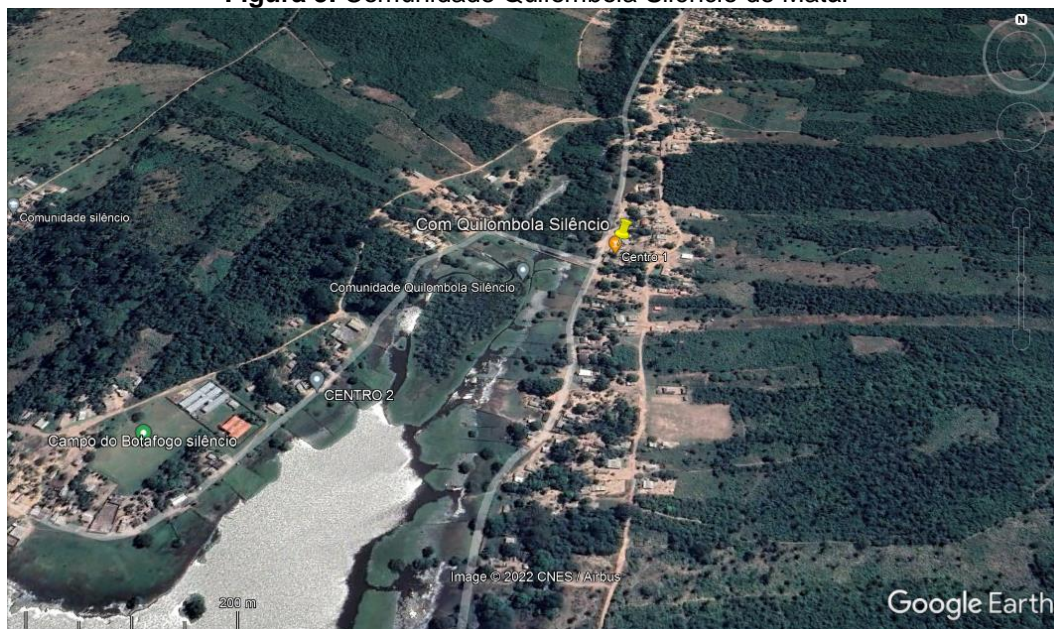
Ao se instalarem começavam seus processos de organização social e de mecanismos para garantir a sobrevivência com base nos recursos das florestas. Utilizando a agricultura, a pesca e a caça como maneiras para garantir sua



alimentação diária, posteriormente eles começaram a comercializar o fruto das suas produções agrícolas com comerciantes das regiões mais próximas. Ao se tratar dos quilombos de Silêncio e São José esse comércio era direcionado à cidade de Óbidos/PA. Os quilombolas produziam produtos como mandioca, fumo, cacau e alguns remédios caseiros através das plantas medicinais.

Na presente pesquisa as Comunidades de Remanescentes de Quilombo/Mocambo<sup>2</sup> visitadas foram as do Silêncio e do Matá, na região da Cabeceira de São Paulo. Para se chegar ao território dos quilombos é necessário o deslocamento até a cidade de Óbidos/PA, de lá viaja em uma lotação fluvial do tipo bajara. A viagem dura um período de aproximadamente duas horas e meia no rio Amazonas. Os quilombos pesquisados estão situados na margem esquerda do Igarapé Açu, já na desembocadura do Lago Itandeua. Na viagem, em certo percurso, o barco entra em uma zona de floresta aquática, de áreas de densas florestas e segue em braços de rios que vão até a chegada à comunidade. Trata-se de espaços que, embora não sejam de várzea, dependem da influência da cheia do rio Amazonas para as organizações da agricultura e pesca. A CRQM Silêncio tem como registro georreferencial: Latitude 1°58'2.10"S e Longitude 55°17'56.86"O.

**Figura 3:** Comunidade Quilombola Silêncio do Matá.



Fonte: Google Earth (2022)

<sup>2</sup> A partir desse ponto, Comunidade de Remanescentes de Quilombo será – CQM.



Quanto à CRQM Matá, sua georreferência é: Latitude 1°58'50.83"S e Longitude 55°17'22.99"O.

**Figura 4:** Comunidade Quilombola Matá



Fonte: Google Earth (2022)

Quadro 1 — Registro de Certidão expedido às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ) Silêncio e Matá, no município de Óbidos – PA.

UF	MUNICÍPIO	COMUNIDADE	Nº PROCESSO NA FCP	ETAPA ATUAL PROCESSO FCP	Nº DA PORTARIA	DATA DA PORTARIA NO DOU	Nº PROCESSO INCRA	ETAPA DO PROCESSO DE TITULAÇÃO
PA	ÓBIDOS	CABECEIRAS São José, Silêncio, Matá, Cuecé, Apuí, Castanhaduba	01420.012122/2014-74	CERTIFICADA	28/2013	13/03/2013	54106.001523/1998-57	TRD - Despacho de 15/07/2000 - 18/07/2000

Fonte: Panilha da Portaria FCP nº 57, de 31/03/2022, publicada no DOU de 31/03/2022. Fundação Cultural Palmares, 2022, Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/tabela-crq-completa-certificadas-22-08-2022.xlsx>.

Atualmente, para chegar ao território desses quilombos é necessário o deslocamento da cidade de Óbidos/PA, por meio de lotação fluvial do tipo bajara. A viagem dura aproximadamente duas horas e meia no rio Amazonas. Os quilombos pesquisados estão situados na margem esquerda do Igarapé Açu, na entrada do Lago Itandeuá. Na viagem, em certo percurso, o barco entra em uma zona de floresta aquática, de áreas de densas florestas e segue o braço do Igarapé até a chegar à comunidade. São espaços que, embora não sejam de várzea, regidos pela influência da cheia do rio Amazonas para as organizações da agricultura e pesca.

**Figura 5:** Barcos de transporte no rio Amazonas



Fonte: Registro do autor (2022)

**Figura 6:** Braços do rio que dão acesso às comunidades quilombolas



Fonte: Registro do autor (2022)

### 3.9 Caracterização do perfil dos entrevistados

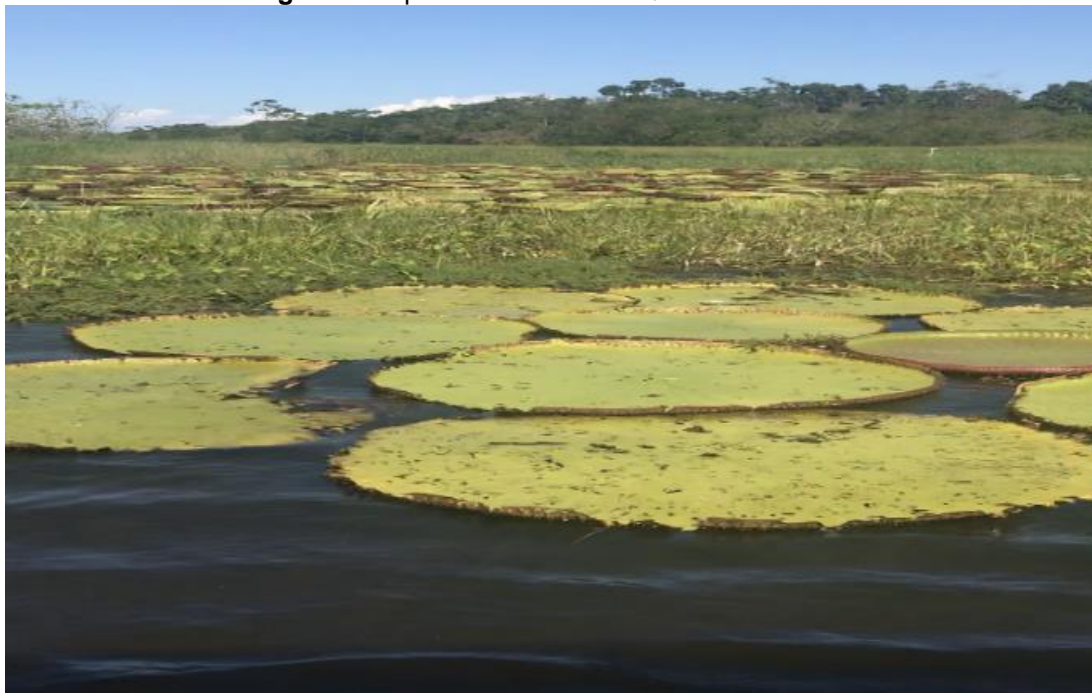
Durante as visitas aos Quilombos Silêncio e Matá foi possível observar que são comunidades que vivem basicamente da agricultura e pesca. Entre os indivíduos entrevistados (pessoas de 42 a 82 anos), 13 eram de aposentados (76,4%), mas ainda trabalhavam com a agricultura familiar para ajudar no sustento da família. Atualmente, as comunidades possuem, aproximadamente, 212 famílias (SANTOS, C.C, 2022). Na pesquisa foram entrevistadas 20 pessoas, desses apenas 2 eram homens (10%), e 18 eram mulheres (90%), dos entrevistados todos moram na comunidade, sendo XXX nascidos no local, 100% dos entrevistados mencionaram

seguir a religião católica, a formação educacional média dos entrevistados foi o ensino fundamental (76,4%), os motivos apontados foram a dificuldade de deslocamento do local até os locais onde existiam as escolas. Entre os entrevistados 100% mencionaram atuar com a manipulação de plantas medicinais em seu dia a dia, mas essa manipulação não está destinada à venda ou qualquer outro tipo de comercialização.

Os dados da pesquisa foram levantados com os seguintes entrevistados: Antônia Ribeiro da Silva (E1), Amelia Pinto de Azevedo (E2), Belarmina Caetano dos Santos (E3), Cleuzibe Silva Batista (E4), Celina Marques dos Santos (E5), Conceição Teixeira de Oliveira (E6), Carlos Caetano dos Santos (E7), Dulcilete dos Santos Garcia (E8), Dulva Santos de Jesus (E9), Evanildo Pinheiro dos Santos (E10), Maria Pinheiro dos Santos (E11), Maria Santana Pinheiro dos Santos (E12), Mariana Caetano dos Santos (E13), Maria Hermina Azevedo (E14), Maria Domingas Lopes dos Santos (E15), Maria Deudete de Oliveira (E16), Maria Sergina Rocha dos Reis (E17), Osmarina Silva Batista (E18), Varlucia dos Santos Ferreira (E19) e Zelia da Cruz Sousa (E20).

As casas, em sua maioria, são de madeira e muitas ainda possuem o teto de palha, nos quintais existe a diversidade de plantas medicinais que funcionam como os jardins farmácias das casas, além da criação de animais como galinhas, porcos e casas de produção de farinha. A floresta abraça o local e permite que a paisagem seja singular. Na comunidade também existem bares, restaurantes e casas com áreas destinadas à venda de alimentos conhecidas como tabernas. O posto de saúde mais próximo fica na comunidade de São José que fica aproximadamente três km do quilombo Silêncio.

**Figura 7:** Irupês<sup>3</sup> na entrada do Quilombo Silêncio



Fonte: Registro do autor (2022)

**Figura 8:** Extensão marginal do Igarapé Açu, na entrada do Quilombo Silêncio



Fonte: Registro do autor (2022)

---

<sup>3</sup> A planta, que na língua tupi é chamada de *irupé*, e na língua guarani é denominada uapé ou aguapé, recebeu o nome de vitória-régia pelos ingleses em homenagem à rainha Vitória. Como processo de recuperação cultural e memorial dos povos originários do Brasil, optamos pelo nome original, irupé.



**Figura 9:** Arquitetura das casas de madeira e alvenaria da comunidade São José



Fonte: Registro do autor (2022)

**Figura 10:** Arquitetura de Casa de madeira com telhado de palha de açazeiro



Fonte: Registro do autor (2022)

Eu estou na comunidade desde que eu nasci. Eu nasci e fui criada aqui, depois construí uma família e agora continuo aqui (E9).

Quanto ao tempo de manipulação com plantas medicinais, 100% dos indivíduos informaram que o conhecimento sobre plantas medicinais começou ainda na infância, mas se intensificou quando se tornaram pais, o cuidado com as crianças era necessário e, naquele tempo, o acesso à saúde dita formal era de difícil acesso. As mulheres relataram que suas mães sempre as incentivaram a conhecer sobre a manipulação de plantas para que quando elas não estivessem mais vivas as filhas

pudessem levar a cura de doenças a seus filhos, sobrinhos e aos parentes da comunidade.

Quando comecei a ter meus filhos minha sogra me ensinava, chá de hortelã grande e xaropinhos (JESUS, 2022).

Desde a infância, as pessoas mais velhas iam ensinando pra gente (SANTOS, M. C., 2022).

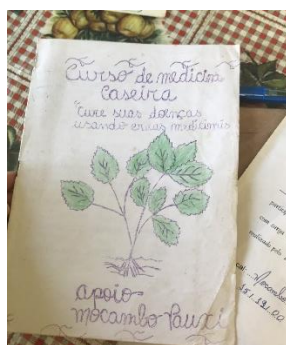
Naquela época a gente adoecia de gripe. Fazia chá de arruda, gergelim. Eu via minha mãe fazer e ficava prestando atenção e de lá fui aprendendo (SILVA, 2022).

Eu vi a minha mãe fazer e ela ia me ensinando, quando vinham com ela pra ela fazer e ela não estava, a gente fazia (AZEVEDO, 2024)

Desde a infância, porque a minha mãe fazia remédio caseiro pra tosse, para gripe e eu fui aprendendo com ela. Eu tenho muita planta que eu gosto de plantar, faço horta e eu vou plantando, e tenho muita plantas remédio (SANTOS, C. M., 2022).

Portanto, terapeutas e curandeiros têm fortalecido o etnoconhecimento sobre uso de plantas há anos para abordar os problemas de saúde dos grupos sociais locais. Uma constatação comprovativa são os cursos que as moradoras das comunidades pesquisadas já fizeram. Neste curso, há o incentivo de promover a interação social, a compreensão de sua história e suas relações com o meio ambiente amazônico, além de seus hábitos de raízes culturais que vêm desde a luta reivindicatória pelos registros da terra quilombola. A busca pela titulação foi incentivada pelos históricos Encontros de Raízes Negras, promovidos pelo Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA) em parceria com comunidades quilombolas da região, como a Associação Cultural Obidense – ACOB (SANTOS, C. M., 2022). No caso específico das comunidades pesquisadas, elas acolheram e sediaram o terceiro encontro, na Região das Cabeceiras (1990).

**Figura 11:** Livro artesanal do curso de medicina caseira do ano de 2000, de posse da senhora Zélia da Cruz Souza.



Fonte: Registro do autor (2022)

Diferentemente do olhar de um visitante, o pesquisador necessita aguçar sua observação quando em atividade em campo. Em nossa imersão nas comunidades pesquisadas, observamos que o cotidiano dos moradores das áreas quilombolas de Silêncio e Matá são caracterizados por histórias narradas que revelam as importantes lutas contra os processos escravistas dos colonizadores no passado e em favor da resistência coletiva pela sobrevivência desde o período da escravidão, passado pelo período abolicionista até alcançar os nossos dias republicanos. As narrações dos idosos reconstroem história dos pretos na Amazônia e demonstra que suas memórias, plenas de traumas e de curas, sobreviveram ao tempo.

A visita a esses territórios permite uma compreensão bastante equilibrada e sensível dos saberes, das regras, além das características territoriais e dos conhecimentos e saberes sobre a floresta e sobre as plantas medicinais que são utilizadas na prevenção e tratamento de patologias. Nos ambientes acadêmicos das universidades amazônicas têm ocorrido debates bastante enriquecedores sobre a necessidade de se conhecer as comunidades tradicionais, principalmente as quilombolas, quanto ao uso de plantas medicinais para tratamento e prevenção da saúde coletiva humana e animal. Com isso, a pesquisa sobre essas populações se apresenta como um processo de constituição de conhecimento crítico que objetiva rejeitar e romper com o pensamento preconceituoso que as cercam.

Segundo Almeida (2011), somente um século após a abolição da escravatura do Brasil é que a questão quilombola foi colocada nos debates oficiais, mais precisamente no início dos anos de 1980, quando da organização dos povos quilombolas do oeste paraense, na região do Baixo Amazonas. Assim, pesquisas recentes começam a abrir espaços para dar voz, nas academias, às comunidades de quilombo para que contêm os fatos do passado e da contemporaneidade com suas próprias vozes. Algumas dessas pesquisas de referência são os trabalhos escritos por Barros (2019), Barros e Silva Junior (2021), Barros e Paulino (2020) sobre o benzer quilombola amazônica e a resistência ao modelo oficial de saúde e o fortalecimento de comunidades afrodescendentes de Óbidos, no oeste paraense e a pesquisa de Pontes (2019) sobre as condições de vida e hábitos culturais em saúde em comunidade tradicional do Baixo Amazonas: o caso do quilombo/mocambo Muratubinha.

Como datas cronológicas de referência do processo histórico ocorrido na região amazônica, nós temos a leva de fuga dos africanos escravizados das fazendas situadas nessa região, principalmente nas cidades de Santarém e Óbidos, no século XIX para o interior da floresta e sua organização comunitária na forma de mocambos/quilombos; no ano de 1888, ocorre a assinatura da Lei Áurea com a abolição da escravidão no Brasil. Um século depois, no ano de 1988, o reconhecimento “oficial” do direito das comunidades quilombolas/mocambeiras ao território e à propriedade de suas terras remanescidas de antigos quilombos, pela Constituição de 1988. Ainda nesse ano, inspiradas pelos impulsos reivindicatórios que a Constituição Cidadã incentivava, as comunidades quilombolas/mocambeiras começaram a realizar encontros para planejar pautas e lutas.

Segundo assinala Idaliana Azevedo em sua obra primorosa *O Puxirum* (2002), a realização do primeiro “Encontro Raízes Negras”, que teve como tema: “Do entrelaçar de nossas diferentes raízes brota o rebento da esperança – solidariedade”, promovido com apoio da Associação Cultural Obidense (ACOB), e ocorrido de 24 a 26 de junho de 1988, no quilombo de Pacoval, no município de Alenquer, serviu de demonstração da organização das comunidades quilombolas, localizadas na região do Baixo Amazonas. Nascimento aponta que:

As temáticas abordadas nos encontros possibilitavam discussões sobre as histórias das comunidades, criação de estratégias para atingir o reconhecimento pela Fundação Palmares e titulação dos territórios, além de temáticas relacionadas aos direitos instituídos moradores de quilombos quanto às políticas públicas desenvolvidas pelo Estado Brasileiro. (NASCIMENTO, 2018, p. 59).

É importante assinalar que o referido encontro em sua terceira edição foi realizado no Quilombo do Silêncio, na região das cabeceiras. Para o entrevistado Santos, C. C. (2022), a luta por seus direitos parte da participação popular, assim como foi para a organização do encontro “Raízes Negras” que buscou a titulação das terras quilombolas da região das cabeceiras. Nesse período era buscado o que a constituição brasileira de 1988, no seu artigo 68º, inserido a partir de um Ato das Disposições Constitucionais Transitórias [ADCT], dizia sobre o dever do Estado Brasileiro em conceder títulos às comunidades quilombolas. “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes títulos respectivos” (BRASIL.



1988, art. 68º). Diante deste cenário, o entrevistado SANTOS C. (2022) relata como ocorreu a busca pelas raízes da comunidade e como foi o processo de luta pelo título da terra.

A comunidade Silêncio, era chamada de Silêncio do Matá. Ela se deu por causa da libertação dos escravos, eles vieram lá do Paranã de baixo, foram tentar se esconder dos senhores. Eles deram esse nome porque quando eles chegaram pra cá era silêncio, não tinha casa, não tinha barulho. E Matá porque tem em frente à comunidade um lago e, nesse lago, tinha muita tartaruga matá-matá. A partir dessa localização, dos primeiros habitantes, aí foi expandido as famílias na comunidade. Hoje nós temos aproximadamente 212 famílias e 1085 habitantes na comunidade. Porque têm muitos habitantes, muitas pessoas que moram em Óbidos, muitas pessoas se deslocaram pra Manaus. Tem muita gente daqui que foi para para Belém, as pessoas se espalharam tão vivendo aí no mundo (SANTOS, C. C., 2022).

Na década de 90 começamos a tentar o título da terra a partir de um estudo feito pela professora Idaliana sobre parentesco, aí fomos descobrindo a partir de 1889 e 1990 que nós tinha parentes em Alenquer, ali no município de Alenquer no pacoval, parentes no Alto Trombetas. A Idaliana se empenhou em fazer esses estudos de levantamento. Em 1988, nós tivemos o primeiro encontro raízes negras, no Pacoval. Quando foi em 1989 teve em trombetas lá no Jauari, quando foi em 1990 o terceiro encontro foi aqui na comunidade Silêncio. Eu comecei a fazer as pesquisas, e fomos buscar nossos direitos como quilombola, e fomos conseguindo. Nosso título definitivo veio em 1989, foi feito através da associação e nós lutamos pelo nosso título coletivo, aí conseguimos (SANTOS, C. C., 2022).

As comunidades que participaram, eram seis: a de Silêncio, São José, Matá, Puecé, Quenhanduba e Apuí. A partir do título que nós conseguimos aí entrou mais comunidades, entrou o Centrinho, entrou Cerrinha, entrou Poti Grande, Patauá de São José e entrou Vila Nova do Castanhantuba, são onze comunidades que fazem parte das cabeceiras. E estamos aí nessa empreitada, tentando buscar mais melhorias para as nossas comunidades quilombolas. Hoje ainda estamos lutando, temos alunos já nas universidades, que estão com necessidade de se manter estudando e o governo federal quer tirar as bolsas de curso dos estudantes. Então estamos brigando, buscando parceria pra manter essas bolsas dos estudantes dentro das universidades (SANTOS, C. C., 2022).

Nesse sentido, o entrevistado menciona a realidade do passado e do presente sobre as comunidades quilombolas da região das cabeceiras, fazendo alusão inclusive a questão das bolsas de estudos destinadas aos estudantes do local que estão sendo suprimidas das universidades, e assim prejudicando o acesso à educação para essa população, pois para estudarem eles precisam se deslocar até o município de Óbidos diariamente. Esse deslocamento, quando feito em embarcações não constitui uma rota fácil já que é feito em bajaranas ou rabetas, com duração de pelo menos duas e meia; e quando feito via rodoviária, a estrada é bastante arruinada, não asfaltada e em período de chuva é aconselhado sequer esse tipo de viagem. Além disso, o entrevista trouxe em sua narração questões

econômicas, comentando que as famílias sobrevivem da agricultura e da pesca e sustentam suas famílias com a venda desses insumos em área urbana. Neste caso, o gasto com o dinheiro precisa ser bem planejado, já que é preciso manter toda a família, principalmente os filhos que atendem às aulas na universidade.

Outro ponto a se destacar diz respeito às mulheres. Nesta comunidade, elas também desempenham uma variedade de papéis para a sua subsistência e a de suas famílias, bem como para os cuidados de saúde dos residentes da comunidade. Ao desempenharem diferentes papéis que se tornam a base para o bem-estar de seus grupos sociais, essas mulheres acabam quebrando as condicionantes patriarcais herdadas tanto da África quanto da Europa.

O modelo eurocêntrico na maioria das vezes, as mulheres, principalmente as mais velhas, assumem todas as responsabilidades pelo cuidado e tratamento dos doentes da comunidade, bem como pelas atividades domésticas, cultivo e colheita de produtos para o sustento familiar. Portanto, é inegável a participação das mulheres em todos os setores desta sociedade e nas relações sociais, políticas e culturais desse grupo.

**Figura 12:** Jardim de casa cuidado por uma mulher da comunidade Quilombo/Mocambo Silêncio.



Fonte: Registro do autor (2022).

**Figura 13:** Mulheres na casa de Farinha em trabalho de torrefação da mandioca esfarelada.



Fonte: Registro do autor (2022)

Quando questionados sobre a história dos antepassados, os comunitários mencionaram que as histórias eram contadas pelos seus avós.

Nós sabemos que o povo brasileiro vieram fugidos da África. Aqui não foi diferente, eles vieram fugitivos e se alojaram em uma comunidade chamada Vilazita, e de lá pra cá vieram fugindo até chegarem aqui na comunidade Silêncio. E se alojaram aqui as margens, porque tinha os índios mas eles moravam dentro da mata, e os escravos ficaram as margens. Aqui na comunidade nós nos consideramos todos parentes, tem uma vizinha lá de cima que ela conta que a mãe dela levou candeia na mão, o que era candeia? Era colocar na mão do escravo a banha de peixe como um pano enrolado e acendia como se fosse a lamparina de antes. Então essa senhora ela contava que a mãe dela tinha sido escrava, eles usavam a mãe dela pra segurar a lamparina (OLIVEIRA, C., 2022).

Meu bisavô foi escravo e veio fugido para da comunidade Paranã, depois se mudou para a comunidade Silêncio, eles foram os primeiros moradores do Silêncio, pois o local era mais adequado para trabalhar. Eles ainda pegaram a escravatura (SANTOS, E., 2022).

Olha eu não lembro bem, mas eu sei que eles cortavam pau para fazer aqueles fecho de lenha pra vender para os navios que passavam (REIS, 2022).

Minha mãe dizia que a avó da minha avó era escrava e veio fugida para a região. Mas os primeiros eram fugitivos de lá né, da África (SOUSA, 2022).

Percebe-se na narração dos sujeitos pesquisados que as histórias de seus antepassados estão se perdendo, pois durante a entrevista, os participantes não lembravam de maneira segura de histórias que narrassem suas raízes. Também foi possível fazer uma análise e concluir que falta o interesse dos mais novos pela preservação da história de suas raízes. Assim, os indivíduos entrevistados relatam como no passado os problemas de saúde eram tratados, quando a medicina tradicional ainda não alcançava o local. As mulheres da comunidade, principalmente as mais velhas, foram as que mais relataram histórias de seus antepassados, e as que mais tinham conhecimento sobre a manipulação de plantas medicinais e cuidado dos doentes da comunidade, e também as responsáveis pelas atividades domésticas, agricultura familiar e parte do sustento familiar, demonstrando que possuem uma variedade de papéis que vão desde estratégias para a subsistência da família até a promoção da saúde da comunidade.

Tal fato contrapõe ao com o modelo eurocêntrico, pois o desempenho de vários papéis (relações sociais, políticas e culturais) torna a mulher sujeito fundamental estruturador da base familiar em meio a esse grupo social.

Neste sentido, deve-se ressaltar que essa constatação confirma uma conquista fundamental da mulher como protagonista do processo de cuidado com a família e a comunidade, principalmente porque segundo consta nos mais diversos contextos históricos sobre o papel da mulher, ela era destinada a viver submissa e subjugada à figura masculina. Pena aponta que:

Até recentemente na história, ela não tinha direito a uma alma; só a ganhou por uma pequena maioria de três votos, no Concílio de Maicon. Afinal, diziam as escrituras, ela era a responsável pelo pecado original de Adão ... salvá-la de sua perdição, purificá-la de sua sexualidade, fonte do pecado original, foi a missão colonizadora do homem. E, salva ela estava, desde que, serva da família ela se identificasse ao seu útero, cumprindo os desígnios de Deus: crescer e multiplicar-se. (PENA, 1981, pp. 14-15).

Dito esta percepção de subjugação da mulher por parte do homem, com apoio do Cristianismo e sua visão patriarcal, podemos então perceber que esse poder do homem sobre a mulher perde força ao longo dos anos no ambiente quilombola no Baixo Amazonas, desde o período colonial por conta dos diversos papéis que a mulher desempenha frente à família e frente à comunidade onde ela vive. Para fins de constatação, não podemos negar que no ambiente branco, nessa época, conforme atesta Mott (1991, P. 18), “até mesmo a mulher branca rica tinha limitadas

oportunidades educacionais, vivia sob a autoridade do pai, do marido e dos irmãos, sofrendo arbitrariedades e violências cotidianas”.

No caso de nossa pesquisa que envolve as mulheres e a questão do uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas, notamos com as entrevistas um acolhimento cultural comunitário da função da mulher como cuidadora do outro. Notamos que esse cuidado rompe a esfera da familiar, para produzir efeitos no espaço comunitário. Sua atuação como produtora de terapêuticos advindos de plantas, e de sua prática de cura como benzedeadas, curandeiras, erveiras, rezadeiras que atuam no campo espiritual como processo extensivo à cura física, são fundamentais como demonstrativos da condição emancipatória da mulher preta da Amazônia. Vale a pena ressaltar que o uso de plantas medicinais faz parte da herança cultural africana, e serve de ação estruturante da atenção primária/ preventiva que possibilita ao morador de quilombo e mocambo o acesso à assistência à saúde. E esse uso é feito principalmente por mulheres.

### **3.7 Hábitos Culturais e Cultivo Sustentado**

A Investigação sobre hábitos culturais amazônidas e saúde coletiva de comunidades quilombolas exige a imersão no cotidiano dessas comunidades, investigações sobre os aspectos históricos que vão desde o período da colonização até a atualidade, e a consideração pela história oral que sobrevive a gerações (BARROS, 2019). Nesse contexto os entrevistados foram indagados sobre a manipulação de plantas medicinais poder ser gerador de algum recurso financeiro, as respostas estão descritas a seguir.

P1- A manipulação de plantas medicinais gera algum recurso financeiro para você?

P2- Você acredita que plantas medicinais possam ter potencialidade de renda financeira?

Se a gente se organizasse com manipulação de plantas medicinais poderia gerar uma renda coletiva para a comunidade. Se nos organizássemos conseguiríamos uma renda através dela, mas muita gente não se interessa mais nessas partes, principalmente os mais novos (SANTOS, C, 2022).

Eu nunca cobre, mas quem faz e vende, se o remédio for bom tem saída (BATISTA, 2022).

Eu fazia xarope, eu fazia garrafada pra anemia, pra problema de inflamação. Eu ganhava, pouco mais eu ganhava, mas o pessoal se dava bacana com os xaropes, então eu acredito que se fosse organizado íamos ganhar dinheiro com isso (REIS, 2022).

Eu não vendo, eu só dava para as pessoas que estavam precisando, ai elas levavam. As plantas tem potencial de renda extra minha querida, porque a gente compra desses de farmácia, esses também poderíamos vender (SANTOS, M. P., 2022).

Eu não vendo, mas se tem potencialidade financeira, ah tem. Se tivesse uma associação, lacrava e vendia. Porque tem gente lá do Curuá que ganha muito com isso (SANTOS, E., 2022).

Eu nunca vendi, não por falta de ocasião. Mais vale um amigo na praça do que dinheiro no bolso, tipo assim se a senhora tivesse precisando de uma garrafada eu lhe daria jamais venderia, prefiro fazer as garrafadas e não cobrar. Mas que elas poderiam gerar dinheiro para comunidade a mais com certeza, quem dera se isso viesse a acontecer. Por que quando a gente compra aqueles remédios e lê o rótulo vê que tem planta e daria muito certo. Se houvesse uma organização na qual a manipulação de remédios fosse bem estruturadas e remédios com rótulos especificando para cada doença com certeza daria um belo retorno (OLIVEIRA, C., 2022).

Nunca vendi porque eu sou uma pessoa muito boa com as outras, como muitas pessoas dizem se a senhora vender a senhora ia ganhar dinheiro. Mas as pessoas vem me pedem e eu dou. Eu acredito que se a comunidade se organizasse seria uma possibilidade de renda extra, pois eu conheço uma senhora ali em cima que ganhava seu dinheiro através dos remédios caseiros e ela vendia muito. Mas aqui não tem quem faça pra vender (SANTOS, C. M., 2022).

As falas dos entrevistados remetem ao uso das plantas em um contexto de solidariedade, pois como mencionado pelos entrevistados (SANTOS, C. M., 2022; (SANTOS, M. P., 2022; (OLIVEIRA, C., 2022), devido o saber ser algo compartilhado, os remédios caseiros são usados como ferramentas de ajuda “para com seus semelhantes”. Mesmo não cobrando, a importância na comercialização de remédios caseiros se dá porque é possível transformar a sabedoria da manipulação de plantas medicinais em renda extra, assim também nasce a necessidade de organização com a formação de uma associação na comunidade para alcançar esse fim, além de mencionar que outras comunidades já atuam na manipulação das plantas como fonte de renda extra (SANTOS, E., 2022). Diante disso, as perguntas norteadoras sobre o uso e manipulação de plantas medicinais indicaram que essa sabedoria é usada como ferramenta de doação ao outro, pois o objetivo final é o de restauração da saúde sem a troca por valor financeiro, portanto, sem constituição da atividade em função comercial. Entretanto, é visível que esse saber também poderia ter potencial financeiro se fosse organizado dentro da comunidade. Contudo, alguns fatores não

corroboram para esse processo como, por exemplo, a falta de interesse dos mais novos pelo aprendizado e uso comunitário desses saberes.

Essa alternativa econômica percebida pelos entrevistados também já vem sendo notada pelo Estado brasileiro. Bel Levy, no portal da Fiocruz aponta que:

Empreendimentos de povos e comunidades tradicionais e de agricultores familiares representam uma alternativa potente para a inclusão produtiva, com geração de emprego e renda, impulsionando a competitividade para mercados diferenciados, pautados em valores como a equidade de gênero, nos conhecimentos e saberes tradicionais, na conservação e no uso sustentável da biodiversidade brasileira. (LEVY, 2021, #01).

Por esse motivo, uma iniciativa conjunta do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), por meio do projeto *ArticulaFito - Cadeias de Valor em Plantas Medicinais*, gerou a identificação de 26 produtos oriundos de cadeias de valor em plantas medicinais, aromáticas, condimentares e alimentícias nos biomas Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica e Cerrado, nas regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do país. Em entrevista a Bel Levy, a pesquisadora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) Joseane Carvalho Costa, que também é coordenadora técnica e executiva do projeto, apresentou quais produtos podem ser potencializados como agregadores de valor a partir da implantação de cadeias de valor em plantas medicinais:

São produtos como chás, colírios, repelentes, hidratantes, azeites para uso na gastronomia, dentre outros, que têm como matéria-prima espécies vegetais da flora brasileira. Agora, para inserir esses produtos no mercado, é necessário superar desafios identificados pelo ArticulaFito, que desde 2015 vem trabalhando para promover essas cadeias de valor, prestando capacitações e outros serviços para adequar os produtos aos diferentes mercados, em âmbito local, nacional e internacional (COSTA *apud* LEVY, 2021, #01).

Nesta linha, Assis *et al.*, (2015) corrobora com as ações da Fiocruz, pois ele aponta o grande potencial que a biodiversidade brasileira fomenta para o desenvolvimento de produtos inovadores. Assim, políticas nacionais impulsionariam a importância da medicina tradicional. Vale ressaltar que o Brasil pode ser considerado o maior celeiro da biodiversidade do planeta, tendo grande potencial para geração de pesquisas, desenvolvimento e inovações de produtos frutos de plantas medicinais. No entanto, sabemos que os progressos tecnológicos da medicina e da indústria farmacêutica têm desestimulado o uso das plantas medicinais, sob a



afirmativa da falta de dados científicos que assegurem seus efeitos positivos à saúde humana.

P3- A manipulação de plantas medicinais tem gerado algum dano no ambiente ou natureza onde você vive?

P4- você acredita que o uso de plantas medicinais pode ser usado como aliado ao desenvolvimento sustentável?

Lima (2020) menciona a importância de investimentos e planejamentos que envolvam os países em uma aliança de colaboração para a preservação de recursos e, também, para um desenvolver mais consciente. Logo, para traçar uma estratégia de conservação biocultural é necessário promover a transmissão de conhecimentos etnobotânicos alinhados com o desenvolvimento sustentável e a saúde e estimular o desenvolvimento de estratégias para a conservação de plantas medicinais, sempre colocando em evidência o protagonismo dos especialistas comunitários, que são os detentores dos saberes, sob todas as condições experimentais, que talvez um laboratório científico não tenha condição de registrar, e cujo legítimo direito de propriedade deve ser respeitado.

Além disso, a educação sustentável surge como o principal processo social para lidar com este tipo de desafios, mas por meio de uma perspectiva moderna de educação baseada no local, consciência coletiva e coalizões vitais de partes interessadas (AMPRAZIS; PAPADOPOULOU, 2020). Neste sentido, há um grande esforço sendo feito para desenvolver programas técnicos para cultivo de plantas ameaçadas de extinção nas condições naturais e que possuem um importante valor econômico para a comunidade cultivadora.

A biodiversidade contribui significativamente para a subsistência e o desenvolvimento humano e, portanto, desempenha um papel predominante no bem-estar da população global. Cerca de 80% da população global ainda depende de drogas botânicas; hoje, vários medicamentos devem sua origem às plantas medicinais. (SEN; SAMANTA, 2015). Estudos farmacológicos demonstram que as plantas apresentam uma vasta gama de bioatividades, contendo anti-inflamatórios, antioxidantes, hepatoprotetores, cardioprotetores e neuroprotetores, inseticidas e



anti-influenza que avançam em testes e em produção nos últimos anos (ZHANG, 2018).

### 3.8 Hábitos culturais e uso terapêutico de plantas medicinais

É fundamental e necessário que as condições ambientais e climáticas mantenham preservadas a biodiversidade e, conseqüentemente, as plantas de valor medicinal. Isso se torna ainda mais importante para as nações em desenvolvimento, as quais um bem planejado processo de desenvolvimento sustentado com respostas preservacionistas e conservacionistas em relação ao meio ambiente, associadas à comercialização não destrutiva dos recursos naturais, pode ajudar no equilíbrio ambiental, beneficiando a humanidade no longo prazo (SEN; SAMANTA, 2015). Nesse sentido, fizemos algumas perguntas aos participantes de nossa pesquisa, a saber: Quem ensinou você sobre a manipulação de plantas medicinais? Você tem transmitido a algum ente da família o saber que você adquiriu sobre plantas medicinais? Você procura aplicar seus conhecimentos sobre o uso e manipulação de plantas medicinais? Existe algum lugar específico que você trabalhe com as plantas medicinais? Quais são as formas (chá, uso de raízes, uso de folhas, garrafadas etc.) que você usa para a manipulação de plantas medicinais?

Quanto ao ensino sobre a manipulação de plantas medicinais e se esse conhecimento tem sido passado a diante, as respostas são:

Mais era minha mãe mesmo, pois ela gostava muito dessas plantas caseiros, ela fazia garrafadas para as pessoas né. Algumas vezes só mesmo algum conhecido as irmãs quando chego, tal planta é bom a gente vai dizendo né (SANTOS, M. D., 2022).

Elas *vejam* eu fazer, e eu digo assim pra elas quando eu morrer vocês não vão achar mais quem faça mais pra vocês, quando elas vem me pedir eu faço. Às vezes eu chamo é a Cleuma, olha Cleuma repara aqui olha isso aqui, tudo essas cascas que a gente coloca só numa panela e ai conforme ela vai fervendo né ai gente põe um açúcar, um pouquinho de açúcar (AZEVEDO, M., 2022).

Na fala dos entrevistados Azevedo M. (2022) e Santos M. D. (2022) é possível observar que os conhecimento que foram aprendidos nas gerações passadas estão sendo transmitidos, na medida do possível, e alguns entrevistados apontaram chamar atenção dos mais novos para que aprendam sobre essas manipulações.

Só para os meus filhos, as vez que eles tão aperreado com tosse ai eu falo pra eles, que remédio é bom? Eu digo olha tal remédio eu vou te dar ou então eu vou ferver pra ti. Um filho lá do silencio, que ele mora pra comunidade pra lá, ele estava muito aperreado com a tosse, eu fiz mangarataia, casca de manga hortelão grande tudo isso é bom pra xarope. Põe pra ferver com açúcar depois fica bem (SANTOS, M.P., 2022).

Minha mãe, porque ela trabalhava com essas coisas, ela benzia, ensinava remédio para os outro, puxava barriga de mulher que tivesse gestante e eu era muito curiosa, eu ficava por perto dela, e Deus também me deu mais algum encaminhamento. Sempre eu digo pra eles, eu explico pra eles, eu converso, eu digo as coisas, como é as coisas. Eu tenho uma neta que convive comigo, mas ela não tá aqui, ela tem um bebe ela foi para o Curuá que tem que dar vacina no neném, aí eu disse pra ela como é que faz xarope, assim porque de repente né, ninguém não sabe nem o dia e nem a hora, como faz xarope, como faz garrafada, tudo eu falo pra elas, e elas presta atenção nas coisas, e eu tenho muita fé em remédio caseiro (REIS, 2022).

Na fala do entrevistado Santos, M. P. (2022) é possível observar que em momentos de adoecimento os filhos ainda procuram os pais para direcionamento do que deve ser preparado ou tomado de acordo com os sintomas apresentados. Assim, pela fala dos entrevistados há resolução para os problemas de saúde através das plantas medicinais, pois os filhos e parentes retornam para solicitar novos tratamentos.

Olhe eu participei de um curso né ali no barracão Pauxis. E minha mãe era parteira, ela também benzia o negócio de quebranto, me ensinou alguns remédios e quando apareceu esse curso eu aprendi a fazer, porque pelo menos as vezes a gente não tem dinheiro pra comprar né e ai a gente fazendo um remédio caseiro aí melhora. E quanto a gente perde, porque também as plantas medicinais tem grande valor né, porque muitas tem vitaminas né e ai também depende de saber a quantidade porque um xarope não é muita coisa para fazer, tem um limite das folhas das raízes (SOUSA, 2022).

Para Ribeiro (2019) no período da globalização, verifica-se a valorização mundial das plantas medicinais e fitoterápicas através de novas bases. As práticas de fitoterapia estão presentes no território brasileiro desde muito tempo, ligadas à medicina popular e às práticas culturais que vêm de geração em geração em todas as regiões do país. Nessa perspectiva, o medicamento fitoterápico não é uma novidade e sua produção industrial detém um desafio de unir-se com os preceitos de desenvolvimento sustentável e, assim, alcançar a qualidade internacional para a comercialização.

Os entrevistados foram indagados também sobre plantas medicinais que eles utilizariam conforme indicação terapêutica. Foi possível observar que existem

divergências quanto às formas de preparo quando relacionado aos ingredientes, mas a forma predominante de preparo foi o chá, como mencionado a seguir.

#### P1- Dor de garganta

Mangarataia é bom. É fazer o chá bate bem põe pra ferve né o chá pra tomar, eu gosto de tomar (SILVA, 2022).

Pra dor de garganta a gente usa muito a gengibra que é a mangarataia. A gente faz o chá, bate a mangarataia coloca o mel de abelha e a andiroba. E faz o melzinho pra ficar tomando (SANTOS, C. C., 2022).

Pra mim é mangarataia. Pra mim é ela, eu tiro ela, lavo ela, bato ela, se tiver limão eu coloco um pouco do cajá, coloco assim um pouco da cachaça ou álcool, ponho mel de abelha faz aquela misturada e vou comendo, vou comendo ela. (SANTOS, M. C., 2022)

Silva (2022), Santos, C. (2022) e Santos, M. C. (2022) apontam a mangarataia ou gengibre (*zingiber officinale rosc.*) como utilizada em suas receitas para dor de garganta. Em paralelo, um estudo *in vitro* realizado por Li *et al.* (2012) também foi possível apontar no *Zingiber Officinale Rosc.* uma ação anti-inflamatória e analgésica, similar ao mecanismo de ação de anti-inflamatórios não esteroidais (AINES). O entrevistado Santos C. C. (2022) também une o preparo da raiz com mel de abelha e andiroba. Essa relação revela o potencial da flora no território quilombola, as farmácias vivas têm tratado, por anos, a saúde com conhecimentos passados de gerações em gerações e que têm levado alívio aos sintomas dos povos da floresta.

Para dor de garganta é bom tomar o chá do abacaxi. Fervido também, descasca o abacaxi, a senhora lava bem lavada a casca, põe para espremer, espreme aquela massa, ponha depois de pronta o chá, a senhora põe mel de abelha. (AZEVEDO, A. 2022).

O entrevistado Azevedo, A. (2022) menciona que a associação do chá da casca do abacaxi com o mel de abelha “são bons pares para se tratar a dor de garganta”. Em consonância Peixoto *et al.* (2016) em sua pesquisa sobre o uso em xarope do mel de abelha associado ao abacaxi (*Ananas Comosus*) obteve resultados satisfatórios no tratamento de tosse irritativa aguda. Os resultados da pesquisa também evidenciaram a taxa de melhora imediata do quadro de tosse, assim como mencionou Azevedo, A. (2022).

Olha eu tenho aquele romã, o romã eu tiro as semente, eu tiro a casquinha, assim fica igual umas cuinhas ai quando essas meninas ou eu tão com dor

na garganta eu coloco de molho na água para tomar, é muito procurado e é muito cara a fruta do romã. Ai eu tiro a casca ela fica amarela né? Ai a gente toma por causa da dor na garganta (SANTOS, C. M., 2022).

O entrevistado Santos C. M. (2022) argumenta que a romã (*Punica Granatum*) no seu modo chá, utilizando a casca e as sementes secas, são utilizadas para a terapêutica da dor de garganta. De acordo com o mencionado pelo entrevistado, em uma pesquisa realizada por Ross, Selvasubramanian e Jayasundar (2001) a romã, que é nativa da região do Oriente Médio, tem ação antioxidante, anti-inflamatória, bactericida tópica e, também, estimula as respostas imunes humoral, ou seja, também tem atuação na melhora da resposta da imunidade em frente a um processo infeccioso.

Como eu já disse tem que ter muita fé. Para a dor de garganta você pega a casca da banana grossa que aqui na nossa comunidade é banana grande, banana grossa e mas lá em Manaus era banana pacovã, aquela banana que a gente come frito também. Aí você pega a casca da banana grossa, queima ela ai é claro vai ficar aquela cinza, aí você pega o seu dedo e, tipo assim, coloca um pouco de andiroba naquela cinza, daquela banana, coloca o algodão no seu dedo, e gargareja a sua garganta, porque as vezes a sua dor de garganta é as amígdalas que tão inflamada, aí você gargareja e esperar com muita fé que você fica boa (OLIVEIRA, C., 2022).

Aqui quando a gente tá com dor de garganta, aí eu vou e pego o mel de abelha, andiroba ponho um pouquinho. Eu coloco as vez porque ela é amarga né duas gotinha aí bato bem, limão e a gente toma. É eu espremo assim uns pinginho do limão, uns pingo (JESUS, 2022).

O entrevistado Oliveira, C. (2022) refere o uso da cinza da casca de banana assada e o óleo da andiroba para tratar dores de garganta. Não foram encontradas na literatura evidências que mencionassem a forma de uso e a atividade terapêutica da cinza da casca de banana. Já a Andiroba (*Carapa guianensis* Aublet.), que também foi mencionada pelo entrevistado (JESUS, 2022) trata-se um óleo amplamente utilizado na medicina popular pelas comunidades ribeirinhas, possuindo ação analgésica, antibactericida, anti-inflamatória, antifúngica, antialérgica, antimalárica, também utilizada para hematomas, úlceras de herpes, reumatismo, infecções de ouvido, e funcionando como repelente natural contra picadas de insetos (SOUSA, 2019). Por conseguinte, o limão (*Citrus limon*) possui atividade antimicrobiana, antioxidante, reforçando as informações já mencionadas pelas populações que utilizam da medicina tradicional (EVERTON *et al.*, 2018). Dessa forma, a relação da cinza da casca de banana, as propriedades anti-inflamatórias do limão e da andiroba funcionam com um analgésico composto no tratamento das patologias associadas a faringites. “Olha eu ensino a tanssagem, é uma folhona, a

tonsaagem manda fazer o chá pra fazer gargulejar é muito boa ela, muito boa” (SANTOS, E., 2022).

Para o entrevistado SANTOS, E. (2022) a folha da tansagem (*Plantago major L.*) é uma boa escolha para tratamentos de dor de garganta, utilizando a folha para fazer chá. A folha mencionada pelo entrevistado é uma planta nativa da Europa e possui ação anti-inflamatória, atividade adstringente e as sementes possuem ação laxativa. Alguns compostos puros encontrados no extrato da planta também demonstraram potente atividade antiviral contra herpes-vírus (HSV-1 e HSV-2) e adenovírus (ADV-3) (UFSC, 2020).

Santos, E. M (2022) menciona que: “Olhe eu pego meu de abelha a meracilina coloco tudo junto. Não, tem planta também. Faço tudo junto para a pessoa tomar, passa aquilo pra gargulejar né e cura a garganta da pessoa”. Para o entrevistado a junção da folha da meracilina (*Alternanthera brasiliana*) e o mel de abelha proporcionam a cura para dores de garganta. Para esse entrevistado o chá não foi indicado como primeira escolha, a folha, em sua forma natural, misturada ao mel de abelha é indicada como o mecanismo terapêutico usada na forma de gargarejo. A folha mencionada é da planta *Alternanthera brasiliana*, também conhecida como penicilina, está possui ação anti-inflamatória, analgésica, antimicrobiana, antiproliferativa de linfócitos e inibidora do vírus do herpes simplex (UCHÔA, 2014). Já o mel (*Apis mellifera*) possui propriedades terapêuticas e vem sendo utilizado como agente de terapia natural devido às suas ações antibacteriana, antibiótica, anticárie, anti-inflamatória, antimicrobiana, bioestimulante, depurativa, emoliente, energética, imunoestimulante e cicatrizante (AL, 2009). Neste caso, E12 expõe que: “A gente escalda também o chá, tem para dor de garganta, fazer hortelãzinho, a gente faz com a, tem a pluma, tudo eu tenho aí a gente faz para ajudar a garganta. É em forma de chá, ela resolve para garganta e pro estômago a pluma”.

O chá da folha de hortelã (*Mentha spicata*) e a folha da pluma foram utilizados pelo entrevistado Santos, M. S. (2022), a hortelã para sintomas da garganta e a pluma para sintomas do estômago, assim como mencionado pelo entrevistado, sabe-se que a hortelã é usada há séculos na medicina popular e na aromaterapia. São utilizadas para distúrbios digestivos e hepáticos, dores de cabeça, resfriados, febres e sinusites. Possuem propriedades vaso-constritoras, antiespasmódicas, analgésicas, antioxidantes, calmantes, bactericidas, fungicidas, antialérgicas, anti-inflamatórias e bio-pesticidas (UFRJ, 2020).

Olha a garganta eu no tempo que criava meus filhos que nunca levei em médico nenhum, quem me ensinava fazer esse remédio já morreu. Era a raspagem da cuia e aquele algodão roxo, e a meracilina em planta. Aí raspava que a gente tirava a cuieria, tirava a coisa enrolava e espremia com mel de abelha e misturava com mel de abelha enrolava o algodão e botava na garganta (AZEVEDO, M., 2022).

Eu primeiramente, como diz as coisas, eu vou pelos remédios caseiros mesmo. Ai eu vou e digo olha, tem o mel de abelha, guia do algodão roxo, sumo da casca da cuieira e limão assado. Põe uma pimentinha do reino a gente bate tudo junto, assa aí um limão e faz uma misturada ali, tudo ok ali, e vai comer. Tem vez que, inclusive até um dia desses em casa a minha moleca tava, eu disse mostra aqui, deixa eu ver a tua garganta como é que está, se ela tá inflamada. Dizia a mamãe se a campainha que está arriada, que encosta na língua da gente né, e ela coça muito, aí fui olhar e disse: Olha tá muito vermelho a tua garganta, tu já vai pro remédio caseiro. Ai eu fiz aí, os moleque até ria de mim, eu falei senta aqui, aí sentou peguei um cabo de uma colher peguei no cabelo dela e suspendi três vezes a campainha dela e ela dizia mamãe pra que isso? Para suspender tua campainha que tá arriada, porque se não suspender, vai causar aquela tosse. Ai vai ficar ali até, tem vez que a pessoa até provoca ai foi foi foi, aí de noite eu passai um vick, uma andiroba e amarrava um pano na garganta dela. De manhã ela dizia mamãe mas eu dormir muito bem. Está vendo? São os remédios caseiros minha filha que a gente tem que utilizar, a gente não tem que desperdiçar esse remédio (OLIVEIRA, M., 2022).

Para os entrevistados Azevedo, M. (2022) e Oliveira, M. (2022), a receita de tratamento para dor de garganta funciona como uma herança, sendo um saber que foi repassado a ele por uma pessoa que já chegou a falecer. Os conhecimentos que passam de geração em geração nos revelam o conhecimento de anatomia humana pelos moradores mais antigos como visto nas falas do entrevistado Oliveira, M. (2022) quando menciona a questão da amidalite como um processo infeccioso. Nessa receita os personagens principais são a cuia (*Crescentia cujete*), o mel de abelha (*Apis mellífera*) e a meracilina (*Alternanthera brasiliana*) por via tópica utilizando o algodão para depositar a mistura. A *Crescentia cujete* é nativa da América tropical, também é conhecida como coité, trata-se de frutos grandes e globulosos, de casca dura e lisa, contendo uma polpa esbranquiçada. É usada principalmente para o tratamento de doenças respiratórias. Os diversos extratos do fruto foram resolutivos contra bactérias Gram-positivas e Gram-negativas e alguns fungos, além de ter sua atividade antiveneno demonstrada tanto *in vivo* como *in vitro*, contra as espécies de serpentes, *Vipera russelli* e *Bothrops* e atividade antioxidante e anti-inflamatório. No entanto, vale a pena ressaltar que a fruta não é indicada para consumo devido suas propriedades tóxicas (ALVES, 2016).

Para dor de garganta, o chá da folha do algodão roxo também é muito bom. A gente pega as folhas dele aquelas bem menor e murcha, as vez pila. Assim no fogo brando (SANTOS, M. D., 2022).

Para garganta é bom o sumo do algodão roxo, a gente assa aquela folha aí depois a gente lava, ai só tira aquele caldo e coa, pega mel de abelha misturas e se tiver a meracilina você pega uma bandinha, você coloca junto e põe um pouquinho de banha de galinha, se tiver, se não só só, só esses aí já dá. Aí você toma que melhora a garganta, a baixo de Deus você tá fazendo com fé (REIS, 2022).

Para dor de garganta eu pego umas folhas de algodão roxo, pega um limão assa bem aquele limão pega umas quatro pimenta do reino e pega a marangataia. A mangarataia é uma planta que não posso ficar sem ela. É bom para fazer xarope. Ai bate bem ali, ai pega a folha hortelão grande, pega umas três folhas de hortelã grande, pega um dente de alho corta no meio e bate, bate tudinho pra fazer aquele meladinho em uma xicara coloca o mel de abelha e de vez em quando pega uma colherinha de chá, põe em cima da língua e de vez em quando vai engolindo, e a senhora me conta se não vai ficar boa da garganta (SOUSA, 2022).

Tanto para os três entrevistados citados acima o algodão roxo é uma boa indicação para tratamento de dor de garganta. Na fala do entrevistado Reis (2022), a banha de galinha nessa receita também é uma indicação. O algodão (*Gossypium arboreum L.*) funciona como antitussígeno, para tonsilite, diurético, para queimaduras, hemorragias, gastrite, micoses e problemas respiratórios como a asma (SILVA, 2002).

Olha de primeiro a gente fazia o limão assado, assa o limão pra comer com mel de abelha. Na cinza, no fogão tem a brasa, a gente afasta assim aí mete o limão até ele assar. Ai depois a gente espreme na vasilha e toma com mel de abelha (BATISTA, 2022).

O entrevistado Batista (2022) traz o limão como o agente principal para dor de garganta, só que preparado de forma diferente, nessa receita ele é assado antes do consumo. Além dos valores medicinais que a maioria dessas plantas possui, com base na expertise empírica dos entrevistados e em dados científicos, nas falas dos entrevistados é possível observar que a fé e sua relação com os tratamentos que usam plantas medicinais é bastante presente. As condições de preparo de remédios estão diretamente relacionadas à fé de quem faz e de quem vai receber o tratamento.

Ontem mesmo o vizinho aqui do lado estava muito gripado, muito tossindo e ele veio me pedir pra mim fazer o chá, um xarope pra ele. Aí então vim atrás das minhas folha e coloquei pra ele, o xarope tá pronto aí, eu fiz duas garrafinha dei uma pra ele e fiquei com uma. Ai eu usei pevide de cumaru, uma pivide, eu usei vick em planta, hortelã do grande e hortelanzinho pequeno, a folha de puma, ai peguei o açúcar coloquei pra queimar, coloco aí quando o açúcar estava ficando meio tipo quando é molho. Ai eu peguei coloquei a água e vou soltando as pivide, o suco de limão, as folhas. Aí eu tampo aquilo por meia hora, aí quando tá começando a ferver, aquilo já tá

começando a engrossar, eu desligo o fogo e continua tampado lá com aqueles ingredientes tudo dentro, No momento que esfria eu vou coar e espremo aquele material que tá todo as folhas, aí aqui eu ponho numa vasilha pra ficar tomando. Três vezes só, devido a pívide que é muito forte também (FERREIRA, 2022).

Também foi possível observar que as receitas têm sido repassadas de geração em geração e que, atualmente, os mais velhos na comunidade são os que possuem o maior conhecimento, estando os jovens de alguma forma se distanciando desses saberes. Como aliado das receitas caseiras, a medicação de farmácia também tem sido usada como complemento aos remédios caseiros e não o oposto. A relação das receitas nessas comunidades também tem abrangido o uso de plantas medicinais com frutas da região, como mencionado pelos entrevistados Azevedo, A. (2022); Santos, C. M.; Oliveira, C. (2022); Jesus (2022); Oliveira, M. (2022); Batista (2022); Ferreira (2022) e Sousa (2022).

Além dos valores medicinais que a maioria dessas plantas possui, com base na expertise empírica dos entrevistados e em dados científicos, nas falas dos entrevistados é possível observar que a fé e sua relação com os tratamentos que usam plantas medicinais é bastante presente. As condições de preparo de remédios estão diretamente relacionadas à fé de quem faz e de quem vai receber o tratamento como pode ser observado na fala da entrevistada Oliveira, C. (2022). Os conhecimentos que passam de geração em geração nos revelam o conhecimento de anatomia humana pelos moradores mais antigos como visto nas falas do entrevistado E16 quando menciona a questão da amidalite como um processo infeccioso.

## P2- Dor de cabeça?

Para dor de cabeça tenho esse buscopan, porque as vezes a dor de cabeça da na pessoa por causa do estômago e o buscopan é bom pro estômago, faz o chá com as folhas e toma (SANTOS, C. M., 2022).

A planta conhecida na comunidade como Buscopan (*Duboisia myoporoidis*) é uma das preferidas nos componentes das receitas. Para o entrevistado Santos, C. M., (2022) a dor de cabeça pode estar atrelada à dor de estômago. Carneiro (2014) em sua pesquisa sobre princípios ativos, menciona que a *Duboisia myoporoidis* tem como uma das suas principais funcionalidades o princípio sedativo e anti-inflamatório.

Apesar de ser um povo quilombola, mas hoje em dia a falta da fé está se devastando, as vezes nós não temos muita fé nos remédios medicinais. Mas eu oriento assim quando você tiver com dor de cabeça, pra que você não fique se encharcando em remédios, você pega a arruda, a famosa arruda,



coloca no álcool, e nós temos também aquela pedra de arcanfa. É uma pedrinha que não é medicinal, é encontrado na farmácia, ai coloca lá dentro do álcool e ela dissolve e você cheira. É tiro e queda pra você não tomar muito comprimido (OLIVEIRA, 2022).

O entrevistado Oliveira (2022) menciona a fé como o pilar para a cura, estando esse processo mais enfraquecido nos dias atuais. É através da fé, que tanto para quem faz o remédio quanto para quem toma que a cura se manifesta através do uso das plantas medicinais. Nessa receita, pode ser observado que a terapia inalatória é utilizada para aliviar dores de cabeça, sendo uma possibilidade para aqueles que não querem tomar muitos comprimidos.

Para Santos, C. C., (2022) o chá de hortelã grande (*Mentha Spicata*) e mastruz (*Chenopodium ambrosioides L.*) funcionam contra dor de cabeça. Cita o entrevistado Santos, E. (2022): “Pra dor de cabeça tem o hortelã grande e mastruz, faz o chá”. A *Chenopodium ambrosioides L.* foi descrita como possuindo ações anti-inflamatória, ansiolítica e antipirética o que leva a tratar cefaleia (OLIVEIRA, 2016).

Para o entrevistado Santos, M. P. (2022) a terapia inalatória também é uma indicação adequada para dores de cabeça, sendo utilizado o breu, uma resina exsudada do tronco de árvores. Expõe Santos, M. P. (2022): “Olhe minha querida, se é pra gente dizer, eu vou contar como diz a história. Olhe a gente usa o breu branco e breu cumaru e é só cheirar. Breu branco é um uma coisa que gruda no pau”. No tronco das árvores, primeiro se encontra a forma de resina transparente que possui um cheiro que leva a uma sensação de frescor. Com o tempo a resina cristaliza e forma o breu, uma espécie de pedra formada por uma coloração cinza que não perde o cheiro da sua resina.

Para o entrevistado Santos, M. C. (2022) a inalação também é utilizada, dessa vez a planta, nesse caso, a arruda (*Ruta graveolens*) é colocada dentro do álcool em um frasco. Ele afirma: “eu gosto de cheirar arruda com álcool”. Quando a dor de cabeça aparece, abre-se o frasco e realizasse uma inalação profunda. Não só a arruda pode ser usada nesse processo, mas também outras raízes ou folhas podem ser colocadas na receita.

Para Batista (2022) o tratamento para dor de cabeça seria tópico. O entrevistado explica que: “De primeiro a gente misturava pasta de dente com vick misturava e passava na testa por causa da dor de cabeça”. Trata-se de uma mistura entre creme dental e vick, nessa receita não foi mencionada nenhuma planta

medicinal, no entanto, o entrevistado mostra a possibilidade de adaptação com produtos que não são típicos da fitoterapia, mas que podem ser usados para alívio dos sintomas da dor de cabeça.

O entrevistado Ferreira (2022) comenta: “Olha para dor de cabeça o épador, o chá das folhas. Eu faço bastante o chá de épador com a pluma e a folha de limão”. A folha mencionada pelo entrevistado Ferreira (2022), tem sua utilidade bastante comum na comunidade, e é encontrada facilmente nos quintais, trata-se de uma plantas com a mesma propriedades da coca, Ribeiro (2010, p. 94) afirma que: “*Erythroxylum cataractum* – epadu, ipadu. Arbusto de folhas oblongas pequenas, flores pequeninas e frutos drupáceos rubros. Tem as mesmas propriedades da coca, sendo cultivado pelos índios do alto Amazona”.

### P3- Dor de estômago?

Boldo. Até tenho em casa, mas o da folha pequena, tenho mais uma confiança na folha pequena. É só ferver ou esquentar e fazer o chá (SILVA, 2022).

Para dor de estomago você pode tomar o boldo, chá de boldo. Nós temos dois boldo, o boldo grande ou o boldo pequeno, aí você pega ferve e toma. E lembrando que os nossos remédios caseiros eles levam açúcar, quando você faz um chá pra qualquer paciente não se deve colocar açúcar (OLIVEIRA, C., 2022).

Para os entrevistados Silva (2022) e Oliveira, C. (2022) o chá do Boldo (*Peumus Boldus*) é uma boa escolha, no entanto, E1 menciona uma confiança maior no tipo de folha pequena. O *Peumus Boldus* está relacionado também a tratamentos para enxaquecas relacionadas com a disfunção biliar, como diurético e antiespasmódico nas cistites (PEREIRA; GONÇALVES, 2021). O entrevistado Oliveira, C. (2022) ressalta que no preparo desse remédio não se deve adicionar açúcar.

O entrevistado Azevedo, A. (2022) menciona o uso da casca da árvore conhecida na região como pau sara tudo ou pau para tudo (*Cinnamodendron dinisii*), a casca é retirada das árvores e colocada de molho na água em temperatura ambiente, em torno de três horas depois é retirada a camada mais externa da casca, então se bate a casca macerando-a e ela é colocada novamente em outra água, que depois de algumas horas poderá ser usada para consumo. Ele explica: “Pra dor de

estômago a casca do pau para tudo. Põe também de molho, tira aquela casca, bate bem e põe de molho, o tamanho que quiser”.

Para Santos, E. (2022) além do boldo, as folhas da planta caatinga, também conhecida na região como caatinga-da-mulata, podem ser utilizadas na forma de chá para dores de estômago. A caatinga (*Tanacetum vulgare*) é conhecida na região pelas suas propriedades analgésicas:

Pra dor de estomago nós temos o boldo e a caatinga. A gente coloca três folhas de cada uma dessas e escalda, coloca numa vasilha coloca água quente e tampa. Aí com uns quinze minutos a gente tira pra esfriar e tomar (SANTOS, C. C., 2022).

O entrevistado Jesus (2022) destaca o chá de Marupari que, além de servir para dor de estômago também serve para diarreia. Ele afirma que: “O chá de Marupari, ele é bom pra diarreia também.” Para Santos, E. (2022) a mistura das folhas do abacateiro e da Japana podem ser utilizados nessa indicação terapêutica: “o chá da folha do abacateiro e o Chá de Japana.” Na comunidade foi possível observar a preferência pelas manipulações de chá para a produção dos remédios.

O entrevistado Santos, M. S., (2022) confirmar que “A gente ferve as folhas do Parigório e da Pluma, o coisa que é boa para o estômago, ferve o chá e toma. A gente põe na geladeira, e toma até parar os sintomas.” De fato, a associação de folhas das duas plantas é recomendado para dores estomacais, dentre as plantas citadas está o Parigório (*Ocimum seloi Benth*) que foi descrito na literatura como antidiarreico, antiespasmódico e anti-inflamatório (PEREIRA; LIMA; SOUZA, 2021).

Outra narrativa é de Azevedo M. (2022) e Reis (2022) eles confirmam que o chá das cascas ajuda com as dores no estômago, cita-se o cuidado com a limpeza da casca e o seu acondicionamento em água por algumas horas para que as propriedades curativas da casca sejam repassadas para a água, que poderá ser levada a geladeira para uso. O entrevistado Azevedo M. (2022) explica que “Coloca a casca da Taquarirama de molho e depois é só tomar”; já Reis (2022) expõe que “Pra dor de estomago é bom a caraparnauba, gente pode ferve, lavar bem o pedaço da casca e coloca de molho, tampa e põe na geladeira para tomar, ou fazer o chá.”

O Boldo é uma planta bastante utilizada na comunidade, assim como a buscopam, dentre suas indicações de tratamento os entrevistados Santos M. D. (2022) e Ferreira (2022) mencionam os seus benefícios para o estômago. Santos M.

D. (2022) narra que “O boldo, as vez eu faço ele pra problema de estômago. Eu ferveo, pego umas cinco folha porque ele é forte”; enquanto Ferreira (2022) apresenta que: “Pra dor de estômago eu uso sempre o chá de buscopan”.

Para o entrevistado Sousa (2022), as folhas da árvore de Uxi amarelo (*Endopleura*) podem ser usadas para consumo na forma de chá e os seus benefícios auxiliam em tratamentos estomacais. Depois de anos com a manipulação empírica de plantas da floresta, como cascas de árvores, raízes, folhas, caules e suas resinas, esse conhecimento milenar é uma enciclopédia no sentido cumulativo de conhecimento sobre saúde humana e animal. Ela é resultado de muitas histórias contadas experiências trocadas em busca da sobrevivência da coletividade. Ao chegarem à floresta amazônica, os escravos se depararam com a biodiversidade e aprenderam a tirar da floresta a cura para os males que vinham a afetá-los e esses conhecimentos foram repassados oralmente às gerações futuras. Como pode ser visto anteriormente na fala dos entrevistados, existe mais de uma forma de tratar uma mesma doença, os ingredientes e as doses podem ser diferentes, mas isso não interfere no resultado, pois essas populações sobreviveram até o presente graças aos conhecimentos herdados de seus ancestrais sobre a floresta.

#### P4- Infecção urinária?

Nesse momento os entrevistados foram indagados sobre plantas que eles soubessem ser efetivas para o tratamento de infecção urinária. A história oral possibilitou a recordação de lembranças das receitas que foram ensinadas pelo antepassados, sendo possível observar a menção de folhas, raízes, galhos e demais partes de plantas que poderiam ser utilizadas. Nesse sentido segue o relato a seguir:

Olha pra infecção urinária tem aquele negócio de canafístula, eu chamo canafístula, uns chamam cana ficha, não sei qual é o certo. Não é uma planta é uma folha, a gente ferve a folha, tem o quebra pedra também, a gente põe tudo junto. Para fazer efeito eu quebro é logo o galho e ponho para ferver, para curar logo (SANTOS, C. M., 2022).

Para infecção urinaria nós temos uma planta aqui na comunidade que se chama quebra pedra, você pega aquela plantinha, ferve e dá. Ai tem da roxa e tem da branca. A roxa cura melhor, como se ela fosse mais forte. Você faz o chá e dá para a pessoa tomar, ou então você faz o chá da folha do abacateiro (OLIVEIRA, C., 2022).

Para os entrevistados Santos, C. M., (2022) e Oliveira, C., (2022) os sintomas de infecção urinária podem ser tratados chás de plantas consideradas de sabor

amargo, nessa categoria, a quebra-pedra foi muito mencionada nas entrevistas. Para Santos, C. M., (2022) a composição do chá pode ser feita com galhos acompanhado das folhas. Tanto a canafístula (*Peltophorum dubium*) quanto à quebra-pedra (*Phyllanthus niruri*) são conhecidos na comunidade por suas propriedades analgésicas.

Para Santos C. (2022) e para Jesus (2022) a raiz do quebra-pedra seria mais recomendada, para Santos C. (2022) inicialmente se faz o chá da raiz, da hortelã e do mastruz, em seguida pode ser adicionado a andiroba e o mel de abelha, e levar a geladeira, uso pode ser feito pelo tempo que persistirem os sintomas.

Infecção urinária a gente usa sempre a raiz do quebra pedra, coloca o hortelã e o mastruz. Coloca o mel de abelha e andiroba para ficar igual um mel, a gente não coloca açúcar, coloca na geladeira e fica tomando. Coloca tudo junto, a gente amassa e faz igual um melzinho para tomar (SANTOS, C., 2022).

Chá de sara tudo, quebra pedra ferve e toma (JESUS, 2022).

Para Santos, E. (2022) o modo de preparo do chá para sintomas de infecção urinária devem conter a combinação entre raiz, folhas e sementes. A raiz deve ser da planta quebra-pedra e da planta mutuquinha, folhas de abacateiro do amarelo e as sementes do limão.

Folha do abacateiro, três folha da cana mansa, três folhas do abacateiro do amarelo, a cana mansa, a raiz do quebra pedra e a mutuquinha, lá em casa tem descunforme a mutquinha e quatro sementes do limão, aí faz o chá e você toma pra infecção urinária (SANTOS, E., 2022).

Para Santos M. P. (2022) e Santos M. S. (2022), o chá com as folhas das plantas pode ser usado enquanto persistirem os sintomas de infecção urinária. Narra Santos M. P. (2022) que: “O chá de amor crescido é muito bom”, enquanto que Santos M. S. (2022) apresenta que: “Quebra pedra e cana ficha, quem está no interior faz isso, ferve, coa e toma. Cada hora que sente a infecção urinária”. Já para Santos M. C. (2022), o chá de cana mansa serve para clarear a urina. Combatendo uns dos sintomas da infecção urinária que é a coloração mais intensa: “Aquele folha de cana mansa. É chá, eu coloco umas três que é muito bom para dor, e para clarear a urina também” (SANTOS, M. C., 2022).

Para Azevedo M (2022) além das folhas da planta mencionada, sementes também podem ser utilizadas, nesse caso a semente da melancia. Pelo exposto, a comunidade tem aproveitado todas as partes das plantas que estão em sua volta. Afirma ele:

Eu tenho aquela, esqueci agora o nome, eu tenho até ali. A quebra pedra e a semente da melancia, tudo isso a gente ferve junto. Mas eu esqueci agora o nome. Ranufo? É a cana ficha, ferve a folha, como a folha é grande a gente divide ela (AZEVEDO, M., 2022).

O entrevistado Santos M. D. (2022) menciona a importância de ingestão hídrica para o trato urinário ao mencionar que no lugar da água o chá também pode ser tomado.

O chá da cana mansa com a folha de abacateiro a gente ferve também pra ficar tomando. Umás cinco folhas de abacateiro e umas cinco ou três de cana mansa, e coloca pra ferver, e fica tomando. Em vez de tomar água já toma aquele chá, as vezes sempre eu faço aqui em casa (SANTOS, M. D., 2022).

Para Oliveira M. (2022) e Reis (2022) a mistura de partes das plantas e das frutas pode servir como potenciais para a formulação de tratamentos de saúde através do que a natureza oferece naquele ambiente.

De costume eu mesmo tomo a folha da Araçapeua eu faço da folha da araçapeua e a quebra pedra, araçapeua, monta cabeluda e monta copaíba. Eu coloco duas três pra ferver, todo tempo é só fervida (OLIVEIRA, M. 2022).

O chá de cana mansa é bom, o quebra pedra que é uma arvorezinha que dá a folhinha fininha e a folha de amora e faz chá. A gente pode colocar três folha de cana mansa e quatro da amora (REIS, 2022).

Para Ferreira (2022) e Sousa (2022) os chás são a primeira escolha de tratamento, observa-se que Sousa (2022) destaca como o ambiente das terras quilombolas é rico em diversidades, pois a planta quebra-pedra nasce no seu próprio quintal e a fruta copaíba está encontrada no mato, ou seja, em toda a floresta que o cerca.

Folha de cana mansa e raiz de quebra-pedra e folha de abacateiro. Eu coloco três raiz da quebra-pedra, três de folha e uma folha de abacate do abacateiro (FERREIRA, 2022).

Para infecção urinaria a gente pega, a gente esquece também, umas folhas da multa copaíba, é uma arvore do mato. Tem uma plantinha também que dá aqui pelo terreiro é a quebra-pedra que são plantas daqui da região né, e a cana mansa faz o chá e a pessoa melhora (SOUSA, 2022).

P5- Gripe?

O entrevistado Silva (2022) relata sobre os banhos curativos, uma prática muito comum para os moradores da região norte do país. Os banhos funcionam como um ritual de cura, através das ervas, plantas e raízes que são misturadas em um único recipiente e levadas às áreas da casa em céu aberto, pegando a umidade da noite, conhecida também como sereno, esse processo leva em torno de uma a duas noites. Os banhos costumam exalar o cheiro da mistura das plantas.

Para gripe é a gente sempre também ferve. Olha como agora eu estou com um bocado de remédio fervido para colocar na cabeça. É tipo um banho, eu uso bastante água de coco também, para lavar a cabeça. Eu ponho tudo, folha de peão, folha de jaca, aí eu faço eu ponho tudo para ferver, depois tiro de lá ponho no sereno. Deixo ficar uma noite no sereno, aí eu tiro de lá e eu coo, passo num pano e vou banhar minha cabeça. É assim que eu faço (SILVA, 2022).

Chá da casca de Jutaí (AZEVEDO, A., 2022).

Olha pra gripe tem o estoraque, tem o mastruz, tem a mangarataia, tudo isso a gente mistura faz o chá e toma (SANTOS, C. M., 2022).

Pra gripe a gente tem a gripagil planta, tem o próprio mastruz que também é muito bom, temos a catinga, o hortelã. Só que esse aí a gente faz em chá, a gente escalda essas folha tudo, junto e tampa depois que esfria a gente toma, muito bom (SANTOS, C. C., 2022).

Para gripe é a folha do hortelã que a gente ferve aí toma com comprimido. Olha eu coloco duas ou três folha lavo bem, aí tem a batatinha da mangarataia, que é o gengibre, aqui a gente chama de mangarataia, ai bate um pouquinho também e faz o chá (JESUS, 2022).

Nós fazia três folhas de limão e folha de vick. Você pega, não ferve ele, só escalda o vick (SANTOS, E., 2022).

O que eu faço quando estou muito gripada, eu bebo mangarataia e limão, ponho numa garrafa e vou bebendo (SANTOS, M. C., 2022).

Para gripe um limão destemperado na água, quando aquela gripe não é muito forte a gente toma, as vezes até para uma rouquidão a gente toma até um pouquinho do álcool no café (OLIVEIRA, M. 2022).

Tem o chá da folha de limão com um alho batido, três folha de hortelã grande e ferve pra tomar (REIS, 2022).

Xarope de pivide de cumaru, folhas de vick, folhas de hortelã grande e pequeno e folhas de puma. Mistura tudo com açúcar e faz um xarope (FERREIRA, 2022).

Para gripe, folhas de mastruz, de manjericão, de mangueira, hortelã grande, hortelãzinha. Xarope de babosa, folhas de mastruz e hortelã grande, dez colheres de sopa mel de abelha dez gotas de copaíba e uma gota para cada colher de mel, para gripe e tosse (SOUSA, 2022).

Vale ressaltar que a história oral ajuda a pensar e a construir a relação do passado com o agora, nas falas dos entrevistados é possível observar que as plantas não são utilizadas como único recurso terapêutico. Há uma incorporação de plantas em sincronia com medicações advindas das farmácias. Essa união é usada para potencializar os benefícios que as plantas medicinais podem oferecer. Outro ponto é a técnica de adicionar receitas com propriedades de aromaterapia e de aquecimento como mencionado pelos entrevistados Santos C. M. (2022), Jesus (2022), Ferreira (2022) e Sousa (2022). Essas técnicas levam alívio dos sintomas mais comuns a uma gripe como cefaleia e faringite.

#### P6- Febre?

A febre, como um sinal flogístico, é um sintoma comuns a qualquer processo infeccioso em andamento. E também um aviso de alerta para indicar que algo não vai bem com o organismo. Diante disso nesta fase da entrevista foram relatadas quais plantas e suas partes poderiam ser utilizadas para combater esse sintoma.

No caso de febre antes era a quina que a gente tomava. É a folha, a folha a gente fervia e faz o chá (SILVA, 2022).

É o chá também de cidreira (AZEVEDO, A., 2022).

A catinga é bom mistura com um dentinho de alho, fica cheiroso, gotoso o chá, pode dar que dá um suor (SANTOS, C. M., 2022).

Febre geralmente a gente faz o chá da arruda ou da catinga, lembrando que a arruda quando você faz o chá não pode ferver aquela arruda, você tem que escaldar, para dar o chá pra pessoa. É porque se você colocar para ferver que nem como nós faz a nossa comida, aquela árvore lá de onde você tirou a folha ela morre (OLIVEIRA, C., 2022).

Os entrevistados Silva (2022); Azevedo E. (2022); Santos, C. M. (2022) e Oliveira, C., (2022) mencionam suas receitas para febre e destacam os chás como a forma mais utilizada para esse sintoma. Oliveira C. (2022) chama atenção para o fato de que os chás não sejam levados ao processo de fervura e, sim, ao processo de escaldo que consiste em aquecer somente a água e depois depositar as partes utilizadas das plantas dentro do recipiente que não pode mais está em contato com o fogo.

Para febre a gente tem a da folha quina, que é muito bom pra febre (SANTOS, C. C., 2022).



Para febre é a folha do limão, faz o chá. É umas três folha, aí coloca para ferver e toma o chá pra febre e não demora já tá passando (JESUS, 2022).

Chá de hortelã grande e mastruz (SANTOS, E., 2022).

Ai meu Deus tem, tem pera aí que eu vou lhe dizer. É pradur, nome da planta. É para febre (SANTOS, M. P., 2022).

Para os três entrevistados citados acima na preparação dos chás as folhas devem ser utilizadas. Observa-se a crença da utilização das partes de uma planta em relação à situação tratada, por exemplo, nas receitas de febre as folhas foram mais utilizadas enquanto para cicatrização de feridas opta-se pelas cascas das árvores.

Alho com limão (AZEVEDO, M., 2022)

Pra febre ferve a folha do limão com uma pílula uma AAS (OLIVEIRA, M., 2022).

Pode fazer o poncho também do vick em planta. É um chá que a gente toma morno (REIS, 2022).

Quando tem a gente ferve a quina, para tomar com alguma pílula. (E18)

Arruda com catinga (FERREIRA, 2022).

A gente pode dar um comprimido e faz um chá de folha de limão, lava bem a folha do limão e parte, tem um talo bem no meio, tira aquele talo porque amarga muito, pega três folha e ferve pra tomar com comprimido da farmácia. (SOUSA, 2022).

Para os entrevistados Oliveira M. (2022), Batista (2022) e Sousa (2022) os chás podem ser utilizados com os comprimidos de farmácia, sendo um complemento ao tratamento.

#### P7- Cicatrizante para feridas?

As lesões de pele são queixas comuns entre moradores da região amazônica, sendo causadas por diversos motivos. Nesse sentido ao serem questionados sobre plantas que possuíam efeitos sobre a cicatrização de feridas, as respostas foram as seguintes: “Olha a Andiroba com a cinza do tabaco, passa na ferida” (AZEVEDO, A., 2022). Para o entrevistado, a cicatrização de feridas pode ter como auxílio de processo o uso da andiroba (*Carapa Guianensis Aubl*), sendo uma planta que tem efeitos terapêuticos comprovados tanto pela cultura popular quanto por pesquisas e estudos científicos que evidenciaram seus benefícios nos tratamento antiparasitários,

antifúngicos, bactericidas, para cicatrização e na formulação de cosméticos (RIBEIRO, 2021).

Para feridas nós temos aqueles paus travosos, casca da mangabeira e goiabeira. Principalmente essas feridas que costumam sarar. Você pega ela e tira a casca da mangueira da goiabeira e põe pra ferver e faz aquele asseio naquela ferida, enxuga e se você preferir nós temos a casca do taperezebeiro ai você pega rala ela e fica assim um pozinho bem fininho passa num paninho fino e põe em cima da ferida. Ai aquela casca é que nem uma meracilina (OLIVEIRA, C., 2022).

Olha para feridas a gente usa os chás travoso da casca de cajueiro, de taperebá, da goiabeira. A gente ferve, esfria, depois lava, quando tem o sabão verde a gente lava bem. A gente tem o taperebazeiro aqui na nossa região, quando tem aquelas quina a gente tira a quina do taperebazeiro, a gente rala e coa num paninho e mistura com meracilina e polvilha tudo em cima da ferida com poucos dias aquilo tá saindo aquela casca, saindo aquele cascão (SANTOS, C. C., 2022).

A gente tem curado alguma ferida por ai. Pego a casca de taperebazeiro, eu ralo e coo no pano bem fino, e depois a gente lava a ferida enxuga bem. Deixa ele ficar lá uma hora, outro dia quando der certo a senhora tira. Quando lavar tira e coloca de novo (SANTOS, M. C., 2022).

Os três entrevistados mencionam acima citam receitas que podem ser utilizadas para melhorar o processo de cicatrização, sendo, conforme o entrevista Oliveira C. (2022) as cascas dos paus travosos como mangabeira e goiabeira utilizados para fazer chás que são utilizados na lavagem da ferida, e posterior à trituração da casca do taperebá através do ralador, esse pó deve ser depositado no leito da ferida, o entrevistado relata que a casca do taperebá nessa utilização funciona com um antibiótico. Para Sigrist (2019) extratos da planta possuem propriedades antibacterianas, tendo a decocção da casca ou da casca da raiz funcionalidade antisséptica.

Eu já tratei, porque meu esposo quando tá com coisinha assim, eu pego a casca de caju, pego o sara tudo, a casca do peão branco, faço uma pomadinha aí passo. Tem o Aranto também, tem aquela ali a babosa, que a gente tira aquela coisa da babosa, coloca as vez em ferimento ela é boa. (JESUS, 2022)

O entrevistado Jesus (2022) menciona que junta às cascas de algumas plantas que ele considera cicatrizante, ele produz uma pomada; observa-se que embora a maioria dos entrevistados opte pelo chá, alguns obtêm outros produtos como a adição do pó das cascas das plantas com a parte gelatinosa da babosa para formação de uma pomada. Para o entrevistado Santos M. P. (2022) as folhas do rinchão (*sisymbrium officinale* (L.) Scop.) podem ser maceradas em água, que posteriormente

poderá ser utilizada para a limpeza das feridas. A *sisymbrium officinale* (L.) Scop possui propriedades antissépticas, antimicrobianas e anticâncer (SIGRIST, 2016). Ele afirma: “Pega o rinchão, pode esfregar na água e lavar quando tem ferimento”.

Tem quem faça quando tem ferida que custa a sarar, põe a casca de jamaru queima com sola, sabe sola de sapato, queima aquilo, coa e põe em cima da ferida quando custa a sarar. (SANTOS, M. S., 2022)

Para o entrevistado citado acima a casca do jamaru (*spilanthes acmella* (L.) L.) pode ser associada à borracha queimada e adicionada na ferida, não foram encontrados na literatura referências a esse tipo de procedimento.

Só com planta eu não sei. Eu uso sempre o uruazinho branco que a gente acha na roça. É aqueles caracol que fica na roça; lava com a casca de mangueira ou cajueiro. Ferve e lavo as ferida com ela. Aí depois pega esse caracolzinho põe na cinza do fugão que vai ficar bem torrãozinho aquilo, aí bate e passa num pano fino e pode colocar em cima. É rapidinho que sara. (FERREIRA, 2022)

O entrevistado Ferreira (2022) menciona a utilização de cascas e, também, das cinzas de uma espécie de Caracol. No momento da pesquisa não conseguimos encontrar o caracol citado e não foram encontrados dados que relacionem o nome uruazinho branco a espécie animal nas pesquisas.

Para ferida, olha tem a terramicina, o sumo dela mistura com o sara tudo, uma planta que a mulher sempre usa pra fazer no cabelo dela, ela é para feridas é boa é pega só o estrato e coloca cima da ferida. (SANTOS, E., 2022)

Cascas travosas por exemplo a de cajueiro e cajuazu ferve e coa pra colocar na ferida. Ai pega, faz e limpa lava bem, e coloca. (REIS, 2022)

A gente faz um banho, eu aprendi a rezar pra erisipela, aí vem o ferimento, lavo com as folhas travosa, casca do peão branco, faz um banho com a casca do peão branco. Casca do peão branco a gente tira uns pedaço, e corta no meio, e pega para fazer umas folhinhas desse algodão roxo por que as folhas do algodão roxo serve pra muita coisa, ferve tudo aquilo pra banhar e lavar o ferimento, lava bem. Ai quando não tem o dinheiro para comprar, pega a casca o e rala a casca do taperebazeiro, ai a gente pega rala bem ele e coa e peneira pega um pano bem fino e coloca em cima se tive uma meracilina é muito bom para ferida. E casca de cajiru, ferve e coloca em cima da ferida. (SOUSA, 2022)

A compreensão dos saberes tradicionais na história desse povo possibilita entender não somente a associação entre história e memória, como também diversas situações que advêm da história local e dos fenômenos contemporâneos. Nesse

sentido, as cascas de árvores travosas foram consideradas pelos entrevistados as que mais tinham potencial para o tratamento de feridas, conforme se pode apreender nas respostas dos entrevistados Sousa (2022) e Reis (2022). Também é possível observar que outros princípios de higiene e antissepsia estão presentes na forma como as feridas são tratadas, como a questão da limpeza com a água das cascas e o uso de materiais levados ao fogo para que possam ser limpos antes de serem colocadas em contato direto com a pele.

#### P8- Ansiedade?

A ansiedade como uma questão comum aos dias atuais também esteve presente como uma das perguntas do questionário. Nesse sentido segue as respostas dos entrevistados:

Olha para ansiedade a gente tem várias plantas que são sedativas, que acalmam, por exemplo temos a folha do maracujá, que é a peroba, temos a folha da laranjeira, e ai a gente ferve junto escalda, a gente fica tomando porque eles são sedativos eles são calmante e é muito bom. (SANTOS, C. C., 2022)

Tem para problema de nervoso, eu sempre uso a folha de maracujá, lima e cidreira, coloca duas da de maracujá e quatro da folha da lima e umas cinco da cidreira. (REIS, 2022)

Pra ansiedade eu já tomei bastante o chá de cidreira com folha de perobeira. É cinco guia de cidreira com cinco folha de perobeira, mas é aquela folha amarela que já tão caída. (FERREIRA, 2022)

Apenas três entrevistados relataram saber algum tratamento para ansiedade, sendo as plantas com propriedades calmantes as mais indicadas como mencionou o entrevistado Santos C. (2022). Nessa mesma pergunta também foi realizada uma pergunta sobre depressão e nenhum morador soube responder.

#### P9- Quais plantas você utilizou/utiliza para a recuperação/ prevenção da Covid-19?

No momento de escrita dessa pesquisa ainda está em acontecimento a pandemia de Covid-19. Nesse sentido foram coletadas informações acerca de como ocorre o enfretamento dessa problemática:

Eu usei bastante foi chá de casca de limão. Fazia o suco também e botava na geladeira para sempre está tomando. (SILVA, 2022)

Eu tomei o chá do jambu, desse que toma no tacaca, tomei o suco de limão e colocava a casca de mangarataia, mistura tudo ferve e toma. Fazia tudo junto. (AZEVEDO, A., 2022)

Olha o que a gente usava bastante era o caldo de limão, caldo de limão não faltava é tipo uma limonada, as vezes colocava até na geladeira pra ir tomando. (SANTOS, C. M., 2022)

Olha a gente usava muita água de limão, pegava o limão colocava numa vasilha, cortava o limãozinho em cruz, e espremia numa vasilha e ficava tomando aquela água. (SANTOS, C. C., 2022)

O chá da folha de limão, que a gente tomava com a folha do jambu. Colocava umas quatro folha do jambu e o mastruz que agente fervia pra tomar. (JESUS, 2022)

O pai de santo ensinou o mastruz, é muito bom para o pulmão. Era o mastruz, a hortelãzinha o hortelã grande e o jambu é bom pra isso. (SANTOS, E., 2022)

Tomávamos chá, era folha de limão. (SANTOS, M. P., 2022)

A gente se prevenia com chá de alho e limão. (SANTOS, M. S., 2022)

O que eu fazia mais era beber agua de limão, eu tomava todo dia, toda hora que eu me lembrava, tudo que falavam ser bom a gente botava pro bucho. Mas com a fé, graças a Deus na nossa comunidade não matou ninguém. (SANTOS, M. C., 2022)

Olha pra prevenir o covid foi mais o suco de limão. Que até meu marido adoeceu e agente dava bastante pra ele. (OLIVEIRA, M., 2022)

O que eu tomava bastante era limonada, eu tomava de manhã e de tarde. (REIS, 2022)

Nós tomava mais o chá de hortelã grande. Mas ainda não pegamos, fazia e tomava de duas a três vezes no dia. (BATISTA, 2022)

Nós tomamos bastante chá desse epador com chá de limão, alho e cebola. Colocava tudo numa caneca para ferver e ficava tomando. (FERREIRA, 2022)

Olha aqui nós usamos mais foi a máscara e gel. A gente só fazia o chá da gripe quando aparecia uma tosse. Com a mangarataia, alho e o mastruz a gente fazia o chá. (SOUSA, 2022)

Para a prevenção da covid-19, o suco de limão foi considerado pela maioria dos entrevistados (11 de 14 entrevistados) o mais eficaz, como observado acima, além de outras plantas com o objetivo de salvaguarda a imunidade, os sucos e chás eram utilizados várias vezes ao dia, no relato dos moradores também é expresso à consciência sobre o cenário pandêmico e a utilização de álcool em gel e máscara. A relação plantas, prevenção com distanciamento, uso de máscara e álcool levaram poucas pessoas a serem infectadas na comunidade e as que foram não tiveram complicações serias.

## P10- Sedativa?

As plantas mencionadas como sedativas, foram relacionadas a propriedades calmantes pelos entrevistados. Nesse sentido segue as informações coletadas:

Olha tem o cuandu e a cidreira, junta tudo e vai fazendo o chá. (SANTOS, C. M., 2022)

O cuandu é sedativo. E só que não tem que colocar muito, ferve ele com umas três folhas pra criança de cinco a seis folhas pra adulto. Ele tem o poder sedativo ele dá sono. (SANTOS, C. C., 2022)

É o quando, faz o chá pra tomar o cuandu, quando a criança tá muito agitada pode faz o chá, para o adulto também. (SANTOS, E., 2022)

Lá no silencio tem, o nome dela é cuandu. Árvore é uma que tem as folhas, a gente apanha para fazer o chá. Muitas pessoas vinha buscar aqui comigo mais aí morreu, tentei trazer de lá mas não pega. (SANTOS, M. P., 2022)

O cuandu é, é uma arvore, usa a folha. Dependendo da pessoa, se for criança umas três folhas para o adulto umas cinco ou seis folha deixa fervendo e depois vai tomando. (SANTOS, M. C., 2022)

Tem aquele chamado cuandu, mas eu nem tenho. Mas o que dizem que é bom cidreira né, que eu tenho ali. Um chá de cidreira pra dormir, a folha da peroba que a gente chama né, do maracujá que ele é bom também pra dar sono. Umas três folhas de cada, faz só ele que é bom para dar sono. Umas três folha, que as vezes ele é forte não pode tomar muito. (SANTOS, M. D., 2022)

Olha dizem que o cuandu é bom pra fazer dormir, e a folha dizem que é bom pra fazer dormir, umas duas folhas pra não dormir muito. (BATISTA, 2022)

Tem uma arvore ali na menina o cuandu. A gente pega umas três folhinhas da cidreira e escalda né. (SOUSA, 2022)

Para os entrevistados Santos C. M. (2022); Santos, C. C. (2022); Santos E. (2022); Santos M. P. (2022); Santos M. C. (2022) a árvore cuandu foi a mais relacionada às propriedades sedativas, não foram encontradas na literatura o nome da árvore e sua relação com as propriedades descritas, mas pela história oral é possível descrever que a parte utilizada da árvore são as folhas pra produção de chá que pode ser utilizada tanto por crianças quanto por adultos.

Aqui na comunidade nós temos a erva cidreira, temos até uma conversa que as meninas solteiras da comunidade quando querem ir para a festa, e se ela tem um bebê de três anos, aquela criança pode chorar, e ela pede pra senhora ficar com a filha dela. Ela vai dizer que ele não chora. Aí eu digo quer para eu poder ficar com o filho ela precisa fazer o chá da cidreira e da para a criança. A cidreira seda, e é um antiestressante. Quando você tiver

muito estressada toma chá de erva cidreira. Nós temos também a folha do maracujá que é relaxante além disso é bom para o coração, você toma e fica calminho. (OLIVEIRA, C., 2022)

É a cidreira é uma planta que deixa a gente mortal, para sedar, dar para dormir bem com ela. (SILVA, 2022)

Olha eu via a minha mãe falando da peroba. Faz o suco de peroba, e ferve a folha, que ela é boa até para tuxina. Um tempo desse veio uma filha minha lá de Nhamundá. E ela disse mãe eu não sei o que a fulana tem. Eu disse por que? Ela tá muito estomaguda, eu disse o que é isso? é tuxina, mas não deixa ela saber, eu fiz, fui tirei uma folha e fervei mas disse: não deixa ela saber eu fui e dei, olha quase ela não bebe, e olha chega saiu aquilo branco aquelas bicinha tudo branco, e ela já foi melhor. (AZEVEDO, M., 2022)

A cidreira, o chá morno da cidreira. (REIS, 2022)

As plantas indicadas como sedativas estavam relacionadas à melhora do sono e à tranquilidade. Entre as histórias contadas, a do entrevistado Oliveira C. (2022) evidencia os métodos serem utilizadas pelas mulheres da comunidade quando desejam sair e deixar seus filhos com alguém. A entrevista Azevedo M. (2022) menciona que a planta citada também pode ser usada para o tratamento de parasitoses intestinais.

#### P11- Hipertensão arterial?

A pergunta de número 11 traz o assunto da hipertensão arterial, uma problemática comum entre adultos e idosos brasileiros. Nesse sentido as receitas repassadas foram as seguintes:

Para pressão alta a gente toma, eu estou tomando agora folha de jaca, que diz que é bom pra pressão alta. (SILVA, 2022)

Olha pra pressão alta é a folha do tamarindo, é bom pra gente tomar, eu já tomei bastante. A gente vai ficando de idade e vai aparecendo tanta da coisa. É fervido o chá. Ai eu fervei vou colocando na geladeira, e vou tomando feito água. (SANTOS, C. M., 2022)

O chá da folha do tamarindo (*Tamarindus indica* L.) foi indicada pelo entrevistado Santos C. M. (2022) como uma boa opção para tratamento de hipertensão arterial. Não foi encontrado na literatura, até o presente momento, achados que confirmem a atuação do *Tamarindus indica* L. com atividade sobre a pressão arterial.

Eu tomo a folha da tangerina, faz a folha da tangerina e ela lhe relaxa, faz a folha da tangerina e você percebe que ela dá um basta na sua pressão, tem também a folha da fruta pão, temos o maxixe também, você corta o maxixe o verde e coloca na água para tomar. A água do maxixe, mas de preferência não fazer os dois juntos. (OLIVEIRA, C., 2022)

Para pressão alta temos as folhas também de maracujá com água de alho e um pouquinho de sal. Ele tem o poder de subir e descer, quando é muito ele sobe a pressão, tem que ser bem pouquinho para baixar a pressão. (SANTOS, C. C., 2022)

Olha o meu sogro usava muito era chá da cidreira. Ele pegava de manhã antes dele tomar o café dele, era o chazinho dele. Ele dizia que sentia muito bem com chá da cidreira, ele ia pegava umas folhas fazia o chá e tomava. (JESUS, 2022)

É a flor do vindica, erva do jabuti. Eu já peguei avc. Olha o chá é três guias da limão, folha da erva do jabuti e três folhas de jambu desse que é bom para coração e uma guia de alho cortado em cruz. Fazia e o chá e ficava tomando. (SANTOS, E., 2022)

Folha de jaca, folha de pé de boi e erva da índia eu tomava bastante que a minha cunhada mandava, vai tudo junto. Coloca tudo, ponho com tudo e toma. O doutor lá em Óbidos me disse olhe dona não tome só remédio, faça remédio caseiro que a senhora ainda vai ficar boa, e eu tô me dando bem. Todas as vezes que tem coisa lá no posto eu vô, a última vacina eu tomei agora. (SANTOS, M. P., 2022)

Nas receitas expostas as folhas para preparo de chás foram usadas como primeira opção nos tratamentos de hipertensão. O entrevistado Santos M. P. (2022) menciona ainda que o seu médico o apoia na utilização de remédios caseiros junto à medicação dita oficial.

#### P12- Antimalária?

De acordo com Macedo *et al.* (2021) a espécie *cinchona officinalis* L. é popularmente conhecida como china, quina ou quininha, sendo muito utilizada para tratar doenças como a malária, câibras musculares e inflamações. Na comunidade entre os entrevistados que responderam à pergunta sendo 2 (11,7%) dos entrevistados, mencionaram que a *cinchona officinalis* L.e, a folha de eucalipto (*eucalyptus*). Sendo a folha de eucalipto utilizada para quadros de febre de elevados graus, sendo também indicada para febre amarela. Ambas receitas são preparadas em formas de chás.

Para malária a gente usa a folha da quina. É dessa quina que faz a cloroquina pra malária. (SANTOS, C. C., 2022)



O pai de santo passou a folha do eucalipto, que é bom pra febre alta, disque é muito bom ele disse que é muito bom pra quem febre amarela também. (SANTOS, E., 2022)

### P13- Diabetes?

Foi observado que o tratamento para doenças crônicas, uma realidade do mundo globalizado, também está presente nas comunidades, com o diferencial da forma de tratamento, ou complementação dela com as medicações prescritas do tratamento tradicional.

Tem aquele pé de vaca. Faz chá. Faz de umas três folhas. Toma a hora e o dia que quiser. (AZEVEDO, A., 2022)

Para diabetes tem uma muiuirá, uns chamam muiuirá, outros chapam cipó poça, outros chamam insulina, mas tem insulina injeção também. A folha, umas duas pra não fazer o chá muito forte. (SANTOS, C. M., 2022)

Eu tenho uma planta que se chama insulina, que tem a pílula né e eu tenho essa planta, faz o chá de três folhas da insulina. (OLIVEIRA, C., 2022)

Nos quilombos visitados a *bauhinia forficata* possui vários nomes como pé de vaca, pata de vaca, muiuirá e insulina. Trata-se de uma planta que foi indicada pelos entrevistados devido a seus efeitos hipoglicemiantes. Levando em conta que o diabetes mellitus (dm) é um distúrbio metabólico que resulta em hiperglicemia persistente, as propriedades fitoterápicas dessa planta atuam no controle glicêmico e, também, no metabolismo devido seus compostos bioativos e antioxidantes (MEIRELES, 2020).

Tem várias folhas que faz o tratamento da diabetes, tem a folha da fruta pão, tem a folha do jambu que é muito bom também. A gente ferve, escalda e deixa num recipiente, deixa esfriar coloca a gente fica tomando e coloca na geladeira e fica tomando. Coloca os ingrediente numa vasilha e coloca a água quente em cima aí tampa, entendeu? Não coloca na vasilha quando tá no fogo. (SANTOS, C. C., 2022)

O entrevistado mencionado acima relata que a junção das folhas das plantas não deve ser levada à fervura para que as plantas não percam suas propriedades. Após as folhas receberem a água quente e ficarem em processo de infusão, aquele produto pode ser levado à geladeira pelo tempo necessário ao consumo.

Olha não tenho coisa assim pra diabete. Mas até ontem eu conversando com uma senhora ela estava falando pra mim que é muito bom a casca da

andiroba, com a raiz da bota. A bota é uma planta que dá aí pelo matinho e a ela é boa. (JESUS, 2022)

Não foram encontradas evidências até o presente momento da relação da casca da andiroba (*Carapa Guianensis*) e da raiz da planta mencionada pelo entrevistado Jesus (2022) com seus efeitos hipoglicemiantes. No entanto, sabe-se que a *Carapa Guianensis* é muito utilizada pelas populações da Amazônia, principalmente como cicatrizante e como repelente.

Pra diabetes tem é muitos, a raiz da bota mais aquela quina. (SANTOS, E., 2022)

Diabetes eu tomo a folha de jaca, o boldo e a folha de maracujá. Tudo junto ferve e fica tomando, mas ainda ponho um pedacinho de carnapanaua. (SANTOS, M. S., 2022)

Olha pra diabetes tem muito. Tem aquele dedo de adão? Pois é o leite. Em meio copo de água coloca uma gota. Mas a gente tá escutando, escutando que os mais velho fala pra gente gravar, essa semente de melancia que é bom pra urina eu escutei de um obidense. Eu ia para Manaus, e a mulher ensinou a pedra da cabeça do peixe pescada e a semente de melancia. É uma pedrinha que fica dentro da cabeça da pescada, é uma pedrinha branca, aí toma umas cinco e a semente da melância. E eu escutei, e olha fiz para a dona, e ela me disse que não ficou boa, mas melhorou muito. (AZEVEDO, M., 2022)

Para diabetes é bom a folha da embobeira, ferve ela para fazer o chá, a gente toma umas duas vezes ao dia. (REIS, 2022)

Pra diabete eu fervia a folha de jaqueira, eu colocava logo pra semana toda. (FERREIRA, 2022)

A história oral possibilitou uma abordagem indisciplinar, ou seja, o intercâmbio da visão entre a medicina tradicional e a popular. Embora, algumas plantas indicadas pelos entrevistados como tratamento não puderam ser comparadas de forma direta com dados da literatura (SANTOS, M. S., 2022; AZEVEDO, M., 2022; REIS, 2022; FERREIRA, 2022) ressalta-se que há a necessidade de pesquisas que possam fazer a análise comparativa entre o consumo de plantas e seus efeitos sobre o uso, outra situação é que algumas plantas podem ter nomenclaturas diferentes para essa população.

#### P14- Inflamação feminina?

A pergunta de número 14 questionava os entrevistados sobre plantas que fossem de indicação terapêutica a problemas relacionados a inflamação feminina, as respostas em resumo apontam para o uso de cascas travosas, assim como também foram utilizadas para o tratamento de feridas.

Olha pra inflamação eu faço o chá de jucá da casca. Eu faço para tomar, pode fazer também para asseio. A pessoa toma umas duas ou três vezes no dia. Tem o são Joãozinho também que pode colocar junto, quando a mulher tá assim no resguardo dela ela pode tomar, ninguém sabe como ela tá por dentro né. (SANTOS, C. M., 2022)

Para o entrevistado mencionado acima o chá da casca de jucá (*Libidibia férrea*) pode ser usado tanto por via oral, como por via vaginal na parte externa, sendo uma prática muito comum nas regiões da Amazônia brasileira esse processo de asseio. Os chás destinados às infecções vaginais, também conhecidos popularmente como inflamação feminina, são usados na comunidade preferencialmente das cascas das árvores. No caso da *Libidibia férrea* é uma planta que possui evidências científicas de suas propriedades anti-inflamatórias, sendo utilizada em cortes de pele, para tosse, gripe e até para depressão (LEAL, 2019).

O entrevistado Oliveira C. (2022) menciona que para esse problema são as cascas de gosto travoso que devem ser utilizadas; devem ser utilizadas em forma de “asseio” em região externa e, também, sendo uma possibilidade, a ingestão do chá, essa árvore também muito conhecida na região foi descrita na literatura como uma planta que possui atividade antimicrobiana, tendo sua atividade promissora contra cepas de *s. aureus* e *e. coli* (TRINDADE, 2016). Ele expõe que: “É as cascas travosas né que a gente faz. Faz o asseio e se preferir pode tomar. Nós temos a casca da carapanauba, a gente acha nas matas.” (OLIVEIRA, C., 2022).

Já o entrevistado Santos E. (2022) relata que: “Olha tem a tem a casca da romã, a casca da moaniara, a casca da piranha, casca do barbatimão. Tudo é chá, faz tudo junto e toma”. Para, o chá de três ingredientes pode ser utilizado a romã tem a sua utilização popular já respaldada por estudos científicos, suas principais propriedades indicadas são a antimicrobiana e anti-inflamatória. Esses resultados parecem estar relacionados ao alto teor de compostos fenólicos em suas composições (SOUSA, 2018). Na medicina popular o barbatimão é bastante utilizado por possuir atividades antifúngica, antimicrobiana, antiúlcera, angiogênica, antioxidante e antisséptica. há crescentes investigações sobre as propriedades medicinais da *stryphnodendron adstringens*, estudos têm confirmado seu potencial farmacológico, podendo ser utilizada como uma alternativa mais acessível à população (AMORIM; PAIXÃO, 2021). As plantas descritas como moaniara e pinha não foram encontradas.

Tem até muitas que a gente esquece. Aquela folha de uchi amarelo a gente toma também pra problema da mulher. É a casca, já tomei bastante a casca do uchi amarelo, a gente ferve faz o chá para ficar tomando, ai mistura aquela casca da unha do gato, sempre eu compro aquelas cascas pra mim ter ai as vez quando eu vou lá pro sitio eu trago de lá pra ficar tomando. (SANTOS, M. D., 2022)

A casca é amplamente comercializada em feiras, mercados e drogarias, sendo prescrita sob a forma de chá para artrite, colesterol, diabetes, diarreia e como anti-inflamatório contra tumores e infecções uterinas. (SIGRISTI, 2019).

Tem vários tipos de remédio pra inflamação tem as folhas de corama, aranto e duas gotinhas de leite de peão. Bate bem e toma, quando faz a garrafada a gente queima deixa bem queimadinho e faz pra tomar. (OLIVEIRA, M., 2022)

A Corama descrita na entrevista foi descrita como antiinflamatória, imunomoduladora, larvicida e anticolinesterásica. Assim, a *Kalanchoe brasiliensis* Cambess pode representar uma alternativa para infecções advindas de *Staphylococcus aureus*. (SILVA, et al, 2009).

É bom a folha de araçapeua, cajuacu, a pedra ume é um tipo duma folha, é um matinho e o jucá. Coloca para ferver e você coa, depois de coada, você vai encher na vasilha, antes de você arriar você bate umas cinco ou seis cabeça de cravinho e coloca junto. Pode tomar três vez duas vez ao dia. (REIS, 2022)

A gente ferve a raiz de dessa vassourinha que dá no terreiro e essa uma planta chama cura tudo e folha de salva de Marajó. (FERREIRA, 222)

O chá de erva mineirada da no terreiro com a multa copaíba. A gente põe ela seca, umas oito folhinhas, porque a folha é miudinha né, põe pra secar quando ela tá seca a gente faz o chá. É deixa secar, lava bem e põe pra ferver, coloca a multa copaíba e é também do mato essas folhas são própria. (SOUSA, 2022)

Questionamentos sobre a saúde feminina também foram respondidos. Foi possível observar nas respostas dos entrevistados (SANTOS, C. M., (2022); OLIVEIRA, C., (2022); SANTOS, M. D., (2022); OLIVEIRA, M., (2022); REIS (2022); FERREIRA (2022); SOUSA (2022) que as cascas travosas, as raízes e folhas foram os métodos mais utilizados para a produção de chás e, também, para fórmulas utilizadas para o asseio das regiões íntimas. Para a saúde do fígado, a casca da laranja seca foi indicada como a mais eficaz para o tratamento, sendo o chá a forma mais utilizada.

## P15- Fígado?

A pergunta de número 15 questionava os entrevistados acerca de plantas indicadas para sintomas que estivessem relacionado ao fígado. Através da história oral foi possível perceber a relação entre o conhecimento sobre plantas e sua indicação terapêutica, além da importância de resguardar esse conhecimento.

A casca de laranja da terra. Nesse período agora nós estamos na época da laranja, ai você já descasca a laranja e já deixa lá. Se você me perguntasse agora eu tenho lá na minha geladeira. (OLIVEIRA, C., 2022)

O figadil em planta, também que ele é muito bom pro fígado, ele é escaldado também. (SANTOS, C. C., 2022)

A casca da carapanauba que muita gente se dá bem. E tem a casca do uxi amarelo, a unha de gato. Toma três vezes ao dia. (JESUS, 2022)

Figatil eu tenho figatil aí, amarga. Aquilo é bom pro fígado. (SANTOS, E., 2022)

O boldo do grande faz o chá, a gente não põe muita folha, basta colocar duas folha porque ela é grande. (REIS, 2022)

A gente pega a casca da laranja com três folinhas do boldo Chile e coloca a japana que ela é boa pra várias coisas não põe muito, põe um pedacinho da mangarataia e toma pro fígado. (SOUSA, 2022)

Na pesquisa é possível compreender que os antecedentes e tradição ocupam espaço nos quilombos de Silêncio e Matá, além de suas interações com o meio ambiente em um processo que a história oral reconstrói a história de seus antepassados. A memória coletiva sobre os ensinamentos de plantas medicinais remete a um certo vazio de continuidade de sua própria história, pois quando questionados sobre algumas doenças, eles já não lembravam mais quais plantas poderia indicar, assim também ocorre com a história da escravidão e a dificuldade de lembrar sobre histórias que pais ou avós os contavam.

Nesse contexto, a herança de memória sobre saberes tradicionais relacionado à manipulação de plantas medicinais tem se mostrado resistente no tempo entre os mais velhos na comunidade. Nas entrevistas foi possível observar que muitas memórias estão sendo perdidas devido à falta de registro do que foi ensinado. A farmácia viva das populações quilombolas possui potencial de recriação da história através dos seus mecanismos de resistência na época da escravidão em que não

tinham como recorrer para a saúde dita oficial e a floresta foi abrigo e, também, tratamento, foi através da terra e das plantas que puderam obter a cura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hábitos culturais e saúde coletiva são laços que se manifestam através da história dos diversos povos que vieram a colonizar as terras brasileiras. No contexto cultural, os modos de vida e as adaptações para sobrevivência no continente americano são fruto de resistência e da história que precisa ser reescrita na região amazônica. O contato entre negros e índios criou saberes e aprendizados tanto de um lado como de outro na formação de processos de resistência e, também, de sobrevivência. As histórias contadas no passado sobrevivem hoje na memória das comunidades tradicionais. Ao pensar cultura através desse ponto, temos esta como um processo fundamental para a vida humana. Embora, o conceito de cultura tenha uma sistematização conceitual, sendo discutida por muitos autores, tem-se a análise a partir de conceitos e a partir dos produtos frutos de contato.

Para a compreensão dos hábitos culturais e sua relação com a saúde coletiva, é necessário considerar aspectos como saberes ancestrais, território e a história oral contada fruto das memórias do passado através das relações de convivência e métodos de sobrevivência. Assim, a memória se manifesta como eixo das culturas humanas ao ressaltar o caráter coletivo para as relações de convívio. Por isso, é fundamental considerarmos culturas como expressões de identidades e memórias e, no caso do Brasil, são elas responsáveis por enriquecer as diversidades existentes. Na história do Brasil, ao analisarmos a diversidade cultural, percebemos uma nação que possui distintas matrizes culturais fruto de circunstâncias históricas discordantes entre encontros e desencontros das culturas originárias, europeias e africanas de culturas indígenas, europeias e africanas.

Assim, os modos de vida das populações da Amazônia remetem a um passado com tradições e conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais que sobrevivem ao tempo. Ao se tratar as comunidades das cabeceiras, nos quilombos de São José e Matá é possível observar como os hábitos culturais se entrelaçam dentro do processo de saúde coletiva, isso através de benzedeiros e demais personagens que atuam com a fé e a saúde nas comunidades, são personagens que contam a história dos antepassados e receberam os ensinamentos necessários a manutenção da saúde, sendo esse saber sempre relacionado à crença e à fé.

A biodiversidade brasileira possui destaque nas possibilidades de pesquisas com plantas e seus efeitos terapêuticos. Na pesquisa foi possível identificar que muitos dos saberes relatos sobre propriedades curativas das plantas já foram referenciadas em pesquisas científicas que confirmam o saber tradicional, no entanto, ainda existem plantas que precisam de análises mais específicas diante do seu papel de atuação relatado na comunidade. Ao analisar a flora e a história oral das comunidades quilombolas, observa-se que pesquisas e estudos precisam considerar os saberes de pajés, benzedadeiras, benzedeiros, erveiros, fazedores de garrafadas, pais-de-santo, mães-de-santo no fomento do desenvolvimento sustentável e análise dessa farmácia natural como resposta a tratamentos de saúde.

O registro desses saberes leva a valorização das culturas tradicionais e da biodiversidade local através da manipulação das plantas medicinais. Considerando a floresta amazônica como manancial de diversidade, ela pode dar respostas bastante válidas a questões como o fomento de produtos medicinais e medicamentosos. No entanto, isso somente ocorrerá com fomento de pesquisa nacional e investimento nas universidades brasileiras.

A presente dissertação, que foi formulada através de estudos teóricos e pesquisa em campo, nos permitiu analisar as questões culturais de forma mais aproximada. A observação em campo do dia a dia dos quilombolas de São José e Matá revela como o uso de plantas medicinais também se manifesta como ferramenta de resistência que seus antepassados usaram para sobreviver as intemperes do tempo. Essa observação também permitiu o aprofundamento e compreensão sobre o tema proposto a ser pesquisado. Todos os desafios do estudo, que vão desde os resumos bibliográficos, à formulação de roteiros de entrevistas, à dificuldade de conseguir ir a campo, primeiro por estarmos ainda em um cenário de pandemia de covid-19 e segundo pela dificuldade de acesso à comunidade que fica adentrando na floresta aquática. A realização da análise qualitativa dos resultados e a degravação das entrevistas nos levaram a analisar as relações entre “Etnobotânica, cultivo sustentado, uso terapêutico de plantas medicinais: os hábitos culturais de saúde e a qualidade de vida em comunidades quilombolas do baixo amazonas”; e obter resultados satisfatórios sobre cultura, saúde e memória da população quilombola do baixo amazonas. Toda a discussão dos resultados da pesquisa nos leva a perceber como questões sensíveis de cura e fé estão interligadas e como essa realidade sobrevive há centenas de anos. E, também, o papel dos mais velhos com a guarda



de todo conhecimento que também está sendo repassada aos seus filhos para que esse conhecimento consiga ainda sobreviver nas próximas gerações.

No início da nossa jornada de estudo para a formulação da dissertação, propusemos responder a seguinte questão científica “a etnobotânica, o cultivo sustentado e uso terapêutico de plantas medicinais por comunidades quilombolas da região do Baixo Amazonas são hábitos culturais que influenciam e favorecem a qualidade de vida de seus moradores? e com base na pesquisa e nos depoimentos, foi possível responder a questão proposta e formular uma produção científica pautada na oralidade e no respeito à história das comunidades tradicionais, marcada por questões sensível com a escravidão e fuga por áreas de floresta brasileiras em busca de liberdade e sobrevivência.

Vale a pena ressaltar que o intuito também foi dar voz aos principais personagens da história contada pela visão do não colonizador, de dar espaço àqueles que, de fato, viveram o processo e que, por muito tempo, estiveram distantes das produções científicas. Esse processo leva além de valorização das falas, do registro das histórias para que consigam sobreviver ao tempo. No texto trouxemos as vozes e seu desabafo sobre questões vividas por seus antepassados e sobre questões atuais como a dificuldade na inserção dos moradores nas universidades públicas, principalmente ao que envolve bolsas de estudos e assistência de moradia e na integração dos jovens dentro das universidades. Assim, há, de nosso lado, todo reconhecimento aos saberes tradicionais que sobrevivem e que atuam melhorando a qualidade de vida dos moradores da comunidade. São esses saberes que, no passado, salvaram vidas e que hoje continuam a utilizar a floresta como recurso de cura e qualidade de vida.

As investigações de campo necessitaram da nossa inserção no dia a dia dessa população para que além da história oral pudéssemos analisar como telespectadores, como funcionam as relações interpessoais e o cotidiano amazônico, quando discutimos hábitos culturais e saúde coletiva. Na pesquisa foi possível observar que plantas medicinais são fontes de esperanças para o tratamento de diversas doenças e a floresta amazônica, como manancial de diversidade, pode dar respostas a questões como essa. Mas isso só ocorrerá com fomento de pesquisa, com investimentos nas universidades brasileiras e com a proteção da floresta.

Destacamos que a eficácia das plantas medicinais foi relatada por quem manipula e, também, por quem usa. E essa eficácia também foi relacionada à fé; por

ser um conteúdo sensível dentro do meio científico, trouxemos essa experiência como uma experiência cultural. Sabemos que são temas sensíveis mais que podemos tecer novos conhecimentos através de cenários incomuns como esse, relacionando à interdisciplinaridade e à dinamicidade do ambiente como possibilidades de navegarmos por novas águas para além da ciência absoluta. Nesse cenário, temos a vontade de produzir novas pesquisas que levem em conta essa temática e que sigam o modelo de inclusão de pajés, benzedadeiras, benzedeiros, erveiros, fazedores de garrafadas, pais-de-santo, mães-de-santo e pessoas que atuem com a manipulação de plantas medicinais na Amazônia.

Dessa forma, com a discussão da pesquisa é possível mencionar que problemas de saúde coletiva também são problemas culturais. Assim, em nossa pesquisa trouxemos como a comunidade quilombola se relaciona com as plantas e como as plantas influenciam a vida das pessoas na comunidade. Pela extensão territorial da Amazônia, podemos afirmar o potencial que nossas terras possuem no estudo de estratos de plantas e suas capacidades dentro da saúde que podem ser observadas entre substâncias e os rituais de cura.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Tenner Inauhiny de. Trabalhadores escravos na província do Amazonas. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-16.

AL, Mărghitaș Liviu. *et al.* Physico-chemical and bioactive properties of different floral origin honeys from Romania. **Revista Food Chemistry**, v. 112, n. 4, p. 863-867, 2009. Disponível e:<  
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0308814608007681>>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e as novas etnias**. Manaus: UEA, 2011.

ALVES, Maciel da Costa. Crescentia cujete: aspectos fitoquímicos e atividades biológicas – uma revisão. In: I CONAPESC, 2016, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em:  
<<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/17919>>. Acesso em: 20/09/2022

AMORIM, Stephanie Beatriz Santos Alves; PAIXÃO, Juliana Azevedo da. Propriedades medicinais do *Stryphnodendron Adstringens*: uma revisão narrativa. **Revista Artigos. Com**, v. 32, p. 1-7, 2021. Disponível em:<  
<https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/download/9251/5683/#:~:text=Em%20seu%20extrato%20aquoso%2C%20o,o%20tratamento%20de%20diversas%20doen%C3%A7as.>>. Acesso em 07 de outubro de 2022.

ANDRADE, Mário de. **Crônicas de Malazarte VI**. In: América Brasileira, n. 25, jan. 1924. Arquivo IEB-USP, Fundo: Mário de Andrade, Código do Documento: MA – R035-215.

APM, ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. **Carta do Conselho Ultramarino a D. João V**. Lisboa, 1740. Con. Ultra. Brasil/MG. No.3174; Cx.: 40; Doc.:27.

ASSIS, Maria Aparecida *et al.* Grupo de pesquisa e sua produção científica sobre plantas medicinais: um estudo exploratório no estado do rio de janeiro. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 45–54, 2015. Disponível em:  
<https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/212>. Acesso: 23.05.2021.

AZEVEDO, Gilson Xavier de. Das Relações entre a Cultura Popular e as Benzedeiras. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 231-238, 2016. Disponível em:  
<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4897/2745> Acesso: 20.12. 2021.

AZEVEDO, Idaliana Marinho de. **O Puxirum: Memória dos negros do oeste paraense.** Belém: Instituto de Artes do Pará, 2002.

BARBOSA, Gisele Silva. O desafio do desenvolvimento sustentável. **Revista Visões**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 1-11, 2008.

BARROS, Eloísa. **O benzer quilombola amazônica: a resistência ao modelo oficial de saúde e o fortalecimento de comunidades afrodescendentes de Óbidos - Pará.** 2019. Dissertação (Mestrado), Ppgsaq/Ufopa, Santarém. 2019. Disponível em: <<https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=rm&ogbl#search/itasophos%40gmail.com/FMfcgzGkZkMzZxtLCIbvxvpJnTfBfcNWN?projector=1&messagePartId=0.12>>. Acesso: 10.10.2021.

BARROS, Eloísa Amorim de; PAULINO, Itamar Rodrigues. Memória coletiva e afirmação identitária: entre invenções e desinvenções da História Afroamazônica. **Kwanissa Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**. São Luís, v. 3, n. 6, p. 102-117, 2020. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/15011/8088> Acesso: 20.03.2021.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única. Infância berlinense: 1900.** Tradução de João Barrento. Edição do Kindle. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história.** Organização e Tradução de João Barrento. Edição do Kindle. Belo Horizonte: Autêntica. 2012.

BERTOLOZZI, Maria Rita; GRECO, Rosângela Maria. As Políticas de Saúde no Brasil: Reconstrução Histórica e Perspectivas Atuais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 30, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v30n3/v30n3a04>> Acesso: 22.12.2021.

BOSI, ALFREDO. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL. Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos. **Programa Brasil Quilombola.** Departamento de Políticas Étnico-Raciais, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/acoes-e-programas/programa-brasil-quilombola>>. Acesso: 19.09.2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, confere o art. 87, parágrafo único, inciso II, da Constituição Federal. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde.** Disponível em: <[https://www.cff.org.br/userfiles/38%20-%20BRASIL\\_%20MINIST%C3%89RIO%20DA%20SA%C3%9ADE\\_%20Portaria%20n%C2%BA%20971,%20de%2003%20de%20maio%20de%202006\\_.pdf](https://www.cff.org.br/userfiles/38%20-%20BRASIL_%20MINIST%C3%89RIO%20DA%20SA%C3%9ADE_%20Portaria%20n%C2%BA%20971,%20de%2003%20de%20maio%20de%202006_.pdf)>. Acesso: 23.10.2021.

BRASIL. **Protocolo de biossegurança para retorno das atividades nas instituições federais de ensino**. Disponível em: < <https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guiasescolares/protocolo-if>>. Acesso: 18.02.2022.

BRASIL. Presidência da República. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso: 03.08.2022.

BRASILEIRO, Beatriz Gonçalves *et al.* Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas / Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 44, n. 4, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcf/a/TwBRyGvxZsHRXKvSBgdBYPC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 19.10.2021.

BUCHILLET, Dominique. **Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia**. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR/CEJUP/UEPA, 1991.

CARNEIRO, Fernanda Melo *et al.* Tendências dos estudos com plantas medicinais no Brasil. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais**, UEG/Câmpus de Iporá, v.3, n. 2, p.44-75, 2014. Disponível em: < <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/issue/view/171> >. Acesso em 23 de setembro de 2022.

CARVALHO, M. S. *et al.* **Direitos Culturais**. Salvador: EDUFBA, 2018.

CASTELLI, Pierina German; WILKINSON, John. Conhecimento tradicional, inovação e direitos de proteção. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, v.19, n.1, p. 89-112, 2002. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/221/217>. Acesso: 22.12.2021.

CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural/textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Textos selecionados, apresentação e revisão, Celso Castro; Tradução Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARTOGRAPHIES littéraires du Brésil actuel. **Entre les remous de l’imaginaire et les houles du réel: un regard sur la littérature amazonienne brésilienne dans la contemporanéité**. Rita Olivieri-Godet (Org). 1 ed. Bruxelles: Peterlang, 2016. v. 14.

CORREIA, Maria Lúcia Andrade; DIAS, Eduardo Rocha. Desenvolvimento sustentável, crescimento econômico e o princípio da solidariedade intergeracional na perspectiva da justiça ambiental. **Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas**, Macapá, n. 8, p. 63-80, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/315373097\\_desenvolvimento\\_sustentavel\\_crescimento\\_economico\\_e\\_o\\_principio\\_da\\_solidariedade\\_intergeracional\\_na\\_perspectiva\\_da\\_justica\\_ambiental](https://www.researchgate.net/publication/315373097_desenvolvimento_sustentavel_crescimento_economico_e_o_principio_da_solidariedade_intergeracional_na_perspectiva_da_justica_ambiental). Acesso: 19.10.2021.

DI STASI, Luiz Claudio. **Plantas medicinais**: verdades e mentiras, o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber. Farmacognosia: da planta ao medicamento. São Paulo: UNESP, 2 ed. Porto Alegre/Florianópolis: Editora da Universidade, 2007. 133 p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: <https://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf>. Acesso em 19 de setembro de 2022.

EVERTON, Gustavo Oliveira *et al.* Atividade antioxidante e antimicrobiana das folhas e frutos de Citrus limon (L.) Burn (limão siciliano). **Revista Cubana de Plantas Mediciniais**, [S.l.]: v. 23, n. 4, 2018. Disponível em: < <http://www.revplantasmedicinales.sld.cu/index.php/pla/article/view/756/340>>. Acesso em 19 de setembro de 2022.

FERREIRA, Eberto Tibúrcio *et al.* A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos: uma revisão integrativa sobre a atuação do enfermeiro. **Brazilian Journal Of Health Review**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 1511-1523, 2019. Disponível em: < <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/1383>>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Educação e mudança**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FUNES, Eurípedes A. Mocambos: natureza, cultura e memória. **Revista História Unisinos**, [S.l.]: v. 13, n 2, p. 146-153, 2009. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5083>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

FUNES, Eurípedes A. **Mocambos do Trombetas**: memória e Etnicidade (séculos XIX e XX). Gomes, Flávio & Del Priore, Mary (Orgs). Os Senhores dos rios – Amazônia, Margens e Histórias. São Paulo: Elsevier, 2003.

GONÇALVES, Paulo Rogério. **Os Territórios Quilombolas no Tocantins**: uma publicação da Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins APA-TO. Tocantins: FordFoundation, 2012. Disponível: <https://www.apato.org.br/documentos/cartilha-quilombolas-do-tocantins-web.pdf> Acesso: 12.05.2021

HALBWACHS, Maurice. **On Collective Memory**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

HERDER, Johann Gottfried. **Também uma filosofia da história para formação da humanidade**: uma contribuição a muitas contribuições do século. Lisboa: Antígona, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, 2018**. Brasil: IBGE, 2018. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>. Acesso: 20.09.2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Distribuição da população segundo cor ou raça - pretos e pardos, 2020**. Brasil: IBGE, 2020. 1 mapa. Escala 1:5.000.000. Disponível em: [https://geofp.ibge.gov.br/cartas\\_e\\_mapas/mapas\\_do\\_brasil/sociedade\\_e\\_economia/mapas\\_murais/brasil\\_pretos\\_pardos\\_2010.pdf](https://geofp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_do_brasil/sociedade_e_economia/mapas_murais/brasil_pretos_pardos_2010.pdf). Acesso: 06.11. 2021.

JORGE, Schirlei da Silva Alves. **Plantas medicinais**: coletânea de saberes. 2008.

LATORRE, Elena Castiñeira *et al.* Ethnobotanical Knowledge Complexity in a Conservation Area of Northern Uruguay: Interlocutors-Medicinal Plant Network and the Structural Patterns of Interaction. **Economic Botany**, v. 74, n. 2, p. 195-206, 2020.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/341196965\\_Ethnobotanical\\_Knowledge\\_Complexity\\_in\\_a\\_Conservation\\_Area\\_of\\_Northern\\_Uruguay\\_Interlocutors-Medicinal\\_Plant\\_Network\\_and\\_the\\_Structural\\_Patterns\\_of\\_Interaction](https://www.researchgate.net/publication/341196965_Ethnobotanical_Knowledge_Complexity_in_a_Conservation_Area_of_Northern_Uruguay_Interlocutors-Medicinal_Plant_Network_and_the_Structural_Patterns_of_Interaction). Acesso: 12.12.2021.

LANGDON, Esther Jean; WIIK, Flávio Braune. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. São Paulo: USP, v.18, n. 3, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n3/pt\\_23](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n3/pt_23). Acesso: 12.12.2021.

LAPLANTINE, Francois. **Antropologia da Doença**. 1ed. São Paulo, SMF/Martins Fontes, 2010.

LEAL, Joelson Balieiro *et al.* Etnobotânica de plantas medicinais com potencial anti-inflamatório utilizadas pelos moradores de duas comunidades no município de Abaetetuba, Pará. **Revista Biodiversidade**, v. 3, n. 18, p. 110-125, 2019.

Disponível

em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/9410/6487#:~:text=As%20plantas%20Juc%C3%A1%20e%20Puraqu%C3%AA,%2C%20comunidades%20ribeirinhas%2C%20rem%C3%A9dios%20caseiros.>>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

LEVY, Bel. Fiocruz e Mapa identificam cadeias de valor em plantas medicinais. **Portal Fiocruz de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-e-mapa-identificam-cadeias-de-valor-em-plantas-medicinais> Acesso: 06.12.2021.

LI, Feng *et al.* In vitro antioxidant and anti-inflammatory activities of 1-dehydro-[6]-gingerdione, 6-shogaol, 6-dehydroshogaol and hexahydrocurcumin. **Food chem**, v. 135, n. 2, p. 332-337, 2012. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15280001/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

LIMA, Pedro Glécio Costa *et al.* Plantas medicinais em feiras e mercados públicos do Distrito Florestal Sustentável da BR-163, Estado do Pará, Brasil. **Acta Bot. Bras.** v. 25, n. 2, 2011. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-33062011000200018](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33062011000200018). Acesso: 23.05.2021.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

MALHEIROS, Patrícia Silveira. **A questão da unidade e da diversidade nas obras de Bronislaw Malinowski e Clifford Geertz**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Ciências, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2004. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88807/malheiros\\_ps\\_me\\_mar.pdf;jsessionid=6F275C4C54B4E47E0A2A9E56E123D02B?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88807/malheiros_ps_me_mar.pdf;jsessionid=6F275C4C54B4E47E0A2A9E56E123D02B?sequence=1). Acesso: 20.09.2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATA, Larissa Costa da. Os primitivos: Mário de Andrade e Georges Bataille. **Revista ARS**, São Paulo, v. 16, n. 32, p. 157-172, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2018.140351>. Acesso: 20.09.2021.

MEINECKE, Friedrich. **El historicismo y su gênese**. México: Fondo de cultura económica, 1982.

MEIRELES, Ana Carolina Freitas. Os benefícios da planta bauhinia forficata na qualidade de vida dos portadores de diabetes mellitus. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição) - UNIESP, Cabedelo, 2020. Disponível em: <<https://www.iesp.edu.br/sistema/uploads/arquivos/publicacoes/os-beneficios-da-planta-bauhinia-forficata-na-qualidade-de-vida-dos-portadores-de-diabetes-mellitus-autor-a-meireles-ana-carolina-freitas.pdf>>. Acesso em 06 de outubro de 2022.

MELO, Paula Maria Correa de Oliveira *et al.* Dinâmicas de conhecimento e uso de plantas medicinais em um assentamento rural de Belém do Pará – PA. **Revista Rodriguésia**, v. 72, p. 2-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rod/a/XL9jcHn7RsWKN3rXhN5drfM/>. Acesso: 19.10.2021.

MOTT, Maria Lucia de Barros. **Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1991.

MUKPRASIRT, Amornrat; SAJJAANANTAKUL, Kamontip. Physico-chemical properties of flour and starch from jackfruit seed. **International Journal of Food Science & Technology**, [S.l.]: v.39, n.3, p.271–276, 2004. Disponível em:



<https://www.thaiscience.info/Article%20for%20ThaiScience/Article/63/10028851.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e sentidos. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, Cláudia Neves. **Culturas e Memórias das Comunidades de Quilombo da Amazônia: um passado revisto a partir do presente**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, PPGSAQ/Ufopa, Santarém. 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/449/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Culturasememoriasdascomunidades.pdf](https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/449/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Culturasememoriasdascomunidades.pdf). Acesso: 14.08.2021.

ÓBIDOS PA. In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 14. p. 432-438. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295\\_14.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_14.pdf). Acesso: 01.02. 2022.

OLIVEIRA, Daniel Alves De *et al.* Comprovações científicas do uso da *chenopodium ambrosioides* L. (mastruz): uma revisão integrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE DO SEMIÁRIDO, 1. 2016, Campina Grande. **Anais** [...] Campina Grande: Realize, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/23642>>. Acesso em 24 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é Medicina Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Coleção Primeiros Passos, 3).

OLIVEIRA, Flávio Silva de. O conceito de cultura de Franz Boas e sua oposição historicista ao evolucionismo cultural do século XIX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA. Goiás. **Anais eletrônicos** [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2014. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(90\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(90).pdf). Acesso: 18.06.2021.

OLIVEIRA, Maria Beatriz Siqueira Campos de; FRUTUOSO, Valber da Silva. Novo paradigma produtivo: utilização dos recursos naturais para obtenção de fitoterápicos. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 01, p. 70–80, 2009. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/87>. Acesso: 23.05.2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Estratégia da OMS Sobre Medicina Tradicional**. Genebra, 2002. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/ripsa/resource/pt/who-95008>>. Acesso: 19.10.2021.

PAULINO, Itamar Rodrigues. **A Amazônia entre culturas, identidades e memórias**. LIMA, Rogério e MAGALHÃES, Maria da Glória (orgs). Culturas e Imaginários: Deslocamentos, Interações e Superposições. Rio de Janeiro: Letras, 2017.

PAULINO, Itamar Rodrigues; AZEVEDO, Luciana Castro Carvalho de. Cultura e Saúde Coletiva: Hábitos Culturais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 07., 2016. Ouro Preto. **Anais eletrônicos** [...] Ouro Preto: MEC/UFOP, 2016. Disponível em: <https://www.eventssystem.com.br/admin/arquivos/7cbeu/submissoes/anais/084ab10ba327cab22ba37f7f86bc7fe0.pdf> Acesso: 28.05.2018.

PEIXOTO, Décio Medeiros *et al.* Uso do mel de abelha associado ao Ananas Comosus (bromelin) no tratamento da tosse irritativa aguda. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 412-417, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0103058216300041?via%3Dihub>>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEREIRA, Andre Felipe Silva; GONÇALVES, Karin Anne Margaridi. O boldo (PEUMUS BOLDUS) e seus benefícios. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.12, p.110761-110767, 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/40532>>. Acesso em 24 de setembro de 2022.

PEREIRA, Keliene *et al.* Plantas nativas da região amazônica: uma revisão integrativa acerca da sua aplicação na fitoterapia. **Society and Development**, [S.I.]: v. 10, n. 14, p. 1-7, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/22333/19610/264953>>. Acesso em 26 de setembro de 2022.

RÊGO, José Fernandes do. Amazônia: do extrativismo ao neoextrativismo. **Revista Ciência Hoje**, [S.I.]: v. 25, n. 147, 62-65, 1999. Disponível em: [http://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/extrativismo\\_neoextrativismo.pdf](http://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/extrativismo_neoextrativismo.pdf). Acesso em 26 de setembro de 2022.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **História do Amazonas**. 2 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Manaus: Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. O negro na empresa colonial dos portugueses na Amazônia. do In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS, Lisboa. **Actas** [...] Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações da Morte Infante Dom Henrique, 1961. p. 347-53.

RHODES, Colin. **Primitivism and modern art**. London: Thames and Hudson, 1994.

RIBEIRO, Carla Denise Bahia *et al.* O uso medicinal de Carapa Guianensis Aubl. (andiroba). **Revista Society and Development**, [S.I.]: v. 10, n. 15, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/22815/20413/278152#:~:text=Conclus%C3%A3o%3A%20Carapa%20guianensis%20Aubl%20tem,antif%C3%BAngica%20e%20bactericida%20e%20cosm%C3%A9uticos.>>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

RIBEIRO, George Duarte. **Algumas espécies de plantas reunidas por famílias e suas propriedades**. Porto velho/Rondônia: EMBRAPA, 2010.

RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Análise do programa medicinais e fitoterápicos no sistema único de saúde (SUS) sob a perspectiva territorial. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.]: v. 24, n. 5, p. 1733-1742, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/t4mKYxxdLM8nNvhtWLkbBVz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 23.05.2021.

ROSS, R. Gracious *et al.* Atividade imunomoduladora de *Punica granatum* em coelhos - um estudo preliminar. **Revista de Etnofarmacologia**, [S.l.]: v. 78, n. 1, p. 85-87, 2001. Disponível em:< <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378874101002872#!>>. Acesso em 19 de setembro de 2022.

RUBIN, William. Modernist primitivism: an introduction. "Primitivism" in 20th century art: affinity of the tribal and the modern. **Museum of Modern – N. York**: catálogo da exposição. New York: 1984. v. 1. p. 1-79.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**: Esboço do pensamento Político-Revolucionário no Grão-Pará. Belém: Cejup, 1992.

SAMPAIO, Patrícia M. Melo. **Escravidão e Liberdade**: notas de pesquisa sobre o mundo do trabalho indígena e africano. In: III ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 2007, Florianópolis, SC. **Anais [...]** São Leopoldo, RS: Oikos, 2007. v. 1. p. 27-35. CD-ROM.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Maurício Reginaldo A dos *et al.* Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Horticultura Brasileira**, Porto Velho: Embrapa, v.26, p. 244-250, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hb/v26n2/23.pdf>. Acesso: 23.05.2021.

SEMINÁRIO MATO-GROSSENSE DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA; 2º SEMINÁRIO CENTRO OESTE DE PLANTAS MEDICINAIS, 25 a 28 de outubro, 2002, Cuiabá, Mato Grosso. **Anais [...]**. Cuiabá, MT: Unicen, 2002.

SCHMITT. Alessandra *et al.* A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Revista Ambient. soc.**, [S.l.]: v.10, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/3zsW4C3r6CFYcnx8sPSDrdk/?lang=pt>. Acesso: 23.10.2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEN, Tuhinadri; SAMANTA, Samir Kumar. Medicinal Plants, Human Health and Biodiversity: A Broad Review. **Adv Biochem Eng Biotechnol**, [S.l.]: v. 147, 2015. Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/10\\_2014\\_273#citeas](https://link.springer.com/chapter/10.1007/10_2014_273#citeas). Acesso: 22.02.2021.

SIGRISTI, Sergio. **Plantas medicinais- aromáticas- codementares**. Disponível em: < <https://www.ppmac.org/content/uxi-amarelo>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

SILVA, Elian Karine Serrão da; PAULINO, Itamar Rodrigues. Amazônia como lugar de culturas: conceitos, contextos e condições identitárias e memoriais. Dossiê: Estudos Literários e Interculturalidade. **REVELLI**, [S.l.]: v. 11, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/9065>. Acesso: 22.10.2021.

SILVA, Raullyan Borja Lima e. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**, 2002. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Agronomia, Universidade Federal Rural da Amazônia/UFRA, Belém. 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/86163966/A-ETNOBOTANICA-DE-PLANTAS-MEDICINAIS-DA-COMUNIDADE-QUILOMBOLA-DE-CURIAU-MACAPA-AP-BRASIL#>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da; BARROS, Eloísa Amorim de Barros. Raizamas do Brasil: Benzeções amazônicas no oeste do Pará. **Martius-Staden-Jahrbuch**. São Leopoldo: Oikos. 2020. n. 63. Disponível em: <http://mtc-m21c.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21c/2020/11.24.15.02/doc/Martius-Staden-Jahrbuch%202020%20-%20e-book.pdf>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

SILVA, Jackeline G. da *et al.* Atividade inibitória das folhas e caule de *Kalanchoe brasiliensis* Cambess frente a microrganismos com diferentes perfis de resistência a antibióticos. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, [S.l.]: v. 19, n.3, 2009. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/247854658\\_Atividade\\_inibitoria\\_das\\_folhas\\_e\\_caule\\_de\\_Kalanchoe\\_brasiliensis\\_Cambess\\_frente\\_a\\_microrganismos\\_com\\_diferentes\\_perfis\\_de\\_resistencia\\_a\\_antibioticos](https://www.researchgate.net/publication/247854658_Atividade_inibitoria_das_folhas_e_caule_de_Kalanchoe_brasiliensis_Cambess_frente_a_microrganismos_com_diferentes_perfis_de_resistencia_a_antibioticos). Acesso em 07 de outubro de 2022.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUSA, Ronaldo Lopes de *et al.* Extração e comercialização do óleo de andiroba (*Carapa guianensis* Aublet.) na comunidade da Ilha das Onças, no município de Barcarena, Pará, Brasil. **Revista Interações**, Campo Grande, v. 20, n.3, p. 879-889, 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/inter/a/gKhmR8JJGNrbdDjT6mgG5DD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 19 de setembro de 2022.

SOUSA, Nágila Caroline Fialho *et al.* Propriedades farmacológicas de *Punica granatum* L (romã): uma revisão de literatura. **Revista Ceuma Perspectivas**, [S.l.]: v. 31, p. 57-67, 2018. Disponível

em: <<http://www.ceuma.br/portalderevistas/index.php/RCCP/article/download/181/pdf>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

TRINDADE, Rafaela Cabral dos Santos *et al.* Estudo farmacobotânico das folhas de *aspidosperma excelsum* benth. (apocynaceae). **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 10, n.3, p.220-372, 2016. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/19256/2.pdf;jsessionid=51CD59668E10FDAC7575B6F5F0E71C15?sequence=2>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive culture**: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom. London: John Murray, 1871.

UCHÔA, Amanda Dias de Araújo. **Perfil fitoquímico e avaliação da bioatividade: antioxidante e antimicrobiana de extratos de folha da Alternanthera brasiliana (L.) KUNTZE (Amaranthaceae)**, 2014. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Bioquímica e Fisiologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/12103/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Amanda%20Dias%20de%20Ara%c3%baixo%20Uch%c3%b4a.pdf>>. Acesso em 19 de setembro de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Horto didático de plantas medicinais do HU/CCS**: ano base 2020. Trindade: UFSC, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Mentha cf. spicata L**: ano base 2017. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017.

VIEIRA, Telmo Pedro; SILVA, MA. Gilberto Freyre. “Cultura nacional” e a antropologia brasileira: revisões e contribuições de um passado incompreendido. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA IBEROAMERICANA CULTURAS IBÉRICAS Y MESTIZAJE EN AMÉRICA, ÁFRICA Y ORIENTE, Salamanca. **Anais** [...] Salamanca: Espanha, 2010. Disponível em: <http://www.marcoarelios.com.br/freyre.pdf>. Acesso: 18.09.2021.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Tradução de Regis Barbosa e Karen E. Barbosa. Revisão da tradução Johannes Winckelmann. v. 1. Brasília: UnB, 1991. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/Sociologia%20I/Weber%252c%20M%20cap%201%20Conceitos%20Sociol%C3%B3gicos%20fundamentais%20-%20Economia%20e%20Sociedade.pdf>. Acesso: 18.09.2021.

ZHANG, Xinxin *et al.* **Botany, traditional use, phytochemistry, pharmacology, quality control, and authentication of Radix Gentianae Macrophyllae-A traditional medicine**: A review. Web of Science, [S.I.]: 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30097114/>. Acesso: 29.05.2021.

ZENI, Ana Lúcia Bertarello *et al.* Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na atenção primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. **Applied Ecology And Environmental Research**, [S.I.]: v. 17, n. 3, p. 6735-6759, 2017. Disponível

em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2017.v22n8/2703-2712/>. Acesso: 23.05.2021.

## ANEXO A

### QUESTIONÁRIO

#### 1. PERFIL

NOME:	
MORADOR DA COMUNIDADE A QUANTO TEMPO?	IDADE?
RELIGIÃO?	SEXO?
FORMAÇÃO EDUCACIONAL?	TEMPO QUE ATUA COM PLANTAS MEDICINAIS?
QUAL SUA PROFISSÃO?	COMO VIVIAM SEUS ANTEPASSADOS?
O QUE SIGNIFICA SER QUILOMBOLA PARA VOCÊ?	

#### 2. HÁBITOS CULTURAIS E CULTIVO SUSTENTADO

---

Q1. A manipulação de plantas medicinais gera algum recurso financeiro para você?

---

Q2. Você acredita que plantas medicinais possam ter potencialidade de renda financeira?

---

#### 3. HÁBITOS CULTURAIS E USO TERAPÊUTICO DE PLANTAS MEDICINAIS

---

Q5. Quem ensinou você sobre a manipulação de plantas medicinais?

---

Q6. Você tem transmitido a algum ente da família o saber que você adquiriu sobre plantas medicinais?

---

Q7. Você procura aplicar seus conhecimentos sobre o uso e manipulação de plantas medicinais?

---

Q8. Existe algum lugar específico que você trabalhe com as plantas medicinais?

---

Q9. Quais são as formas (chá, uso de raízes, uso de folhas, garrafadas etc.) que você usa para a manipulação de plantas medicinais?

---

#### 4. USO DE PLANTAS MEDICINAIS CONFORME INDICAÇÃO TERAPÊUTICA

---

Q10. Como o uso de plantas medicinais contribui para a manutenção da saúde?

---

Q11. Quais plantas medicinais você mais usa?

---

---

INFORME O NOME DA PLANTA MEDICINAL QUE VOCÊ UTILIZA CONFORME OS SINTOMAS DESCRITOS

---

Q12. Dor de garganta?

---

Q13. Dor de cabeça?

---

Q14. Dor de estômago?

---

Q15. Dor de barriga (síndrome diarreica)

---

Q16. Infecção urinária?

---

Q17. Gripe?

---

Q18. Febre?

---

Q19. Cicatrizante para feridas?

---

Q20. Ansiedade?

---

Q21. Depressão?

---

Q22. Quais outras plantas que você poderia informar que são indicadas para sintomas que não foram citados acima?

---

Q23. Quais plantas você utilizou/utiliza para a recuperação/ prevenção da Covid-19?

---



## ANEXO B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

---

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa **Hábitos Culturais e Saúde Coletiva em Comunidades Quilombolas: etnobotânica, cultivo sustentado, manejo técnico-tecnológico e uso terapêutico das plantas medicinais para melhoria da qualidade de vida**, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) Aylla Cristina Sousa Ribeiro.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável.

#### Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por objetivo discutir como a figura da benzedeira e do benzedor atua na resistência ao modelo colonizador de saúde, interferindo na maneira como uma comunidade remanescente de quilombos do Baixo Amazonas lida com a saúde coletiva, influenciando a qualidade da vida das pessoas, e fortalecendo hábitos culturais saudáveis;
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em dar entrevista, que inclui registro de áudio, de vídeo e de imagem;
3. Ao participar desse trabalho estou ciente de que estarei contribuindo com a promoção de estudos e pesquisa sobre a questão dos hábitos culturais quilombolas e da saúde coletiva no Baixo Amazonas e de possíveis benefícios diretos e/ou indiretos que a pesquisa trará;
4. A minha participação neste projeto deverá ter a duração de até dois encontros, respeitando o tempo dedicado à entrevista, busca de informações e de material relevantes ao andamento da pesquisa;
5. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo;
6. Fui informado e estou ciente de que não há valor econômico a receber ou a pagar por minha participação;
7. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa e de registro em dissertação de mestrado, bem como em artigos correlacionados;
8. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Aylla Cristina Sousa Ribeiro, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: **(93) 99903-0111**, e-mail: **ayllaribeiroacd@gmail.com**

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_  
 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa acima descrito. E confirmo que:

- ( ) Meu nome deverá ser mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
- ( ) Meu nome pode ser citado na pesquisa, na dissertação e nos artigos que do estudos resultarem, abolindo minha privacidade exclusivamente quanto à entrevista sobre o Mascarado Fobó, além de que terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Santarém,        de        de 2022.

---

Assinatura do participante

---

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

## ANEXO C

**QUADRO BASE DE COMPILAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE APLICATIVO  
PLANTAS E ANIMAIS DE USO EM SAÚDE DE HABITANTES DA AMAZÔNIA**

Pesquisadores: Prof. Dr. Itamar Paulino, Prof. Dra. Alanna Silva, Prof. Dr. Maxwell Barbosa,  
Me. Eloisa Barros, Me. Deize Freitas, Mestranda Aylla Ribeiro

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTES UTILIZADAS	DOSAGEM	MODO DE PREPARO	INDICAÇÃO	CONTRA-INDICAÇÃO
ABACATEIRO	<i>Persea Americana Miller</i>	Folha e caroço	<b>Farinha do Caroço:</b> tomar 1 colher de sopa a cada refeição  <b>Chá:</b> uma colher de chá 3X ao dia	Farinha do Caroço: ralar uma quantidade razoável e deixar secar ao sol coberto com um filó. Bater no liquidificador e passar numa peneira fina. Conserve em pote fechado, na geladeira,	Convulsões, glicose no sangue, úlcera, emagrecimento, asma, doenças cardiovasculares (diabetes, arteriosclerose, artrite reumatoide), inflamações crônicas, dor muscular, inchaço no corpo, Anemia; abre o apetite.	Mulheres Grávidas
ABACAXI						
AÇAÍ (JUÇARA, ASSAI OU AÇAÍ-DO-PARÁ)	<i>Euterpe oleracea Mart</i>	Raiz e fruto	Garrafada	1 colher de sopa 3x ao dia	Doenças cardíacas e derrames, colesterol alto, arteriosclerose, doenças cardiovasculares (infarto), derrame cerebral (AVC), doenças do fígado (esteatose) e icterícia, artrite, obesidade, diarreia, anemia e falta de energia (fadiga), anemia	Pessoas com diabetes devem evitar
ALECRIM (ALECRIM-DE-JARDIM, ROSMARINHO, ALECRIM-DE-CHEIRO, FLOR-DE-OLIMPO).	<i>Rosmarinus Officialis</i>	Folhas e flores	Banho (fervura); Chá	1 bacia; 1 xícara 3x ao dia	Asma, coqueluche, gripe, distúrbios circulatórios, enxaqueca, memória, concentração e raciocínio, depressão, ansiedade, má digestão, dor de estômago, flatulência, azia, diarreia e constipação, antisséptico, cicatrizante, distúrbios digestivos.	Pessoas com doença prostática, gastroenterites, dermatoses e convulsão.
ALFAZEMA (LAVANDA, LAVANDULA, LAVANDA-INGLESA, NARDO, LAVANDA-INGLESA).	<i>Lavandula angustifolia.</i>	Folhas e flores	Chá	1 Xicara 5x ao dia	Ansiedade, pressão arterial, febre, cicatrização de aftas, batimento cardíaco alterado, enxaqueca, gripe, bronquite, tensão nervosa, estresse, depressão, asma, cólicas, dor de estômago, dermatite.	Doses elevadas causam sonolência.

<b>ALGODÃO-ROXO</b>	<i>Gossypium Herbaceum</i>	Folhas	Xarope com 10 a 20 folhas; Chá com duas folhas;	<b>Chá:</b> Colocar duas colheres de sopa de folhas de algodoeiro para um litro de água, deixando ferver por 10 minutos, coar e beber morno até 3 vezes ao dia.	Age como anti-inflamatório, contra a disenteria e reumatismo, é bactericida, emoliente e ajuda na circulação sanguínea. Ajuda também em situações de Tosse; Inflamação e menstruação. Ele também ajuda no aumento da produção de leite materno, diminuir hemorragias uterinas, espermatogênese, diminui o tamanho da próstata e trata infecção renal, reumatismo, diarreia e colesterol.	Contraindicado durante a gravidez.
<b>ALHO</b>	<i>Allium sativum</i>	Folhas e bulbo (dentes)		Chá, Xarope	Imunidade, pressão arterial, colesterol, doença de Alzheimer, demência, doença aterosclerótica, coronária e circulatória, resfriado, infecção bacteriana e fúngica, intoxicação renal, cicatrizante e adstringente, calo, sarna, verruga, mancha de pele, dermatopatia, úlcera, coagulação do sangue.	Pessoas com pressão baixa; pessoas com reação alérgica da pele ao contato com o alho; lactentes devem ter moderação no uso (alho pode provocar cólicas no ventre do lactente).
<b>AMOR CRESCIDO (FLOR DE SEDA, ALECRIM-DE-SÃO-JOSÉ)</b>	<i>Portulaca pilosa L.</i>	Planta inteira	Chá, Emplasto, Xarope	<b>EMPLASTRO:</b> preparado por meio de infusões contra a queda de cabelo (Champu). A infusão das folhas aplica-se também em emplastos contra queimaduras e afecções da pele.  <b>CHÁ:</b> Misturar um punhado de folhas de amor-crescido e outro de folhas de jambu ( <i>Spilanthes oleracea</i> ) em água fria e aquecer. Deixar levantar fervura e tomar em substituição a água,	Náusea; vômito; dor no estômago; queda de cabelo; ferimentos (inflamação). É um ótimo diurético, ótimo analgésico, ajuda no tratamento de erisipela e queimadura.	Mulheres grávidas não devem fazer uso dessa planta.

				durante todo o dia. Esta decocção é excelente diurético e hepatoprotetor.		
<b>AMORA</b>		Folhas	Chá	1 xícara de chá	Hipertensão arterial, infecção urináriaeucali	
<b>ANDIROBA</b>	<i>Carapa guianensis Aubl.</i>	Casca, semente, óleo	Óleo: aplicado na pele, na área afetada ou no corpo como repelente a insetos.	Emplasto	Dor geral, principalmente de cabeça; inflamação; coceira na pele; ferimentos, alergia de pele	
<b>ARRUDA (ARRUDA-FEDIDA, ARRUDA-DOMÉSTICA, ARRUDA-DOS-JARDINS, RUTA-DE-CHEIRO-FORTE).</b>	<i>Ruta graveolens</i>	Folhas	Chá (infusão); Tintura	Chá (1 palma), Emplasto, Sumo 1x ao dia; 1 copo	Na ocorrência de supressão da menstruação, inflamações da pele, dor de dente, ouvido, febre, câimbras, dor de estômago, verminoses, varizes, AVC	Pode afetar a gravidez e pode causar irritação em peles sensíveis
<b>BABOSA</b>	<i>Aloe vera (L.) Burm. f.</i>	Folha	Creme	Emplasto, xarope	Queimaduras (inflamação; cicatrizante); dor; queda de cabelo; erisipela, tosse	Não deve ser consumido por mulheres grávidas nem mulheres em período lactante.
<b>BARBATIMÃO</b>	<i>Stryphnodendron barbatiman</i>	Casca	Chá	1 xícara de chá	Inflamação feminina	
<b>BOLDO (BOLDO-DO-CHILE)</b>	<i>Peumus boldus Molina</i>	Folha	Chá	Fazer fervura de 3 ou 4 folhas em 500ml de água. Tomar 1 xícara 3 vezes ao dia	Ação auxiliadora no tratamento de má digestão, problema do fígado, litíase biliar, gota, obstipação, cistite, flatulência, dor de cabeça e suor frio, limpeza de sangue, gás intestinal,	Pessoas com doenças severas no fígado, como hepatite viral, cirros e e hepatite tóxica; pessoas com obstrução das vias biliares, cálculos biliares, mulheres grávidas e lactantes,
<b>BOLDO COMUM SETE-DORES, BOLDO-DA-TERRA, BOLDO-DE-JARDIM, TAPETE-DE-OXALÁ, FALSO-BOLDO, BOLDO-BRASILEIRO, ALUMÃ, BOLDO-PELUDO</b>	<i>Plectranthus barbatus</i>	Folha, caule	Chá, Sumo	Fazer fervura de 3 ou 4 folhas em 500ml de água. Tomar 1 xícara 3 vezes ao dia	Combate a azia, Dor de urina e estômago fígado; ressaca; gastrite, pedra nos rins; náusea	Quando ingerido em excesso, pode causar desconforto estomacal, mal-estar, vômitos e diarreia. Em casos mais graves, também pode provocar aborto e

						problemas no sistema nervoso. Portanto, não é recomendado beber mais que 3 xícaras por dia.
<b>CAJIRU</b>	<i>Arrabidaea chica</i>	Casca	1 balde	1 pedaço da casca	Ferimento	
<b>CAJÚ-AÇÚ</b>	<i>Anacardium giganteum</i>	Casca	Banho (fervura)	3 ou 4 pedaços; Meio balde 3 a 4x ao dia	Asseio pós-parto; Ferimento	-
<b>CALÊNDULA (BEM-ME-QUER, MAL-ME-QUER, MARAVILHA, MARGARIDA DOURADA OU VERRUCÁRIA)</b>	<i>Calendula officinalis</i> L.	Folha, caule	Chá, Pomada	Aquecer 200 g de banha de porco (ou vaselina) até o derretimento, em seguida colocar punhado de calêndula (folhas, caules e flores), cortada na gordura ainda quente. Deixar refogar, mexer e retirar do fogo. Cobrir e deixe descansar por um dia. Depois, aquecer um pouco e filtrar com um tecido, e colocar em recipientes limpos e preparados para esta finalidade.	Aftas, alergia, cólica menstrual, fungo, gastrite, azia	Não é recomendado a pessoas alérgicas e sensíveis a algum componente da planta, grávidas e mulheres que estão amamentando.
<b>CANELA</b>	<i>Cinnamomum verum</i>	Folhas	Chá	1 copo 1x ao dia	Menstruação	-
<b>CAPIM CHEIROSO (SANTO)</b>	<i>Cymbopogon citratus (DC.) Stapf</i>	Folha, raiz	Chá	10 folhas; 1 copo 3/5x ao dia	Queda de cabelo; fígado; febre; calmante; pressão alta; cólicas no estômago; gases intestinais; insônia; náusea; vômito,, dores de cabeça	Gestantes, lactantes e crianças abaixo de dois anos de idade.
<b>CATINGA DE MULATA (CHEIRO-DE-MULATA, TANACETO, ATANÁSIA, ERVA-DE-SÃO-MARCOS, PALMINHA, ANIL-BRAVO, ERVA-DOS-VERMES)</b>	<i>Tanacetum vulgare</i>	Folhas e flores	Chá; Tintura (inalação)	1 palma; 1 copo de medida (15 ml) 3x ao dia	Vermíngos, hemorroidas, vermes intestinais, anti-helmíntico, áscaris, oxiúros, reumatismo, síndrome migranosa, transtornos menstruais, febres, taquicardia e epilepsia, má digestão, furúnculos e asma, náuseas, dor de dente,	Gestantes, lactantes e crianças abaixo de dois anos de idade.

					sarna, dor de cabeça, derrame, mal olhado	
<b>CEDRINHO</b>	<i>Cupressus lusitânica</i>	Folha/	Chá		Diarreia, sintomas gástricos	Gestantes, lactantes e crianças abaixo de dois anos de idade.
<b>CHICÓRIA</b>	<i>Cichorium endivia L.</i>	Folha	Crua, cozida		Catarros do pulmão, estômago, azia, inflamação (fígado, intestinos), olhos inflamados, reumatismo, rins, vermes.	Gestantes, lactantes e crianças abaixo de dois anos de idade.
<b>CIDREIRA (CAPIM-CIDREIRA, CITRONETE E MELISSA), ERVA LUÍSA)</b>	<i>Melissa officinalis</i>	Folhas e inflorescências			Sonolência, Insônia, dor de cabeça, gases, distúrbios digestivos, cólicas menstruais e intestinais, distúrbios renais, tosse, cólicas abdominais. Quadros leve de ansiedade e insônia, como calmante suave.	Redução da função da tireoide, gestantes e lactantes, pessoas com hipotensão.
<b>CIDREIRA CARMELITANA</b>	<i>Lippia Alba(Mill.) N. E. Br.</i>	Folhas e inflorescências	Chá		ação calmante, anticonvulsivante e espasmolítica. Ajuda no alívio do mal-estar gástrico (cólicas no estômago; gases intestinais; cólicas menstruais); gripe; pressão alta. Calmante no tratamento de crises de nervosismo e estados de inquietude e ansiedade.	Redução da função da tireoide, gestantes e lactantes, pessoas com hipotensão.
<b>CIPÓ (CIPÓ-INSULINA, ANIL-TREPADOR, INSULINA, UVA-BRAVA, INSULINA-VEGETAL)</b>	<i>Cissus sicyoides</i>	Folhas.			Problemas cardíacos, anemia, derrames, ativador da circulação sanguínea e hipoglicemiante.	Não encontrado na literatura consultada.
<b>CIPÓ ALHO</b>		Folhas	Banho	10 folhas; 1 bacia 2x ao dia	Asseio em crianças para prevenção/ritual	-
<b>CIPÓ TUÍRA</b>		-	-	-	-	-
<b>COPAÍBA</b>	<i>Copaifera langsdorffii Desf.</i>	Caule		Óleo	Disenteria ferida, gases, problema pulmonar (tosse, bronquite), coceira	
<b>CORAMA (DIABINHO)</b>	<i>Pedilanthus tithymaloides (L.)</i>	Folha	Xarope; Emplastro	2 folhas; 1 colher de sopa (xarope) 3x ao dia	Coração acelerado; tosse; gripe; dor no peito; inflamação; náusea; vômito; dor no estômago, vermelhidão	

<b>CORAMINA</b>		Folhas	Chá	1 copo 5x ao dia	Coração	-
<b>CRAJIRÚ (PARIRI, CIPÓ CRUZ, CARAJURÚ, PUCA PANGA, CIPO- PAU, PIRANGA).</b>	<i>Arrabidea chica;</i> <i>Friedericia chica</i> (Humb. & Bonpl.) L. <i>G. Lohmann</i>	Folhas	Chá	1 copo 1x ao dia	Sistema digestivo (estômago, fígado e rins (intestino), cólica intestinal, diarreia, disenteria, colite, leucorreias vaginais, inflamação no útero, anemia.	Pessoas com hipersensibilidade ao ácido anísico, cajurina, taninos, bixina, saponina.
<b>CRAVO DE DEFUNTO</b>	<i>Tagetes erecta</i>	Todas as partes	<b>Chá das flores e folhas</b>	As pétalas de cravo-de-defunto maceradas em ½ litro de azeite de oliva extravirgem tem diversos usos. Quanto ao chá, Adultos podem tomar de 4 a 5 xícaras por dia. Adolescentes entre 10 a 15 anos tomam 3 a 4 xícaras ao dia.	Angina, cólicas uterinas, prisão de ventre, digestão, cólica, disenteria, tosse, febre, feridas, úlceras, eczema, dor nos olhos, reumatismo, dor nos órgãos sexuais, dores nas articulações, icterícia, angina, furúnculo, inflamações cutâneas, dores lombares.	Grávidas e lactantes, crianças
<b>EUCALIPTO</b>	<i>Eucalyptus</i>	Folhas	Chá	3 folhas em infusão	Febres decorrentes da malária	
<b>ERVA CIDREIRA</b>	<i>Melissa officinalis</i>	Folhas	Chá	1 copo	Dor de estômago; Calmante	-
<b>ERVA-DE-JABUTI</b>	<i>Peperomia pellucida</i>	Folhas	Chá	1 xícara de chá	Hipertensão arterial	
<b>EPADU</b>	<i>Erythroxylum cataractum</i>	Folhas	Chá	1 xícara de chá	Dor de garganta	
<b>ESPADA DE SÃO JORGE (ESPADA-DE-SANTA-BÁRBARA, LÍNGUA-DE-SOGRA, RABO-DE-LAGARTO E SANSEVIERA)</b>	<i>Sansevieria trifasciata</i> ou <i>Sansevieria zeylanica</i>	Não recomendado			Planta herbácea de origem africana, tóxica, e que não deve ser ingerida. Seu uso costuma ser feito para proteção espiritual e ornamentação.	Planta tóxica para todas as pessoas
<b>ESTURIQUE</b>	<i>Ocimum micranthum Willd.</i>	Folha e galho	Chá, Xarope	1 mão cheia; 1 copo de medida (15 ml)	Inflamação na garganta; gripe; tosse	
<b>FIGATIL</b>		Folhas	Chá	1 copo	Dor de estômago	-
<b>FRUTA PÃO</b>	<i>Artocarpus altilis</i>	Folhas	Chá	1 xícara de chá	Hipertensão arterial e diabetes	
<b>GENGIBRE</b>	<i>Zingiber officinale</i>	Tubérculo	Chá	1 xícara de chá	Febre, gripe, dor de garganta.	
<b>GOIABEIRA</b>	<i>Psidium guajava</i>	Fruto, Folhas e Casca	Chá, Suco		Hiperglicemia, problemas cardíacos, cólicas menstruais, problemas intestinais, diarreia, câncer, gripe e resfriado, colite, dor de dentes, úlceras orais e	Pessoas com doenças cardíacas devem tomar moderadamente, pessoas com

					aftas, coceiras, feridas, alergias cutâneas.	hipoglicemia, grávidas.
<b>GUANDU</b>	<i>Cajanus cajan</i>	Folhas	Chá	½ xícara de chá	Sedativa, calmante	
<b>GRAVIOLA</b>	<i>Annona muricata L.</i>	Folha	Chá		Náusea, vômito, dor de estômago	
<b>HORTELÃ (HORTELÃ RASTEIRA, MENTA, HORTELÃ, HORTELÃ-COMUM, HORTELÃ-DE-FOLHA-MIÚDA)</b>	<i>Mentha</i>	Folhas	Xarope; Chá	5 folhas; 1 colher de sopa	Má digestão, náusea, vômito, colesterol alto, dor de cabeça, cólica menstrual, congestão nasal ou pulmonar (gripe, resfriado), dores abdominais, diarreia com sangue, tricomoníase genital, tosse, inflamação na garganta, fermento	Em inalação não aplicar em excesso
<b>HORTELÃZINHO</b>	<i>Mentha x villosa Huds.</i>	Folha	Chá (infusão), Xarope	2 a 3 galhos; 1 colher de sopa	Dor de cabeça; febre; vermes; gases intestinais; dor de barriga; gripe; tosse; sinusite; náusea; vômito; quebrante; mau olhado, pressão alta	
<b>JAMBU</b>	<i>Spilanthes oleracea</i>	Folhas	Chá	1 xícara de chá	Calmante, gripe e sintomas das Covid-19	
<b>JAQUEIRA</b>	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Folhas	Chá	1 xícara de chá	Gripe, hipertensão arterial, diabetes	
<b>JAPANA</b>	<i>Eupatorium triplinerve Vahl</i>	Folha	Banho; Chá	7 folhas/1 balde (banho) 1 copo (Chá , Xarope)	Gripe; tosse; bronquite; sinusite; dor no estômago; quebrante; mau olhado, dor no corpo	
<b>JATOBÁ</b>	<i>Hymenaea courbaril</i>	Casca; Seiva	Xarope	10 pedaços; 1 colher de chá	Tosse	Provoca tonteira
<b>JENIPAPO (JENIPAPO, JENIPA, JENIPAPO-DA-AMÉRICA; JENIPABA; GENIPAPO, PENIPAPEIRO, JENIPAPINHO)</b>	<i>Genipa americana</i>	Raiz, casca, fruto, semente	Xarope Chá	Chá de raízes (como purgativo), sementes esmagadas (como vomitório). chá das folhas (como anti-diarréico), fruto verde ralado (para asmáticos), brotações (desobstruente), suco do fruto maduro (tônico para estômago, diurético e desobstruente).	Afecções hepáticas, anemias, asma, diarreias, purgante, úlceras, amigdalites, faringites, doenças venéreas, uso purgante e diurético.	Não encontrado na literatura
<b>JUCÁ</b>	<i>Libidia ferrea</i>	Fruto	Chá	1 xícara de chá	Inflamação feminina	
<b>JUMARU</b>	<i>Spilanthes acmella</i>	Casca	Chá	1 copo	Feridas e curativos	
<b>LARANJA</b>	<i>Citrus sinensis</i>	Casca	Chá	1 xícara de chá	Fígado, estômago, indigestão	
<b>LIMÃO</b>	<i>Citrus limon</i>	Folhas	Chá	1 copo	Gripe;	-



					Febre; Dor de cabeça	
<b>LIMA</b>	<i>Citrus aurantiifolia</i>	Folhas	Chá	1 xícara de chá	Ansiedade, calmante	
<b>MARACUJÁ</b>	<i>Passiflora edulis</i>	Folhas	Chá	1 xícara de chá	Ansiedade, calmante, hipertensão arterial	
<b>MACELA (NUZINHO, MARCELA, MARCELA DO CAMPO, MACELINHA, MACELA DE TRAVESSEIRO).</b>	<i>Achyrocline satureioides</i>	Flores			Azia, cálculo biliar, dor de cabeça, cólica intestinal, cãibra, contusão, diarreia, problema gástrico e digestivo, dor de estômago, gastrite e úlcera, impotência sexual, sistema nervoso, resfriado, retenção de líquidos, reumatismo, icterícia, colesterol alto, cistite, nefrite e colecistite.	Não encontrado na literatura consultada.
<b>MANAIARA</b>		Casca	Banho (fervura)	3 pedaços; Meio balde	Asseio pós parto	-
<b>MANJERICÃO ROXO</b>	<i>Ocimum basilicum</i>	Folhas frescas ou secas.			<b>Hiper e Hipoglicemia,</b> diabetes, <b>colesterol,</b> problema cardíaco e vaso sanguíneo, <b>estresse,</b> <b>problema menstrual,</b> cólica e mal-estar, <b>dor muscular,</b> gases, azia problemas intestinais, cistite (ardor ao urinar), fadiga, dor reumática, tosse, resfriado, vômito, afta, mau hálito, bronquite, sinusite, envelhecimento precoce das células, problema nos rins e na bexiga,	Contra indicado para mulheres grávidas.
<b>MARREQUINHA SALVÍNIA, MURERU, MURURÉ, ORELHA-DE- ONÇA, CARRAPATINHO, ERVA-DE-SAPO, MURUÉ, SAMAMBAIA- AQUÁTICA</b>	<i>Salvinia</i>	Folhas e caules			Fitorremediador e bioindicador de poluição de lagos e rios	Imprópria para consumo humano, dada a alta concentração em seus tecidos de poluentes.
<b>MARUPAZINHO</b>	<i>Eleutherine bulbosa Herb</i>	Folhas e bulbo	Chá	1 copo	Diarreia, dor de estômago, amebíase, disenteria, hemorroida, gastralgia, histeria, diarreia, vermes intestinais, efeito contraceptivo.	Não encontrado na literatura
<b>MASTRUZ</b>	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Folha, caule	Chá, Sumo	1 colher de sopa	Verme; baque; hematomas; fraturas; anemia; fraqueza;	

					gastrite; náusea; vômito; dor no peito, gripe	
<b>MAXIXE</b>	<i>Cucumis anguria</i>	Fruto	Pedaços colocados na água	1 xícara de chá	Hipertensão arterial	
<b>MUCURACÁ (ERVA DA GUINÉ; AMANSA-SENHOR)</b>	<i>Petiveria alliacea L.</i>	Folhas	Banho	1 porção; 1 bacia	Gripe	-
<b>PARIGÓRICO</b>	<i>Piper callosum Ruiz &amp; Pav</i>	Folha		Chá	Cólicas no estômago; gases intestinais; gastrite; náusea; vômito; barriga inchada; dor de barriga	
<b>PAU DE ANGOLA (PAU DA CABINDA)</b>	<i>Piper alatipetiolatum</i>	Folhas	Chá; Banho	7 folhas; 1 balde; 1 copo	Utilizado no aumento da libido e melhora das funções sexuais, dor de estômago e mau-olhado	Pessoas com insuficiência renal, hipertensão, problemas no sistema respiratório ou patologias cardiovasculares.
<b>PEÃO (PINHÃO-BRANCO, PINHÃO-MANSO, TÁRTARO, JALAPA, PINHÃO-PARAGUAIO, PINHÃO-ROXO, ERVA-PURGANTE, MAMONINHA, PEÃO-ROXO, RAIZ-DE-TIU)</b>	<i>Jatropha curcas</i>	Folha, semente e óleo da semente			Sinusite, dores abdominais, prisão-de-ventre, constipação nasal, ferimentos (desinfetante), leucemia.	Doses altas podem intoxicar, sendo desaconselhável seu uso oral.
<b>PEQUIÁ</b>	<i>Caryocar villosum (Aubl.) Pers.</i>	Fruto		Óleo, Polpa, Emplasto	Ferimentos (cicatrizante); queimaduras (infecção; inflamação; cicatrizante)	
<b>PIMENTA MALAGUETA</b>	<i>Capsicum annum</i>	Fruto maduro e seco			Tratamento de dores musculares, reumatismo, artrite, artrose, dor nas costas, Herpes Zóster, coceira.	Alergia à planta; seu óleo é irritadiço em partes sensíveis do corpo (olhos)
<b>PEÃO BRANCO</b>	<i>Jatropha curcas</i>	Casca	Chá	Meio balde	Tratamento de Feridas,	
<b>QUINA</b>	<i>Cinchona</i>	Casca	Banho (fervura)	Meio balde	Asseio pós parto	-
<b>ROMÃ</b>	<i>Punica granatum</i>	Folhas; Frutos	Chá	1 copo	Dor de garganta	-
<b>SALVA-DE-MARAJÓ</b>	<i>Hyptis crenata</i>	Folhas	Chá	20 folhas; 1 xícara	Cólica	-
<b>SARA TUDO</b>	<i>Justicia acuminatissima</i>	CASCA	Chá	1 xícara de chá	Dor de estômago, infecção urinária, feridas.	

<b>SETE-SANGRIA</b>	<i>Cuphea carthagenensis</i>	Galho	Chá	1 copo	Pressão alta	-
<b>SOLIDONIA (PEGA-PINTO; AGARRA-PINTO; AMARRA-PINTO)</b>	<i>Boerhavia repens L</i>	Folhas; Raiz	Garrafada	2 raízes; 1 colher de sopa	Limpar a pele	-
<b>SÚCUBA</b>	<i>Himatanthus sucuba</i>	-	-	-	-	-
<b>TANGERINA</b>	<i>Citrus reticulata</i>	Folhas	Chá	1 xícara de chá	Hipertensão arterial	
<b>TAMARINO</b>	<i>Tamarindus indica</i>	Folhas	Chá	1 xícara de chá	Hipertensão arterial	
<b>TERRAMICINA</b>	<i>Alternanthera brasiliana</i>	-	-	-	-	-
<b>TREVO ROXO</b>	<i>Scutellaria agrestis</i> <i>A. St.Hil. ex Benth.</i>	Folha	Sumo, chá	4 a 5 folhas; 1 colher de sopa	Dor de garganta; dor no olho; dor de ouvido, ferimentos	
<b>URUCUM</b>	<i>Bixa orellana L.</i>	Raiz	Chá		Anemia	
<b>UXI-AMARELO</b>	<i>Endopleura</i>	Casca	Chá	Casca (10 cm de comprimento)	Dor de estômago e inflamação feminina	
<b>VASSOURINHA (COERANA- BRANCA, GANHA- AQUI-GANHA- ACOLÁ, TUPIÇABA, VASSOURINHA- CHEIROSA, CORRENTE ROXA)</b>	<i>Scoparia Dulcis</i>	Folha e flor			Problema de pele (coceira, alergia; diabetes). Problemas gastrointestinais (cólica, má digestão e hemorroida); problema respiratório (catarro, tosse, asma, bronquite), corrimento vaginal, vaginite, infecção urinária, dor de ouvido, malária, perna inchada, varizes.	Mulheres grávidas
<b>VINDICÁ</b>	<i>Alpinia zerumbet</i>	Flor	Chá	1 xícara de chá	Hipertensão arterial	